REVISTA DA SEMANA

Nº 9 ★ 1-3-52

CR$ 4,00
M TODO O BRASIL

ASSARICO
O GLÓRIA

PORTAGEM FOTO-
RÁFICA DO BAILE
AS ATRIZES.
Pág. 4

★

ERNAMBUCO
ESLUMBRANTE

OCUMENTÁRIO DO
NASCIMENTO PER-
MBUCANO.
Pág. 13

★

L PAI, TAL FILHO

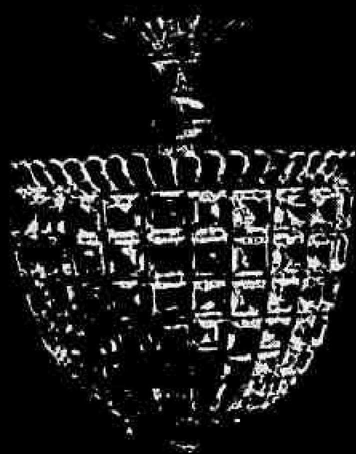
ENIGMA DA HIS-
RIA: STALIN SERÁ
HO DE GOMEZ DA
NEZUELA?
Pág. 34

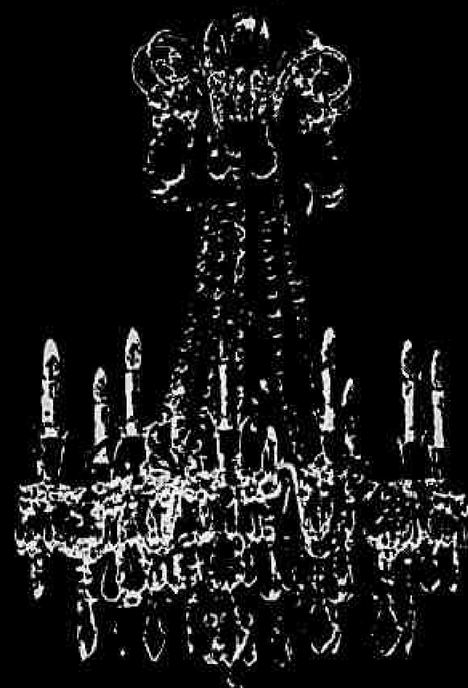


A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

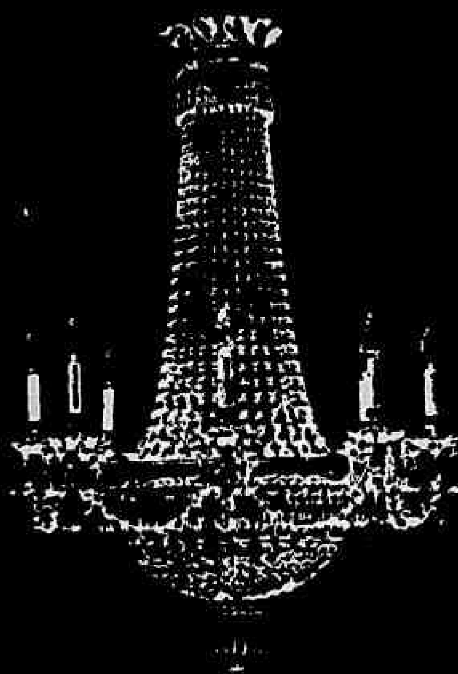
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



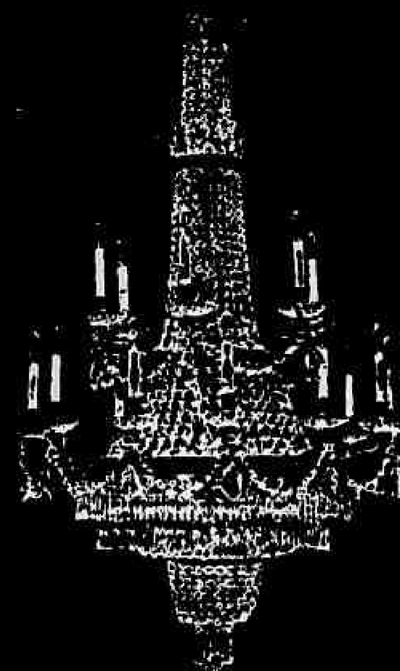




Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.



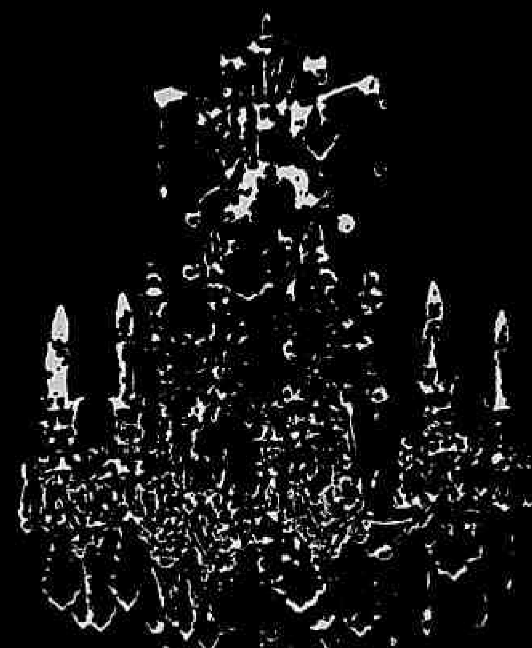




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 – FONE: 8-2958
S. PAULO

SENSAÇÃO E ATRAÇÃO

O jornalismo nasceu entre nós com a fôlha oficial, que imprimia os atos do govêrno e com o pasquim, no qual a política vazava os seus despeitos em linguagem de praia de peixe. Isso nos tempos do Rei D. João e de seu filho D. Pedro.

Em cento e cinqüenta anos, tantos decorreram até hoje, que extraordinário caminho fêz essa imprensa! Tome-se uma edição de jornal de domingo e tem-se para leitura de muitas horas uma enciclopédia, um almanaque, um romance, um ensaio, uma crônica palpitante e viva, que tudo ao mesmo tempo ela representa. Folhear uma revista é um prazer que solicita não só as faculdades do espírito mas ainda os sentidos. Diante de suas páginas, ler não é tudo. Ver as ilustrações, sentir o papel nas mãos, aspirar-lhe o esquisito perfume que traz das máquinas de impressão, enquanto nova, isso ainda é prazer.

Fabuloso caminho o da imprensa, sem dúvida. Mas um perigo ameaça fazer êsse gigante pequeno, tornar essa palpitação cansativa, transformar a vibração em monotonia: o sensacionalismo. Aos poucos, mas progressivamente, o jornalista brasileiro vai esquecendo que a sensação deve respeitar a dose para não cansar. Tôda emoção repetida esgota e o público que lê já começa a pedir um pouco de sombra e água fresca no papel impresso.

E' tempo de os nossos jornalistas se lembrarem da lição que nos fornece a imprensa européia, ainda uma grande mestra na medida, na graça e na sutileza. A sensação tem seu lugar e oportunidade próprios nas colunas da imprensa, que dúvida. Mas não é apenas a sensação que prende o leitor; existe também a atração, que o encanta com encanto mais duradouro.

Queremos fornecer ao leitor o tema Lapa, velho bairro que é sempre assunto e dos bons? A Lapa turbulenta é o aspecto sensação, que já foi mil vêzes explorado. Mas há uma Lapa que acorda cedo para comprar verduras, que vai à missa na velha igreja colonial, que manda as crianças estudarem na Escola Sto. Alberto (e as vemos, no recreio, em reinações por trás do gradil); há uma Lapa que desperta com a manhã e vai para a cama com as galinhas, sem pretenções nem dramas. Há os telhados da Lapa que dariam fotografias maravilhosas, à luz da alva ou na hora da Ave-Maria, se os fotógrafos se lembrassem de batê-las da varanda de um edifício da Avenida Beira-Mar, lembrando de que êles também cobrem meninas de saia e blusa que vão para o colégio pensando no namorado. Isso é humano, simples, tocante, ao gôsto de qualquer leitor.

Não vamos nos esquecer, gente minha da imprensa, que o assunto-atração tem tão bom quilate quanto o assunto-sensação. Afinal, a vida não caminha todo o dia de revólver na mão, entre bordéis e incêndios, fuzilaria e palavrão.

ALCEU MARINHO REGO

BRÔTOS & BALZACS













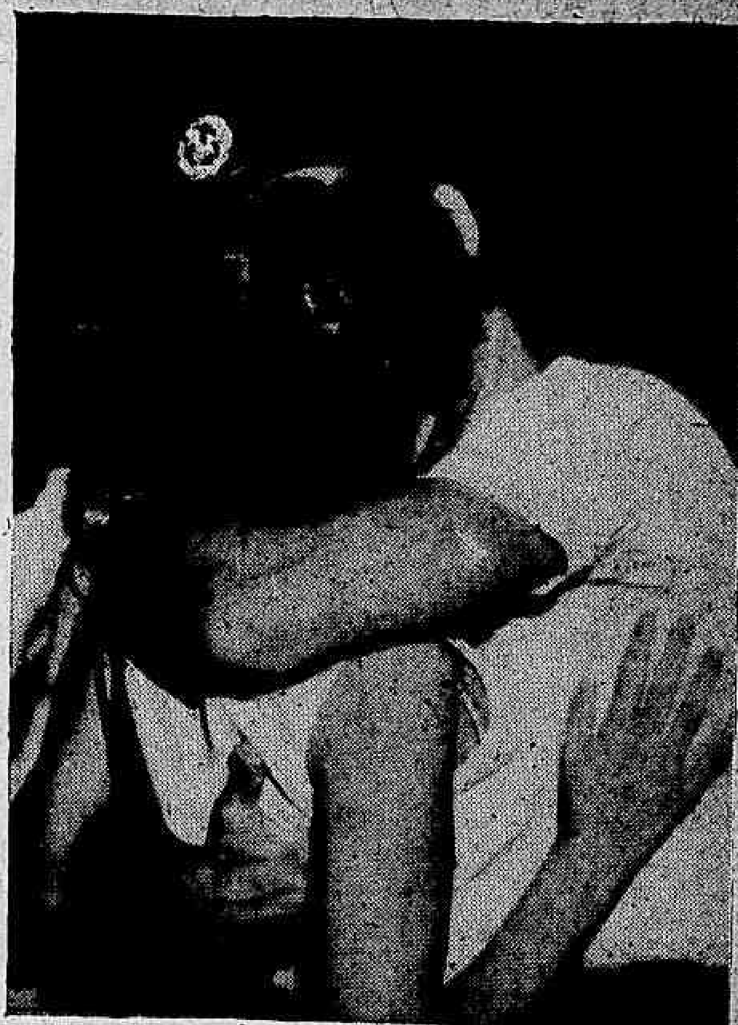




AMOR & ÉTER



SASSARICO NO GLÓRIA



ANIMAÇÃO E CONFLITO NO BAILE DAS ATRIZES. ★ UMA "PRÉVIA" DOS QUATRO DIAS DE LOUCURA. ★ DANÇAS, CORDÕES E BEIJOS COMO APERITIVO DA GRANDE FOLIA.

AS fotos desta página, tomadas durante o Baile das Atrizes, realizado nos salões do Hotel Glória, dispensam o texto que costuma acompanhar as reportagens. O verdadeiro Carnaval é quase uma história sem palavras, que se vive e não se escreve, assim as reportagens que êle inspira.

O sassarico do Glória não pede explicação, exceto uma: êle deu lugar a brigas e garrafadas, que preferimos não documentar. Estas páginas se tornam mais atrativas mostrando o que o baile teve de puro e gostoso Carnaval, que faz a fama do Rio no estrangeiro.





OS romances de Carnaval, que a luz da madrugada e o sal de frutas logo interrompem. Romances à flor da pele, onde os instintos desrecalcados não fazem lugar para os sonhos de amor.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Sassarico no Glória 4/5
Eu vi a guerra de perto (Fernanda Reis) .. 8/11
Terá vez a Duquesa de Windsor? (A.) 32/33
Tal pai, tal filho 34/35
Trevor Howard, "el borracho" (Leon Eliachar) 36/37

LITERATURA

Sensação e Atração (Alceu Marinho Rego) 3
Um encontro na estrada (conto de Guttorm Hanssen) 26/27

Segrêdo de alpinista (conto de Luís Carlos M. Maia) 30

ROMANCE

Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 28/29

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 6/7
Personagem da Semana 7
Puxe pelo cérebro 52
Palavras cruzadas (Renato Cartaxo) 53
Week-end na cozinha 58
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 59
Tudo isto aconteceu 62/63

CARICATURA

Pax 12

FEMININAS

Passeio (Ramon) 40/41
Sugestões elegantes 44/45

CURIOSIDADES

A ponte fantasma 39

ILUSTRAÇÕES

Orval — Jerônymo Ribeiro — Renato Souza

FOTOS

Nódgi — Avulsas — Arquivo

NA CAPA:

LINDA DARNELL

(U-International)

A Semana

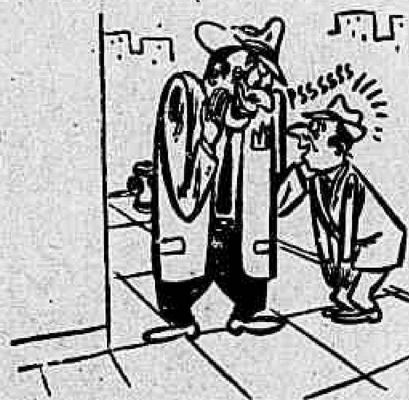
Medida sábia

EXCELENTE a providência que acaba de tomar o Departamento de Concessões da Prefeitura do Distrito Federal, tornando obrigatório para os autos-lotações, o seguro de responsabilidade civil em favor dos respectivos passageiros. Na verdade, quando um cidadão toma qualquer veículo e paga a passagem, está acobertado, pelo próprio Código Civil, de qualquer dano que porventura venha a sofrer na sua integridade física. O Código Civil determina as causas dessas responsabilidades, estipulando as condições: negligência, imprudência, etc., por parte do chofer. Mas não é êste o responsável, e sim a emprêsa proprietária dos veículos. Os ônibus já são obrigados, desde muito, a contratar com as Companhias de Seguros, tais apólices acauteladoras, e não são poucos os sinistros pagos. E os lotações, os micro-ônibus e carros semelhantes? Ainda estavam fora da Lei. Mas agora a Prefeitura resolveu normalizar a situação. Essa providência, porém, não devia ficar limitada a tais veículos, e sim estender-se aos táxis, aos bondes, aos trens, aos ônibus de turismo, enfim a todos os carros de transporte coletivo, incluindo-se nas apólices indenizações por perdas físicas se o passageiro não morresse do desastre, mas ficasse inutilizado para o trabalho ou viesse a sofrer qualquer dano sério. Duas apólices, portanto: uma, de responsabilidade civil, e outra de acidentes pessoais, num mínimo de cem mil cruzeiros em vida, e a mesma indenização para casos de morte. O seguro de Responsabilidade Civil é coisa que os maiores responsáveis ignoram, mas que o poder público tem que intervir para que seja cumprido.





Cautela, amigos!



O malandro não dorme. Durante todo o tempo de vigília êle se dedica a organizar planos para ludibriar os incautos. Está havendo no Rio, neste momento, a seguinte trapaça: uns espertalhões procuram servidores públicos e propõem tratar de seus processos para revisão de aposentadoria. Os tratantes prometem cuidar dos papéis com a maior urgência de maneira que os interessados entrassem sem demora no reajustamento, pagando-lhes, naturalmente, boas propinas. Muitos ingênuos caíram no conto dêsses chantagistas, enquanto outros, mais desconfiados, procuraram saber perante o Departamento do Pessoal da Prefeitura, o que havia a respeito. A diretora, d. Dulce Magalhães, mandou afixar imediatamente um edital alertando os interessados, prevenindo-os contra a criminosa manobra dos espertalhões. Explicou aquela alta funcionária que todos os processos de tal natureza estavam em dia e correndo os trâmites legais, não sendo necessário, absolutamente, que pessoas estranhas ao serviço se ocupassem de encaminhá-los ou dar-lhes andamento. Quaisquer dificuldades porventura surgidas devem ser comunicadas diretamente ao Departamento do Pessoal, que tomará as necessárias medidas para solucionar os casos. E que todos os funcionários se acautelem contra a esperteza dessa gente sem escrúpulos. Se algum dêles aproximar-se de funcionários para propor tais coisas, denunciem-nos como falsários, como chantagistas consumados, a fim de serem entregues às autoridades competentes. O assunto merece divulgação, e, por isso, o registramos aqui para orientação de quem nos ler.

Praias de futebol





MAIS uma vez vai a Prefeitura, unida à Polícia de Costumes e Diversões, tentar acabar com um dos mais velhos vícios de nossos banhistas: o futebol nas praias. Todos os anos há tentativas dessa natureza; mas, logo que a campanha arrefece, os jogadores voltam a tomar conta da praia em suas correrias e chutes contra os que não acham graça nenhuma nessa maneira de transformar uma praia de banhos em campo de futebol. Já nos temos ocupado dêsse mau hábito. Durante a temporada de verão do ano passado, houve diversos casos deploráveis em todos os postos de Copacabana. Um dêles foi a inutilização de cara máquina de fotografia de um casal que deixara o objeto sôbre uma peça de roupa, enquanto iam banhar-se. Perto funcionava um «campo de futebol» animado. Os rapagões corriam ferozmente atrás da bola e chutavam valentemente. Numa dessas vêzes a bola atingiu em cheio o montículo de roupa e jogou longe a máquina fotográfica. Por acaso o dono viu, lá do mar, o que se passava. Correu, apanhou o objeto, abriu-o e constatou sua destruição. Estava tôda quebrada por fora e por dentro. Que fazer? Brigar? Pedir indenizações? Resolveu retirar-se da praia e deixar os mal-educados a continuar com os seus coices impunes. Por várias vêzes, já êste ano, no Leme, jogadores de futebol causam contrariedades a senhoras e a crianças, atingindo-as em cheio. O delegado Cícero Brasileiro de Melo, em declarações à imprensa carioca, acaba de afirmar que, logo que a Prefeitura estabeleça a proibição, entrará com o policiamento. Vemos ver se, desta vez, se normalizará a vida dos que desejam descansar e tomar banho em paz na belíssima Copacabana Futebol Clube...

Em Revista

Luta contra a perdição



ESTAO em atividade (ou estiveram...) os comandos do Juizado de Menores do Distrito Federal. Todo mundo sabe que os filmes de maior interêsse para a mocidade escolar ou não, são os de história escabrosa, com fortes doses de devassidão. A Censura oficial decreta: imprópria para menores até dezoito anos. Então a rapaziada vem para as bilheterias e aumenta a idade: 19... 20... 19... 20... embora todo mundo perceba que não são tão velhinhos assim. Com a exibição do libertiníssimo «Lucrécia Bórgia», película que a França nos manda sem a menor cerimônia, o Juizado de Menores decidiu agir. A caravana se botou lá para a praça Saenz Penha (é preferível grafar assim porque não possuímos o «n» com til, e o nome do grande estadista não é Pena) e começou pelo cinema «Carioca». Foi uma safra! A fila em direção da bilheteria era constituída de jovens com 19 anos de idade. A autoridade pública proibiu-os de entrar. Ou então provassem a idade com documento hábil. Resultado: ninguém pôde provar nada. Eram menores de 18 anos loucos para ver as farras e as libertinagens do famoso degenerado. E o Juizado de Menores barrou-lhes a entrada. Há nesse assunto de proibição de menores de dezoito anos aos cinemas, uma particularidade para a qual chamamos a atenção das autoridades. Um jovem de dezoito anos é um cidadão constitucionalmente definido. Conhece todos os segredos da vida e da reprodução das espécies e sabe, de cor, tôdas as anedotas de papagaio. Lê na História e nos quadrinhos, os episódios mais repelentes. Por que sòmente o cinema seja veículo de perdição? Um rapaz de 17 ou 18 anos será ainda um inocente? E neste Rio?!

O drama do Sr. Cabello



O Sr. Benjamin Cabello está com a responsabilidade da COFAP, ou seja, a Comissão Federal de Abastecimento e Preços, sucessora da CCP — Comissão Central de Preços. Mas, ao contrário do que muita gente pode julgar, o problema máximo do auxiliar do Presidente da República na batalha de abastecimentos e preços de gêneros de tôda espécie, não é descobrir onde está a carne verde, o arroz, o feijão. Nem tão pouco o de encontrar meios para baixar os preços dêsses e de outros comestíveis. O drama do Sr. Cabello é o de atender aos milhares de pedidos de empregos que surgem por todos os «canais competentes». Depois de ter conseguido ampliar as suas funções, outorgando-lhe o Catete poderes ilimitados e recursos suficientes para comprar gêneros e vender ao povo, diretamente, o Sr. Benjamin Cabello ficou sitiado por uma dificuldade para a qual não organizara nenhuma subcomissão: a dos pedidos de empregos! O presidente da COFAP, logo que foi divulgado estar êle escolhido para organizar uma CCP mais vasta e mais eficiente, foi afogado em pedidos de tôda espécie. Diz êle que, certo governador do norte, mandou uma lista de sete parentes. Deputados, senadores, ministros, altas patentes de nossas fôrças armadas, advogados, médicos, jornalistas, industriais, comerciantes, etc., todos tinham candidatos a apresentar ao Sr. Cabello. Que diabo! Há no Rio e nos Estados milhares de pessoas de ambos os sexos que estão com os olhos na seara dos Abastecimentos, e nada mais agradável do que sermos abastecidos com um bom emprêgo. Mas não há verba, e os dez mil pedidos, em 15 dias, chegaram a custar os cabelos da cabeça ao martirizado Cabello...

Aconteceu... em futebol



ALBELLA e Moreno são dois grandes jogadores de futebol da Argentina, nos quadros do Banfield, de Buenos Aires. Um bom chutador é mercadoria que está valendo milhões, especialmente no Brasil. Ao tempo do amadorismo, o jôgo era inocente. Os «players» entravam em campo movidos, exclusivamente, pelo desejo de conseguir a vitória para seu clube. Agora, porém, se dá o contrário. Quando um jogador atinge os galarins da fama, êle tem em vista, principalmente, o seu futuro traduzido em dinheiro. Nada de bairrismos e clubices do século passado. Um «crack» dêsses que produzem pânico nas linhas adversárias é coisa que está por cima da carne-sêca. Um bom jogador de futebol vale muito mais do que um cientista, um escritor, um catedrático. Pode ser até analfabeto. O de que se precisa é de que saiba driblar, fintar, chutar a «goal». Por isso os dois grandes jogadores do Banfield, lá de Buenos Aires, foram cobiçados pelos clubes brasileiros. O «São Paulo» cobriu tôdas as ofertas feitas aos mesmos: um milhão e duzentos mil cruzeiros pelo «passe»! Os argentinos estão desolados com a perspectiva de perderem os dois generais da cancha. O Banfield já aceitou a proposta, louco para receber a bolada. Falta apenas que os dois se decidam, o que se espera a qualquer momento. O famoso clube paulistano tem dinheiro, prestígio e muito crédito nos Bancos. Isso de dois, três milhões de cruzeiros para a compra de bons jogadores é coisa sem importância. Estamos em plena era do futebol, clima social e popular de muito mais importância do que qualquer outro assunto neste país. E que haja dinheiro e jogadores!

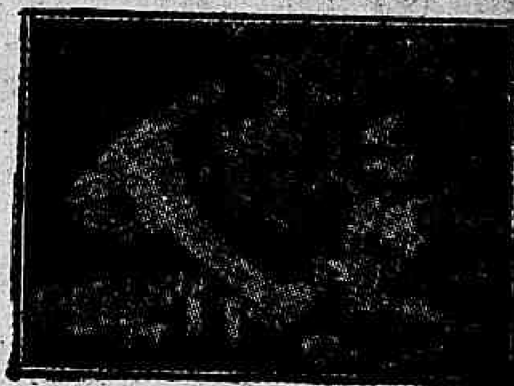
A PERSONAGEM DA SEMANA



Tenente Omar Panaim

MAIS uma vez a cidade de Varginha passou dias de intenso nervosismo, com o julgamento do tenente Omar Panaim, que, a 18 de agôsto de 1950, abateu a tiros o padre João Batista de Carvalho, vigário de Maria da Fé, no sul de Minas. Submetido a julgamento, foi o militar absolvido por cinco votos contra dois; mas, tendo a promotoria apelado, o Tribunal de Apelação de Belo Horizonte mandou-o a novo júri, o que se deu a 19 de fevereiro. O tenente Panaim teve como seu principal defensor o advogado Evandro Lins e Silva, cuja argumentação destruiu todo o trabalho da promotoria e dos auxiliares da acusação, em cujo número estava o dr. Ataliba Nogueira, líder católico e monarquista, residente em S. Paulo. O móvel do crime, como o Brasil inteiro sabe, girou em tôrno de um ato delituoso do vigário de Maria da Fé, o qual, segundo é corrente, a confissão da irmã de Panaim e a «vox populi» local, seduzira a jovem mediante promessas de casamento, disposto que estava a deixar a batina e ingressar na vida civil. Logo, porém, que a ofendida reconheceu que o sacerdote não estava com intenções de cumprir sua palavra, revelou à família a situação em que se achava, tendo seu irmão, o tenente Omar Panaim, ido procurar o padre e, suassòriamente, pedido que êle cumprisse a promessa, casando-se com a moça. O sacerdote, porém, dizem as informações, entrou em discussão violenta com o militar, terminando por sacar de um revólver para matá-lo. O tenente, porém, agiu ràpidamente, tomou-lhe a arma e atracou-se com êle, resultando a morte do vigário. Tudo se passou dentro da igreja de Maria da Fé. O primeiro julgamento arrastou milhares de pessoas para Varginha. O segundo, agora a 19 de fevereiro, redobrou de interêsse. De 19 para 20, ninguém dormiu na grande cidade mineira. A sessão foi irradiada. Os hotéis, pensões e casas particulares estavam superlotados. Durou mais de 17 horas o julgamento, tendo terminado às 5.15 da madrugada de 20, quando foi proferido o «veredictum»: Absolvido por 4 a 3! A cidade ficou com sua vida convulsionada. Se houvesse falhas no processo a promotoria ainda poderia apelar dentro de cinco dias. Mas isso não é provável, e o tenente terá a liberdade plena depois do mais sensacional júri dos últimos tempos.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

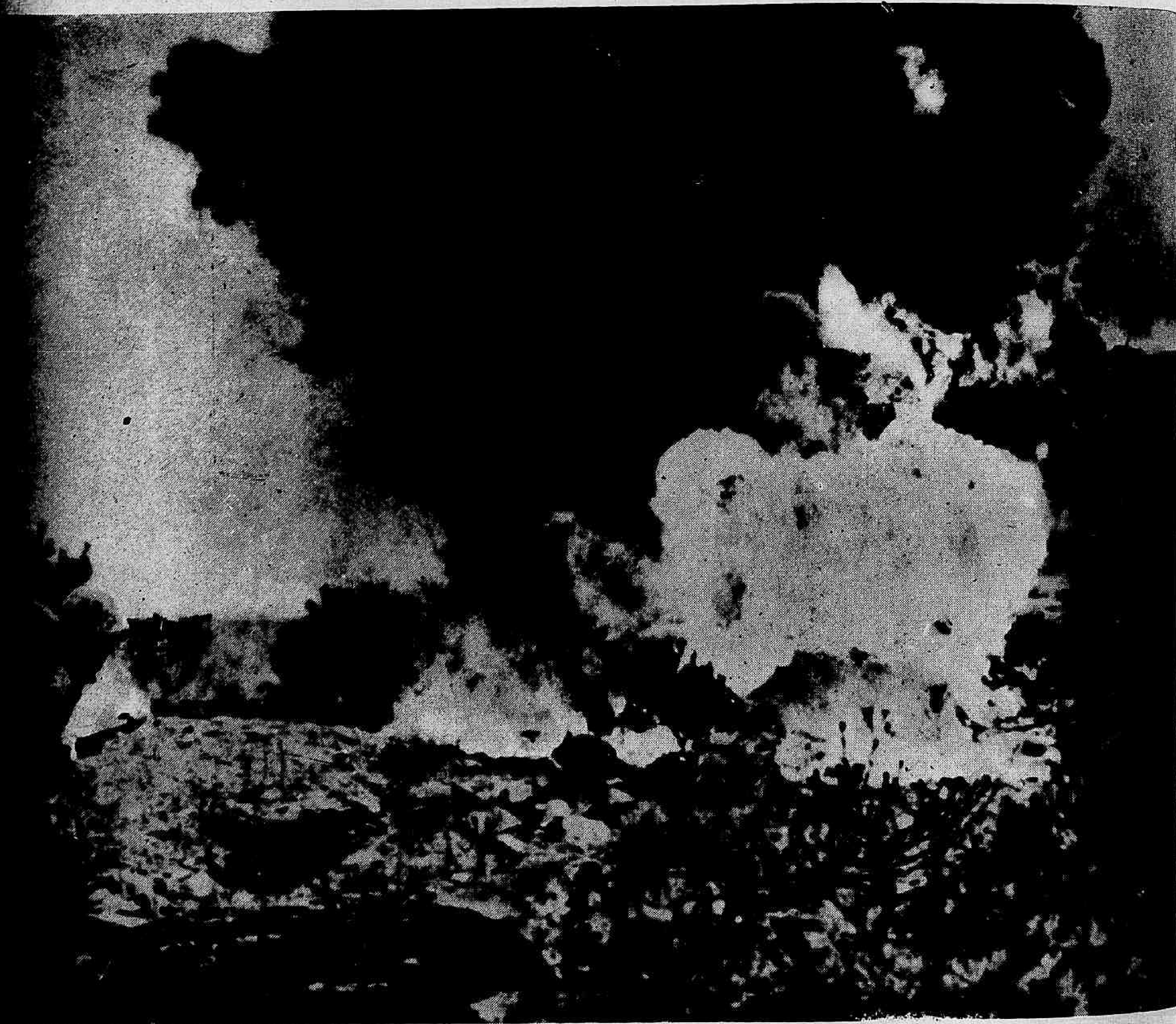
Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

FERNANDA REIS NA CORÉIA - 5

EU VI A GUERRA DE PERTO



OS LANÇA-CHAMAS mostram nesta foto o seu poder mortífero: assalto a um ninho de metralhadoras.



"FUJA MISS", BERRAVA A SENTINELA NA MINHA BARRACA. ★ O TROPEL DOS CAVALEIROS DO APOCALIPSE. ★ INÓSPITA A PAISAGEM ASIÁTICA. ★ "SOU UM POBRE CHINÊS", EXCLAMOU O COMUNISTA ATERRORIZADO ★ OS PADRES CONDUZEM A BATALHA SEM HISTÓRIA DA BONDADE

EU VI A GUERRA DE PERTO

HORAS mais tarde acordo aos berros da sentinela e aos puxões que dava na barraca, sem, no entanto, se atrever a abrí-la.

— O inimigo está aí, Miss, fuja! exclamava.

Os tiros eram contínuos. Meus ouvidos, habituados aos ruidos dum Mundo em relativa paz, ficaram tensos, pelo som, completamente ensurdecedor, dos canhões, das descargas das metralhadoras e do zunir das balas, que passavam com o barulho característico: "zim-zim-zim..."

Minhas mãos não conseguiam abrir o fecho eclair da barraca. Era bem pior do que peder uma chave normal! A sentinela parecia enlouquecida por não me ver aparecer. Uma voz autoritária, (classifiquei-a de "fala" de oficial superior...), gritou-me àsperamente: De que é que está à espera?...

A ironiazinha devolveu-me a calma.

Apesar da balbúrdia, o oficial verificou, quando apareci, se eu trazia a pistola e st o capacete de aço ficava bem firme na minha cabeça.

O acampamento estava sob fogo, fumo e poeira. Homens, cujos rostos não distinguia, mas nos quais adivinhava expressões terríveis, correm, empurram-me, atormentados pela necessidade de matar, ardendo na ância incontida de terminar esta guerra absurda, incrível, tendo todos os sentimentos bons embotados por uma luta sem tréguas. Penso que êles estejam com os olhos vidrados, como os cegos, caminhando indiferentes a tudo que não seja eliminar o adversário. Dedos nos gatilhos ou mãos empunhando uma baioneta, prontos a acabar com homens que não conhecem, que jamais viram antes que êstes os matem.

"MÊDO FEMENINO..."

Neste ambiente, em que não desejo voltar a viver, estava "sòzinha". Era a única mulher. Um frio inexplicável subiu pela minha espinha. Não procurei identificar a causa. Demais sabia eu o nome dessa esquisita sensação que se chamava, simplesmente: MÊDO. Não o sentia dos homens, demasiado alheados num morticínio. Era um mêdo todo especial, quase físico; um mêdo que doía, um mêdo palpável, um mêdo, emfim, do desconhecido e do que se estava passando tão perto de mim e — estranha coisa! — tão longe, ao mesmo tempo, da minha percepção. Dar-lhe-ei, de hoje em diante, para uso da minha imaginação, um rótulo: mêdo feminino. Porque êle é tão diferente de tudo o que senti até agora que bem merece êste nome especial.

ALGUNS CAVALEIROS DE APOCALIPSE

O combate havía começado trazendo um séquito de amarguras, de sofrimentos físicos, de atos julgados inverossimeis, quase irreais, tamanha a brutalidade! Alguns Cavaleiros de Apocalipse faziam ouvir o tropel da sua cavalgada fatídica. E a morte começava abrir clareiras irremediáveis naquela seara humana, feita de tantas vidas jovens. O drama começara. Era um drama cotidiano, é bem verdade. Todos os dias e noites se combate. Mas, para mim, era o primeiro levantar de pano no cenário trágico que tinha por palco a Coréia. E, se eu fôsse uma jornalista endurecida por estas visões, diria, clnicamente: "Bem, o espectáculo começou. Vamos a descrevê-lo!" Mas, é-me impossível a idéia de que, homem ou mulher, possam pensar, desta maneira controlada, frente a tanta destruição.

Corpos cheios de esperanças, de saúde, de romantismo, de desejo de viver, ficam, num momento, transformados em montões de carne e de ossos, ensanguentados, sem feitio da gente que fôram, mutilados, dispersos, parecendo, — que Deus me perdôe a comparação, — peças de um "puzlle" monstruoso.

Intestinos à mostra, fora até dos ventres, peitos rasgados, costas abertas, cabeças longe dos corpos, caras sem nariz, bôcas prolongadas por um golpe até ás orelhas, órbitas vazias — mais custosas de ver que a última expressão de sofrimento atroz que mora cm olhos mortos — tudo isto ficou para a jornalista se impressionar, após têr passado o mais implacável assassino do grupo dos Cavaleiros de Apocalipse: a morte. E, a ela, nessa madrugada, foi-lhe entregue a fina flor da juventude das tropas da O. N. U.

FUGIR! MAS, PARA ONDE?!

Rastejo pelo chão esfrangalhado, com a alma tão triste como as cenas que acabo de ver. O mêdo foi-se embora sem me dar uma explicação. Meus olhos estão secos e seguem, fascinados, os movimentos das minhas mãos, sujas pela terra, em busca dum apoio para seguir, colada a ela, procurado, com surdo desespêro, um hipotético abrigo. Devo de têr a cara imunda, porque a escondi, várias vêses, na lama do caminho para furtar-me a ver os clarões dos lançachamas, da tragetória luminosa das balas e das figuras sinistras dos homens que morrem e matam, aos berros, na loucura coletiva da luta pela sobrevivência, da luta inenarrável do mais forte, do mais ágil, do mais jovem, do mais impiedoso...

Céus! Será que conseguirei chegar a alguma trincheira? Há quantos anos iniciei esta fuga? Há que séculos abandonei a proteção da minha simpática barraca de campanha? Está tudo tão longe de mim como se eu tivesse voltado aos anos da minha meninice, onde a dôce voz da minha Mãe morava, e era o meu Mundo! E' interessante verificar como, — em perigo de morte, — nos lembram nitidamente, coisas pueris da nossa infância!

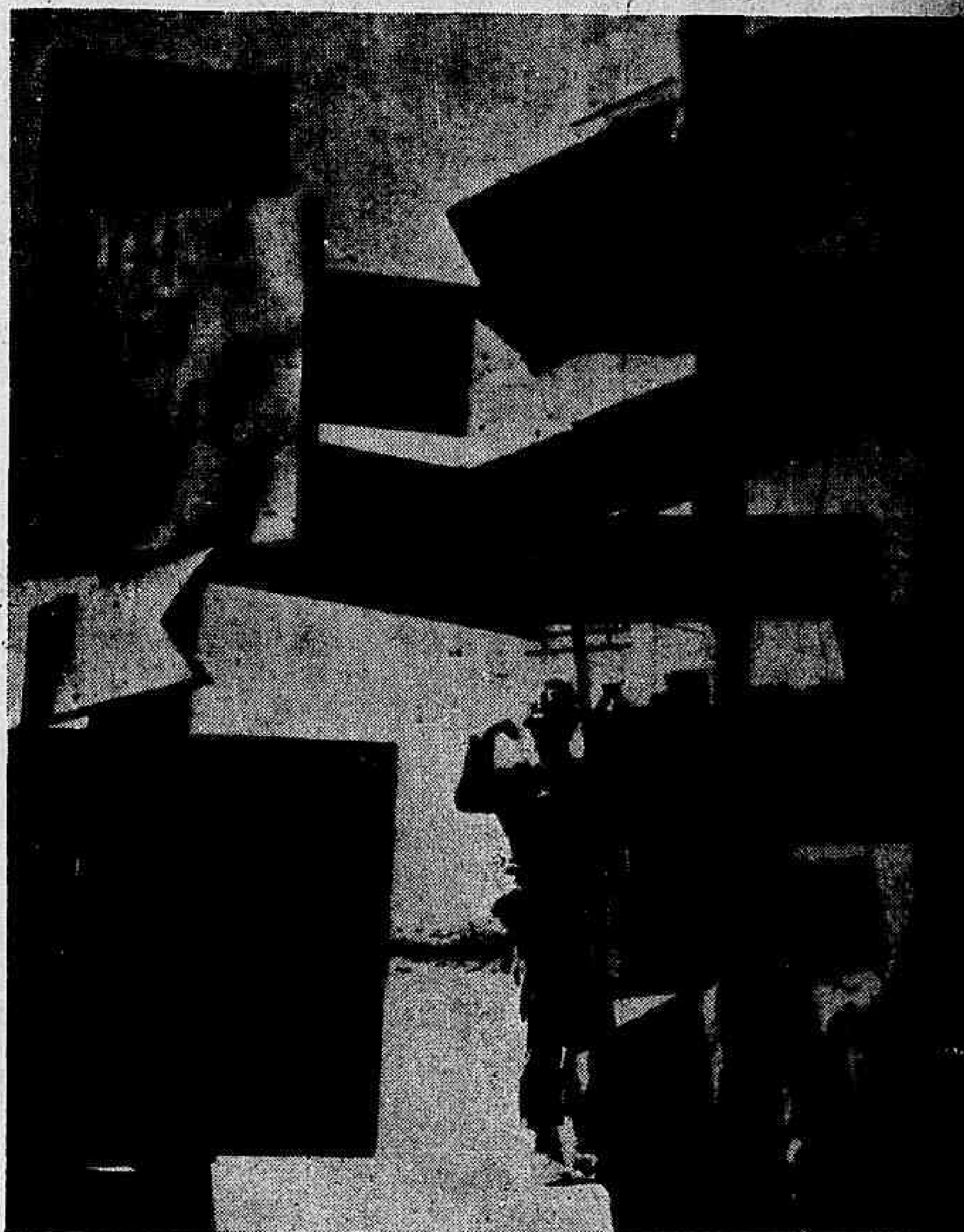
E, quando afinal consegui tatear a beira da trincheira amiga e jogar-me, dum salto, dentro dela, atascando-me em lama e água suja até aos joelhos, fiquei quieta, ensopada por um suor terrível o qual fazia bater meus dentes com um ruído tal, que, no meu pânico, julguei que pudesse ser ouvido a quilômetros de distância... Braços em cruz, corpo bem cingido à terra, o capacete de aço quase derrubado, a pistola jogada, por mim, com horror, a distância, fiquei alí estendida, com a respiração ofegânte, e o corpo percorrido por desconhecidas dores morais, aniquilada e exausta.

Sentia-me a mais infeliz das mulheres, impotente e sofredora, por ter visto passar — tão perto que minha coragem sumiu — a MORTE.

E assistira, apática, à recôlha brutal que ela fizera!



UM MEMBRO da Primeira Divisão da Marinha dos Estados Unidos manobrando um lança-chamas na Coréia.



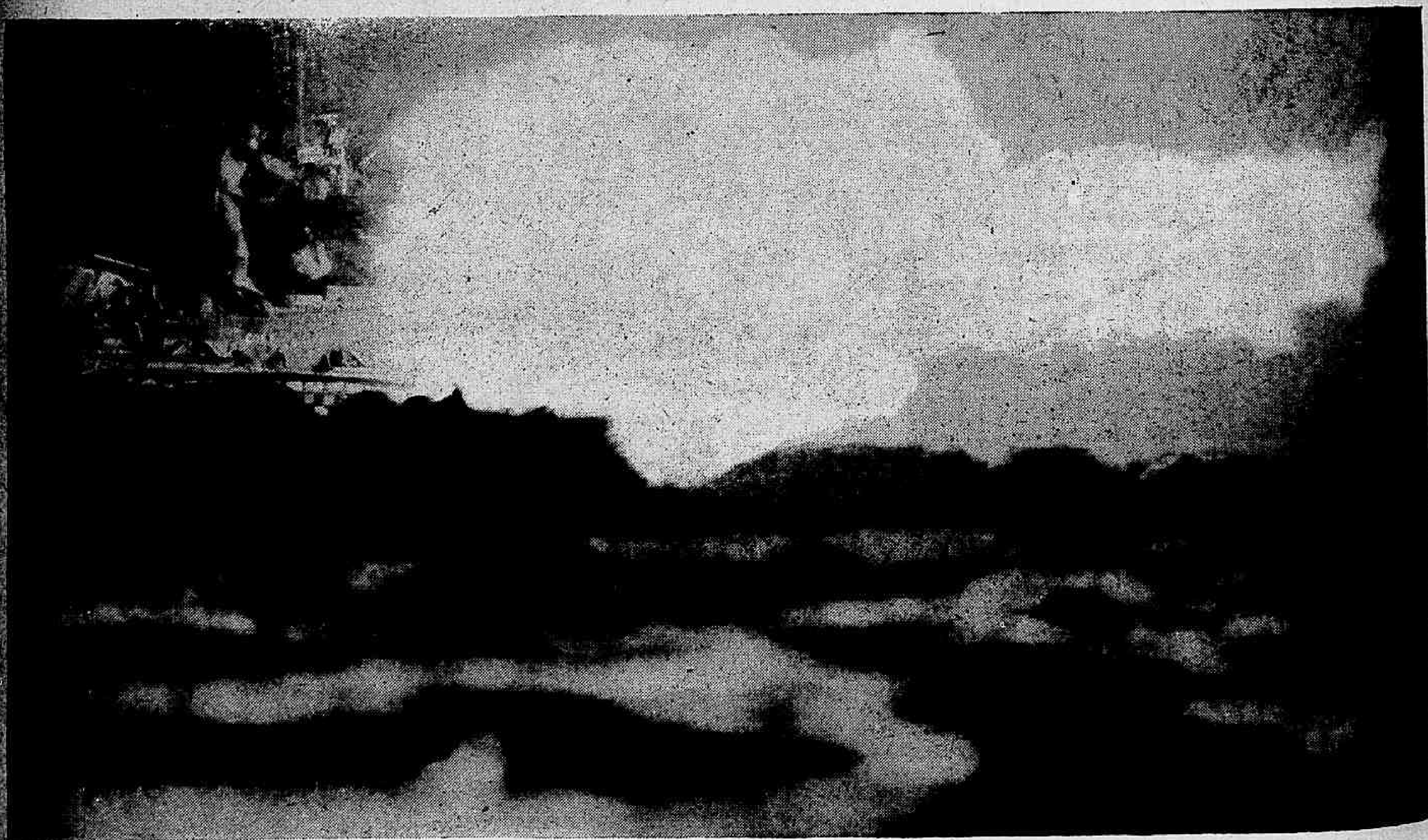
UMA ENCRUZILHADA do mundo: sobem e descem por aqui, em várias direções, os transportes militares.



CONFÔRTO de espírito para quem vê a morte perto, todos os dias: soldado americano lendo a Bíblia.

REAÇÃO NORMAL ? VOCÊS ACHAM ?

Verdadeiro pavor tomou conta de mim. O contrôle forçado com que assistira à luta "corpo a corpo", ao som dos tiros, aos ataques de baioneta calada e ao crepitar sinistro dos lança-chamas, abandonou-me. Torci minhas mãos num desespêro, que era uma confissão de impotência perante os resultados sangrentos da luta, e, de olhar fixo, comecei uma corrida louca, sem destino, cega pelo mêdo, acicatada pelo horror, sentindo o meu corpo como que dobrado em arco e meu espírito esporeado, igual a cavalo bravo, por cavaleiro desumano. No fim da correria, que ninguém tivera tempo de deter, acabei como a havia começado, abruptamente, e mirei horrorizada minhas mãos, minhas botas e as calças compridas do meu uniforme. E, ao ver-me manchada de sangue, que não era meu, pensei no que havia pisado na minha louca disparada, nas quedas que dera e ao que me teria agarrado... Compreendi que tinha passado, como um furacão, sôbre corpos esfrangalhados. Então gritei como jamais pensei que o pudesse fazer. E, ao ouvir meu grito, fiquei estática, tremendo, porque êle nada tinha de humano. Um oficial deteve-me quando me preparava para nova correria. Alguém me levantou do chão, sacudindo-me rudemente. Ouvi órdens das quais não apreendi o sentido e, finalmente, como uma benção de Deus, as lágrimas rolaram, cortando o fio tênue que me levaria à loucura se elas não surgissem. Olhei em volta envergonhada, por tão grande prova de fraqueza, quando reparei que alguns combatentes estavam sendo sujeitos ao mesmo tratamento...



O QUE PARECE um belo fogo de artifício, acima, é uma operação de guerra à margem de um rio coreano.

A APENAS um quilômetro da linha de frente, soldados das N. U. assistem à missa durante o Natal.



... VISÃO DUM AMANHÃ, QUE NÃO SABEMOS SE VALERÁ A PENA !

Recordei o que vira. A luta "corpo-a-corpo" é a realidade mais feroz, o espectáculo mais horrível a que se pode assistir. Homens que rasgam outros, de cima a baixo, dando gritos que rivalizam com rugidos de animais em fúria. Palavras raivosas, insultos e gargalhadas de gente enlouquecida pelo pavor da luta, até antes de começá-la, fizeram parte do "clima" de que se rodeou o combate a que acabara de assistir. Os homens transformaram-se em algo sem nome. São feras enraivecidas cujo desejo é só matar, destruir, eliminar de qualquer geito quem se lhes oponha, esquecidos da qualidade de sêres humanos, do que aprenderam acêrca da bondade e da lealdade. Suas mãos ficam famintas das vidas dos adversários e ambos — e soldados vermelhos e soldados da O. N. U. — rivalizam em ferocidade. Suas mentes, [illegible] curecidas por um ódio mútuo, ordenam-lhes uma coisa só: aniquilamento. O san[illegible] que corre, que lhes encharca as mãos e as fardas, é a côr mais alegre, mais su[illegible] tiva, que já viram. E' como uma bebedeira. A bebedeira mais estranha, mais horr[illegible] a que assisti. Poderão voltar êstes homens — se sairem com vida — a ser iguais [illegible] que foram antes da guerra? Essa é, para todos nós, a interrogação mais dolorosa. [illegible] bemos, de antemão, a resposta cortante: NÃO ! Homens saidos dêste inferno, [illegible] banho de ferro e de fogo, terão sempre, ao deparar-se-lhes problemas até banais, o [illegible] pulso de os resolver violentamente.

(Continua na pág. 56)



EM ALGUM lugar da Coréia o Oitavo Grupo de Artilharia do Exército americano atira com seus longos canhões.



JOHN BULL — Não já acabou o Carnaval ?!

TIO-SAM — Êsse gajo vive mascarado o ano inteiro !...

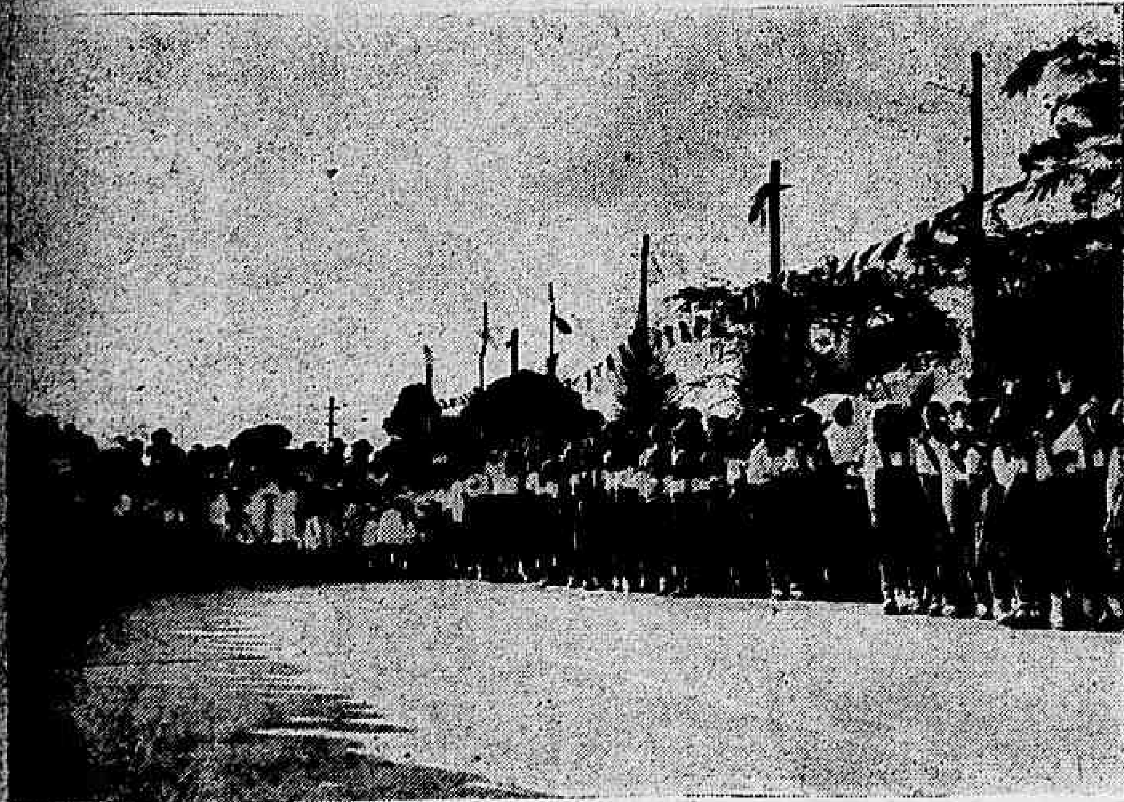


"Governar, só assim: arrecadando o dinheiro público com vigilância e zêlo, para transformá-lo em benefício da coletividade"



PREFEITO DE S. LOURENÇO discursa por ocasião da inauguração da nova estrada pavimentada S. Lourenço-Tiúma, um dos pontos altos da administração Agamenon Magalhães, vendo-se a seu lado, entre outras pessoas de destaque da administração do Estado, o industrial José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco.

PERNAMBUCO DESLUMBRANTE



TIÚMA JÁ possui excelente colégio, como se vê aqui pelo avultado número de alunos.



APÓS A inauguração da estrada o Sr. Governador Agamenon Magalhães passa entre alunos.

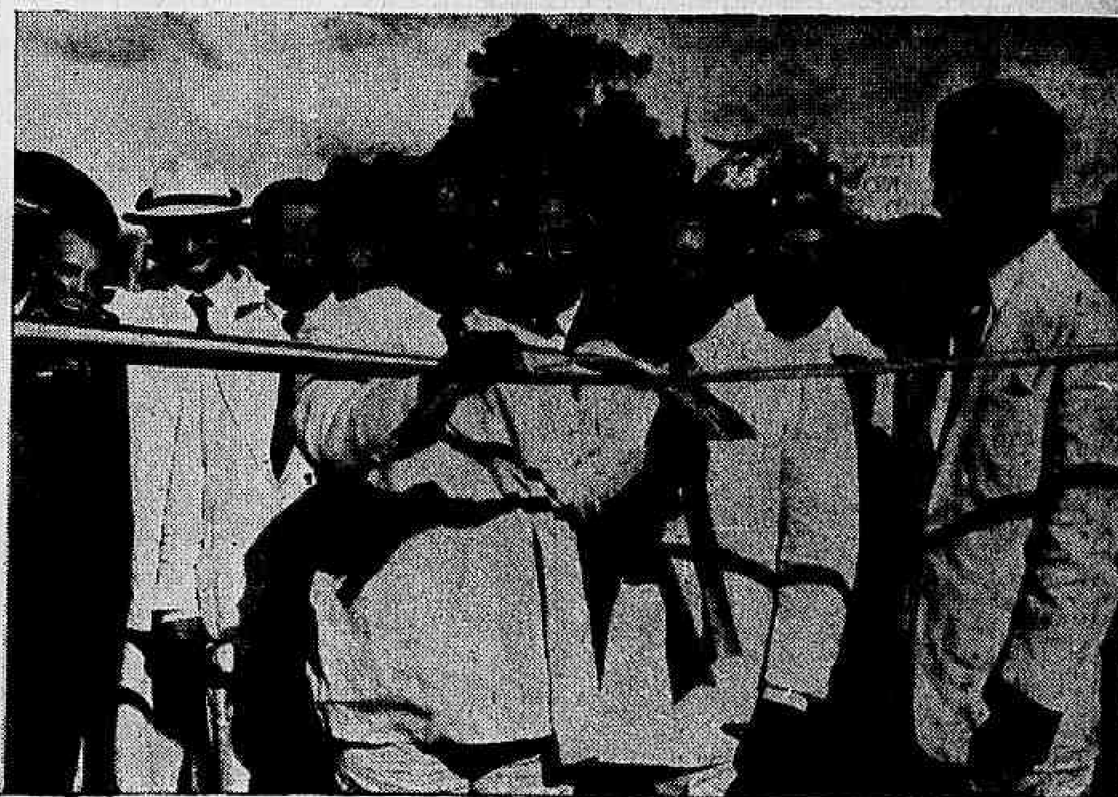
UMA VISTA panorâmica do que é a nova estrada S. Lourenço-Tiúma, via de grande movimento e escoadouro central para o município do Recife e tôdas as suas vizinhanças.

NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO GOVÊRNO **AGAMENON MAGALHÃES** — A "POEIRA DAS RUAS" CONSAGRA UMA ADMINISTRAÇÃO — AS LIÇÕES DA HISTÓRIA E A CAPACIDADE REALIZADORA DE UM HOMEM

Texto de S. L. GUIMARÃES ★ Fotos de ARLINDO BARBOSA



UM FUNCIONÁRIO da Usina Tiúma usa da palavra saudando o Governador de Pernambuco.



O CHEFE do Executivo Pernambucano, desata a fita simbólica, inaugurando a estrada.



O QUE é a nova estrada de rodagem Ibura-Prazeres, com seu amplo leito asfaltado, libertando os viajantes da incômoda poeira fina e irritante das zonas do litoral.

O Estado de Pernambuco, cujo povo, pelas suas tradições de bravura e natureza indômita desde os primórdios da colonização, lhe deu o título de «Leão do Norte», depois de atingir o fastígio de seu desenvolvimento através da indústria do açúcar, como o maior produtor do país, caiu em estagnação. A política chamada «dos governadores», sistema inspirado pelo presidente Campos Sales, proporcionou apenas a centralização no Rio, do movimento da periferia, matando a iniciativa particular, subordinando os Estados ao poder central com sede no Rio. Ser governador nada mais era do que tornar-se uma espécie de donatário constitucional de um feudo, multipartindo-se pelos municípios sublugares de chefetes políticos senhores de eleitorado de cabresto, dos quais se compravam os votos mediante o pagamento de um par de borzeguins, uma roupa de «carregação», um chapéu ordinário. Os Estados do Nordeste e do Norte do país muito se amesquinharam com a política de submissão ao Catete, perdendo cada unidade da federação a sua autonomia funcional.

Pernambuco teve em Rosa e Silva o seu último donatário privilegiado.



A CARAVANA governamental que assistiu à inauguração da estrada Ibura-Prazeres.



O Sr. Armando Monteiro Filho, Secretário de Viação, quando falava no ato inaugural.

Rosa e Silva vivia no Rio, rendendo homenagens ao Presidente da República, a quem devia sempre a estabilidade governamental. Eleição contra o govêrno era tolice. Os oligarcas do Nordeste jamais poderiam perder um pleito, pois que estavam à sua disposição na perpetuação da família, os técnicos das atas falsas em eleições a bico de pena, as comissões apuradoras na Câmara, os chefes políticos municipais, as mesas organizadoras e... a matemática final para a soma dos votos. Era inútil persistir na luta contra os governadores. Govêrno nunca perdia eleição, já se tornara axioma popular. Para tamanho «prestígio», tais administradores nada faziam que merecesse os aplausos e os votos do povo. As populações apenas sabiam que o govêrno era poderoso, morava em palácios faustosos, possuíam riquezas e dispunham da fôrça armada. As cidades mais populosas viviam na mais completa decadência. O Recife, por exemplo, fazia vergonha. Dizem mesmo que, em certa rua do bairro do Recife, na zona do pôrto, um português mantinha uma vaca de bezerro novo em sua própria casa, um sobradão de biqueiras para a rua, sombrio e pesadão. Para mudar a vaca foi preciso retirá-la por meio de cordas lá de cima até ao chão! O lixo, as vielas estreitas e imundas, a febre-amarela, a bubônica, a varíola moravam no Recife, cidade bela na sua posição topográfica, embelezada pelos rios e as pontes que lhe ornamentam a fisionomia de Veneza Americana. Mas os governos eram compostos de homens sem idéias, sem percepção dos problemas sociais, sem nenhuma qualidade para agitar os temas em proveito da coletividade. O século XIX foi o século das luzes, das maiores descobertas científicas, o século da ebulição humana em todos os sentidos. Mas os Estados do Nordeste viviam como que na esquina do planêta, sem o menor sinal de existência em face do progresso que já resplandecia por êsse mundo.

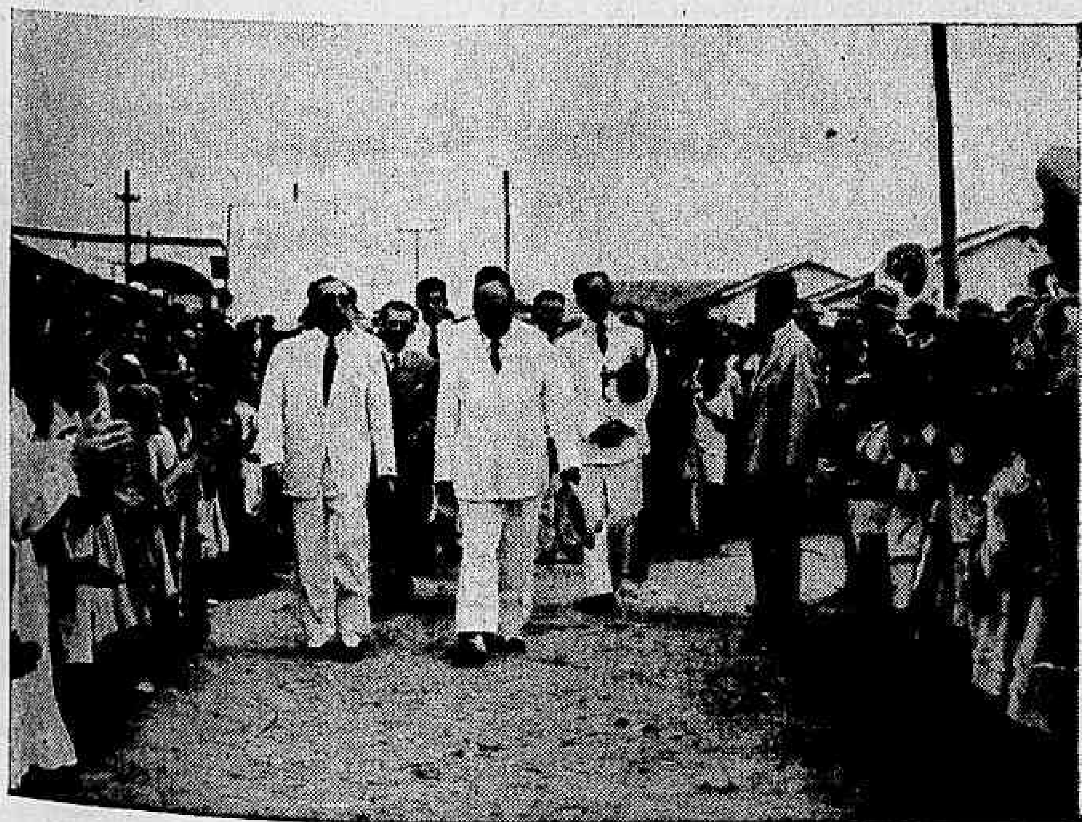
Um dia, como se se houvesse tocado na varinha de condão de alguma feiticeira ou Fada providencial, houve enorme reboliço por todo o Nordeste, chegando a ecoar no extremo norte do Brasil. Hermes da Fonseca, orientado por Pinheiro Machado, vibrou tremendo golpe no arcaico sistema político dos donatários do Nordeste brasileiro e começou a derrubada dos governadores. Pernambuco vibrou com a figura ainda hoje memorável do general Dantas Barreto. Derrotado Rosa e Silva da chefia po-



A GUERRA contra o mocambo. Discursa o Governador de Pernambuco, tendo à sua direita o Sr. Sérgio Godoy, líder do PSD na Câmara Municipal do Recife.



O PRESIDENTE do Serviço Social Contra o Mocambo (SSCM), engenheiro Jorge Martins, inaugura, com o Governador, 300 casas operárias no Engenho do Meio.



O GOVERNADOR do Estado em companhia do engenheiro Jorge Martins, Presidente do SSCM.



NO ENGENHO do Meio foram inauguradas 300 casas para os trabalhadores pelo SSCM.

PERNAMBUCO



UMA DAS preocupações do Governador Agamenon: libertar o Recife do horrível mocambo. Inauguração da sede do Serviço Social Contra o Mocambo.



O PRESIDENTE do SSCM, engenheiro Jorge Martins, quando pronunciava o seu discurso, diante do Governador, autoridades e pessoas de destaque.



O GOVERNADOR Agamenon Magalhães na inauguração da sede do SSCM, entregando-a ao povo.

lítica de Pernambuco, seguiu-se uma série enorme de outras expulsões, Estado por Estado. Era um fim de mundo. O Recife festejou a chegada do «brioso general» ao som da «Vassourinha», convertida em hino cívico dos pernambucanos.

Data da gestão Dantas Barreto o surto de progresso do Recife. Ajudado por nomes de grande valor na engenharia, a cidade começou a mudar de «toilette», aformoseando-se, pondo abaixo velharias, remoçando e atraindo capitais. Avenidas largas e arejadas foram abertas. Bairros saneados. Rios dragados. Um sôpro de confiança e entusiasmo sacudiu a juba do «Leão do Norte», e o seu povo experimentou os benefícios de uma administração violenta e audaz. Na safra de espadas que o Catete semeou foi Pernambuco o Estado mais favorecido. Dantas Barreto deixou vigorosos traços de sua passagem pelo palácio do Campo das Princesas.

O episódio, porém, ao invés de educar o povo no sentido cívico da democracia, desorientou-o para a interpretação malsã do recurso à escamoteação para a conquista de novos administradores. O valor do voto, sua seleção, a campanha orientadora no sentido da educação popular, tudo isso sofreu decaídas alarmantes. Os pernambucanos, que já gozavam da fama de revoltados e turbulentos, sentiram na alma o borbulhar dêsses impulsos nutridos pela politicagem impenitente. E o próprio general Dantas Barreto, quando pretendeu outra vez disputar em Pernambuco a vitória nas urnas, sentiu que era o povo de seu Estado que lhe surgia com hostilidades e já não mais reconhecia o seu renovador de 1911 a 1914.

O que faltava a Dantas Barreto era um maior conhecimento da psicologia popular, maior tática política. O autor da «Condêssa Hermínia», possuía, especialmente, espírito militar forjado desde os seus 15 anos, quando serviu na campanha do Paraguai, robustecendo-se êsse espírito em Canudos que lhe valeu o pôsto de coronel, por bravura.

Os governadores que teve o Estado de Pernambuco não se caracterizaram por diretrizes de caráter social. Alguns se preocuparam com o embelezamento da capital, criando jardins e calçando algumas ruas. Mas, ao lado de ruas pavimentadas estendiam-se os mocambos, essa praga horizontal dos alagados do Recife, a envergonhar, não os que ali moravam, infelizes proletários sem direito a casa, mas os próprios administradores que não viam a «poeira das ruas», digna de possuir um teto.

O mocambo é a «favela» pernambucana. Morar em mocambo é pior do

DESLUMBRANTE

que residir em favelas do Rio. Esta, pelo menos, é subindo morros; aquela, enterrando-se na lama. Uma procura o espaço livre, enquanto a outra, se atola no atascal de imundícies e de podridão. O Recife era uma cidade semelhante a uma chaga em cujo centro a terapêutica já houvesse conseguido fundamentar a cura, enquanto a periferia continuava a exibir o nojento aspecto de tecidos em decomposição. Datou da primeira investidura de Agamenon Magalhães na interventoria de Pernambuco, o ataque à epidemia do mocambo. Onde houvesse um dêsses amontoados de miséria familial, situados tumultuàriamente entre a lama e a fome, Agamenon surgiu com uma energia de espartano, demolindo casebres cobertos de zinco, ou palha de coqueiros, e colocando os seus moradores em vilas operárias dignas do ser humano. Onde se estendia a mocambaria infecta e desordenada como acampamento de nova Canudos, a engenharia trabalhava higienizando o solo, aterrando pântanos, matando a mosquitaria infernal, ajardinando áreas, recuperando o solo para a redenção do trabalhador.

Nesse primeiro trabalho de profundidade social na direção do povo, Agamenon Magalhães não teve tempo de chegar ao fim. O tempo fôra curto. Mas continuou a ocupar o coração dos pernambucanos, mesmo fora do govêrno. O Recife merecia uma obra continuada e persistente para aniquilar o mocambo, fenômeno que era a resultante do empobrecimento das massas, de sua proletarização avassaladora. Mas os capitais de Pernambuco preferiam ser aplicados em grandes edifícios no Rio. Essa política econômico-financeira é lógica e razoável. Capital procura capitais, segurança de rendimento em alto nível. Só mesmo ao poder público, como elemento de progresso sem a idéia do lucro industrial, é que caberia atacar a praga do mocambo. E foi isso que decidiu Agamenon Magalhães.

Com as eleições de 1950, êle se candidatou e venceu. Era a resposta do povo de Pernambuco ao seu grande benfeitor. Agamenon sempre se orientou pelo sentido social de sua administração. Sem ser demagogo, nem andar a fingir de palmatória do mundo, êle se dedica aos estudos das necessidades populares, e, logo que termina o plano imaginado, analisa as possibilidades financeiras e mete mãos à obra.

Tendo assumido o poder, pela segunda vez, a 31 de janeiro de 1951, o atual governador de Pernambuco não perdeu tempo em sonhos e excursões triunfais, viagens ao Rio, ou comparecendo a banquetes de caráter político puxassaquista. Meteu-se com os seus secretários a analisar, detidamente as condições financeiras do erário, para depois poder agir sem mendigar empréstimo a ninguém. A si-



O GOVERNADOR do Estado, tendo à sua direita o dr. Heraldo Almeida, entrega as chaves de uma das novas casas a um trabalhador do Recife.

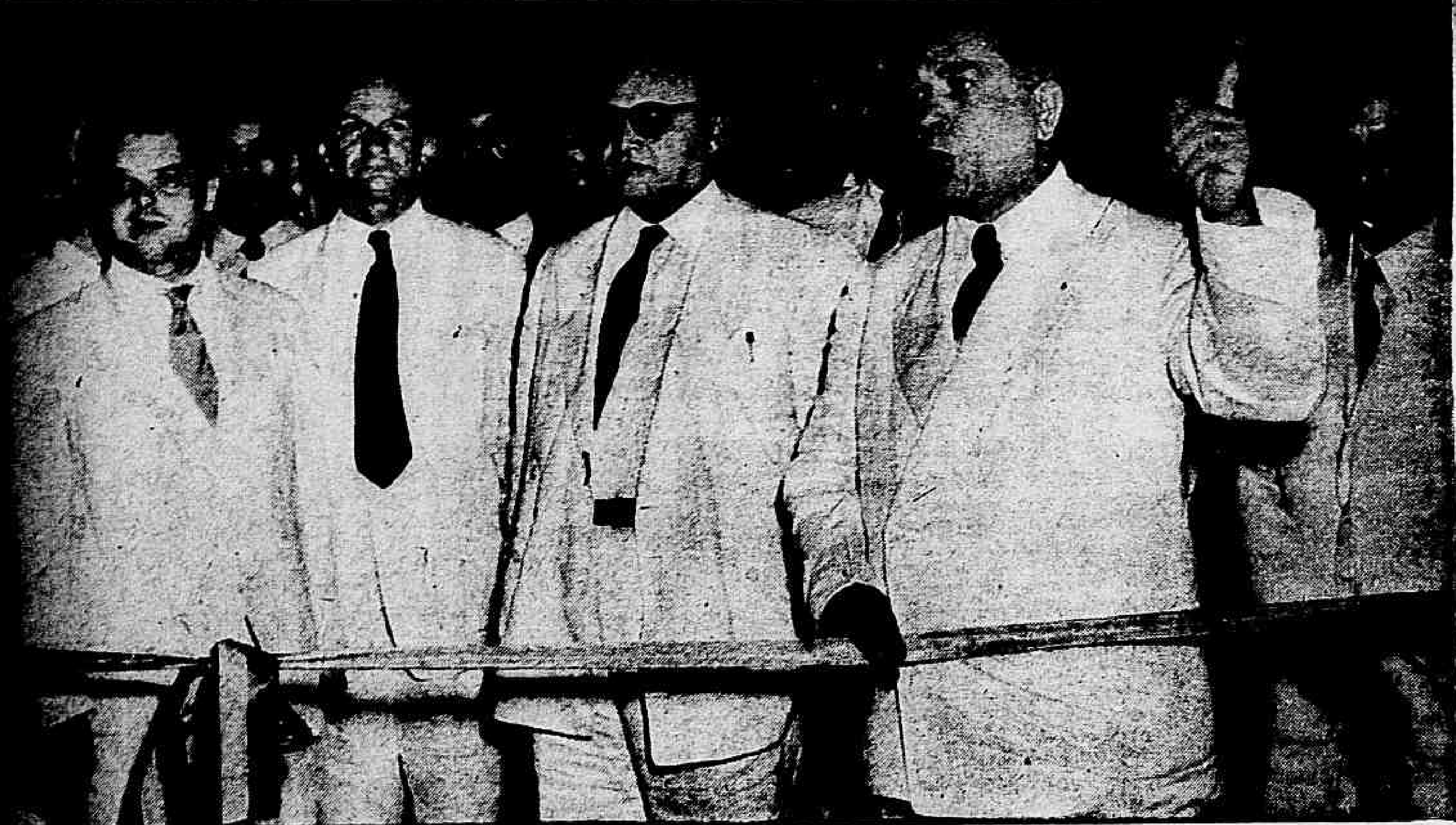


PLACA COMEMORATIVA da inauguração do segundo grupo residencial do Ibura, e quando falava o dr. Heraldo Almeida, Presidente do Instituto de Previdência Social.

DR. HERALDO Almeida, Presidente do IPSEP, quando, na inauguração do novo Núcleo Residencial do Ibura, pronunciava o seu discurso.



A OBRA do IPSEP (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco.



O PREFEITO do Recife discursa nas inaugurações de Beberibe, vendo-se o Governador e, à esquerda, os deputados dr. Paulo Germano Magalhães e Elpídio Branco.

PERNAMBUC

tuação das finanças era desanimador. Onde ir buscar dinheiro para dot Pernambuco dos melhoramentos d que necessitava? Então preparou plano da batalha: promover, antes d tudo, a exata arrecadação dos impos tos, pois verificara que centenas d contribuintes eram uns felizardos privilegiados.

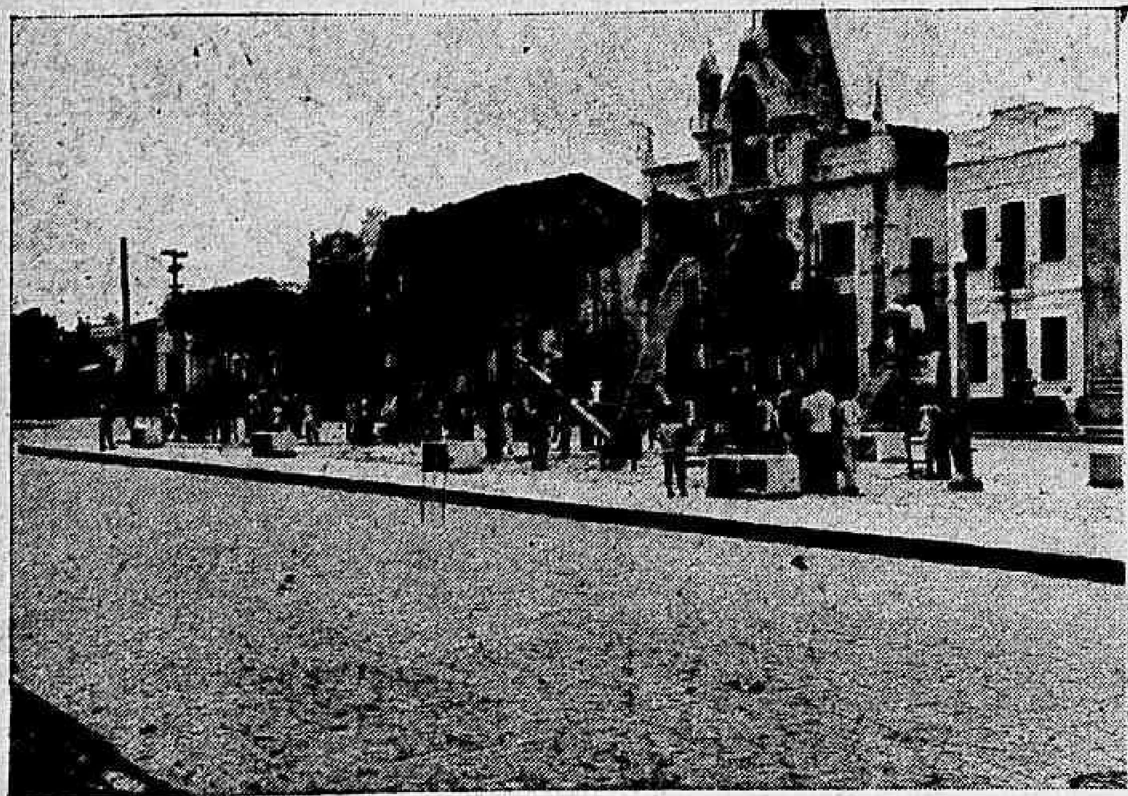
Mesmo assim não era possível obt saldos para empreendimentos de vul e de interêsse público. Então obte o apoio de todos para insignifican aumento no impôsto de vendas e co signações (0,04%), uma das quat fontes de renda que lhe deram r cursos para a execução do plano r doviário estadual.

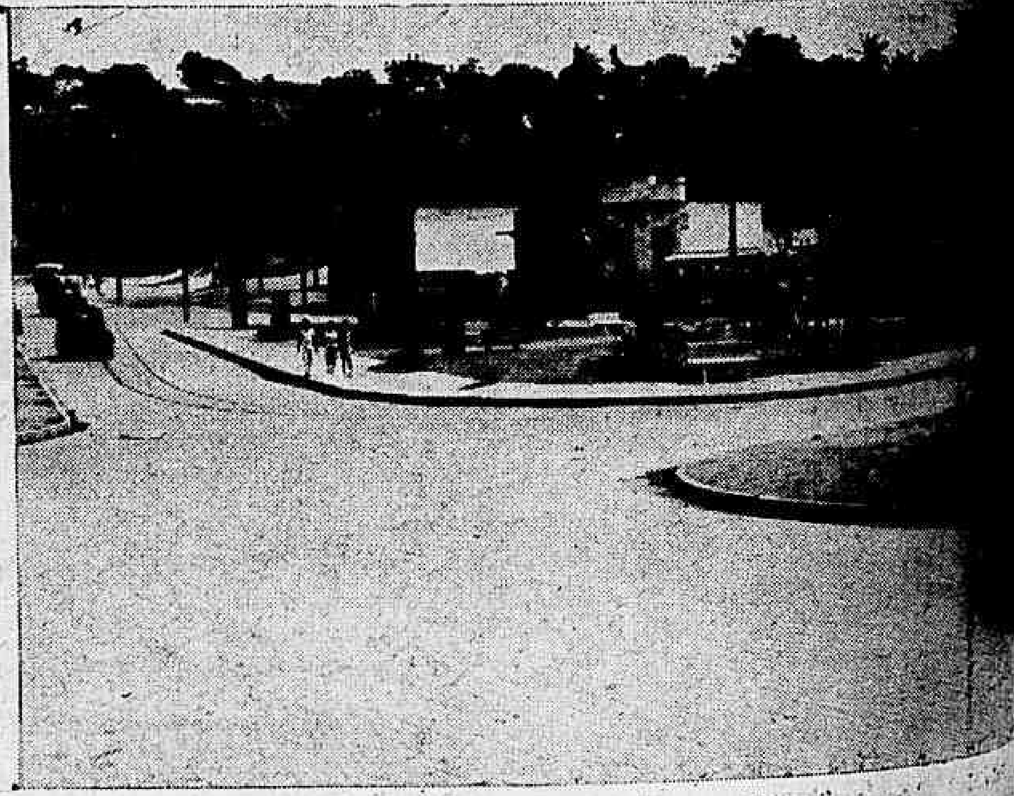
Como todos sabemos, Pernambu sempre viveu em aperturas financ ras, lançando mão de empréstimos e ternos e internos, sem que tais ma sas de dinheiro pudessem correspo der aos sacrifícios do povo, cada v mais desiludido. O orçamento do E tado em 1917-18, fixado em .... 15.100:000$000 (quinze mil e cem co tos de réis) dá uma idéia da pobre da arrecadação estadual, e não da in digência da população. Em 1905, f contraído empréstimo de cêrca de 9 mil libras esterlinas, por intermédi da «Caisse Générale de Reports et d Dépôts», de Bruxelas, que produzi na moeda de então, pouco mais de 1 mil contos de réis, a juros de 5%, vencer-se em 1942. Quatro anos depoi lá foi Pernambuco de chapéu na mã

★



O Governador Agamenon Magalhães ladeado pelos Srs. Antônio Pereira Prefeito da capital pernambucana, e Dr. Arruda Marinho, Secretário de Educação e Saúde, corta mais uma fita inaugurativa.





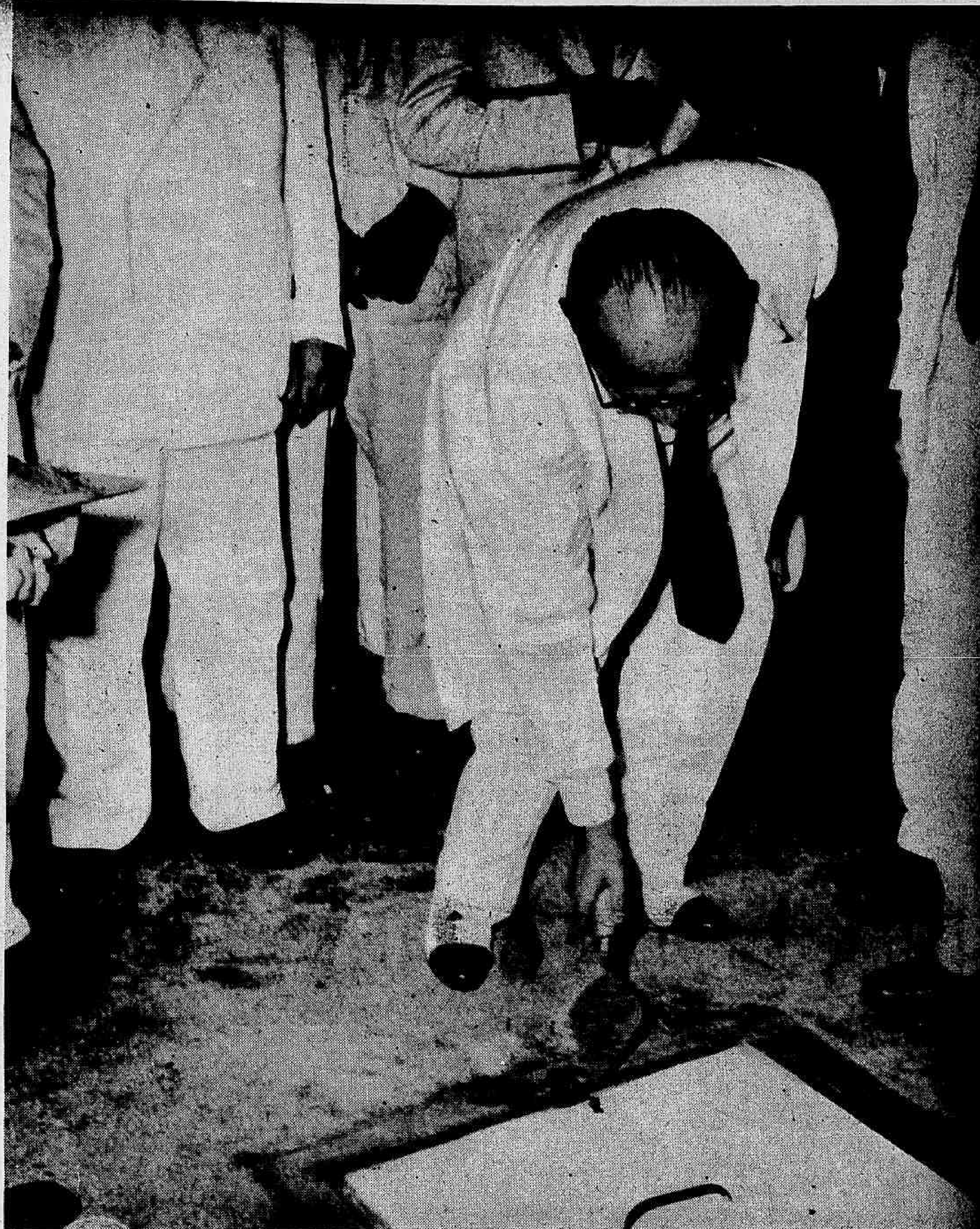
PARQUE Infantil de Beberibe, onde a garotada se diverte honestamente e feliz. **O FAMOSO arrabalde recifense de Beberibe, modernizado no Govêrno Agamenon**

DESLUMBRANTE

bater às portas do «Banque Privée Lyon-Marseille», recebendo um empréstimo de 1.319.700 libras esterlinas, que renderam perto de 20 mil contos de réis, a 5%, e vencível em 1944. Estávamos na época famosa do «quem vier atrás que se agüente...» Além dêsses muitos outros empréstimos no estrangeiro e ao Banco do Brasil, cujos prazos eram sempre prorrogados, como sucedeu com o famoso contraído com Knowles & Foster, de Londres, o qual seria liquidado em 1907 (vinha de 1885...) mas que foi prorrogado para 1922!

Foi sabendo de tôdas estas coisas que a história ensinava, que Agamenon Magalhães não pensou em empréstimos internos ou externos. A coisa tinha que ser feita era mesmo com os caraminguás da casa. Com uma nova elaboração fiscal eficiente e honesta, e ligeiro aumento de impostos, estaria o Tesouro Público em condições de promover melhoramentos que beneficiariam a todos, desde o mais longínquo lugarejo dos sertões de Novo Exu, até às mais progressistas e populosas cidades do litoral. Mas Agamenon não cometeu a imprudência de outro governador de seu Estado, ao agravar a lei de meios, sem uma explicação razoável aos contribuintes. Êle não repetiu o êrro de Severino Pinheiro, quando, na interinidade do saudoso José Bezerra, então numa estação de cura na Alemanha, quis conseguir au-

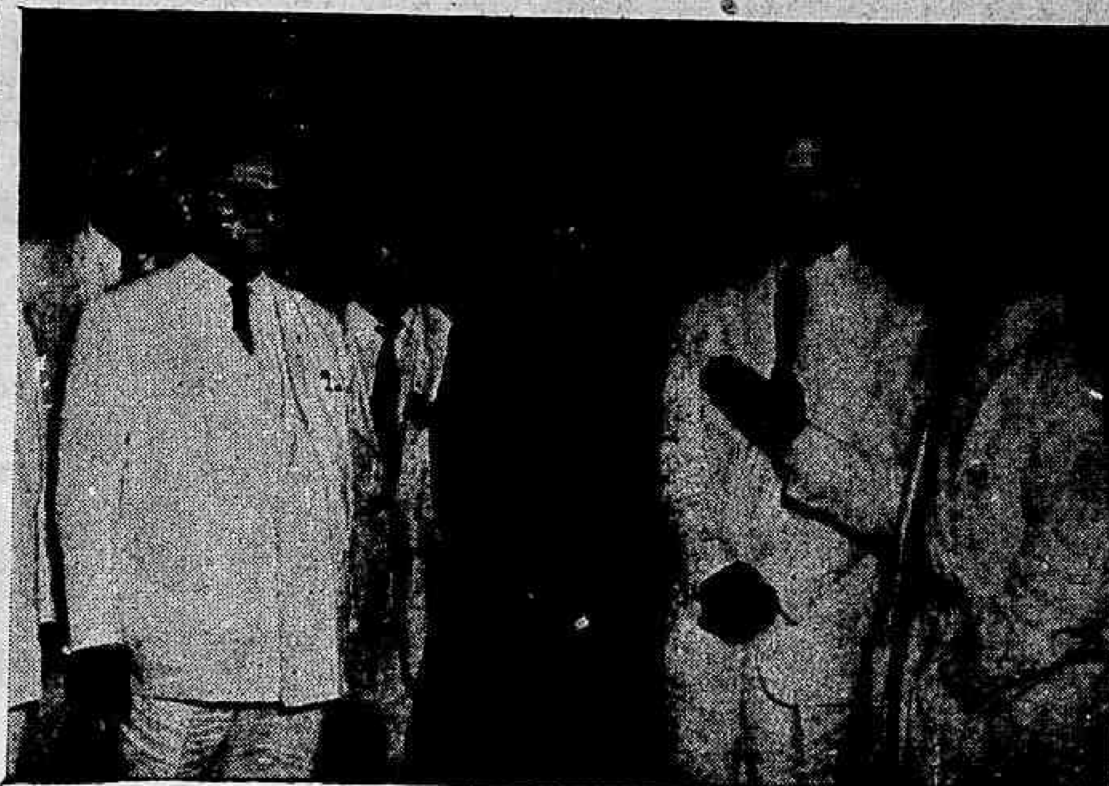
★



O DR. AGAMENON MAGALHÃES quando inaugurava a pedra fundamental do Grupo Escolar de Beberibe, populoso subúrbio da capital de Pernambuco.



O POVO PERNAMBUCANO veio às ruas com seus clubes, para homenagear o governador.



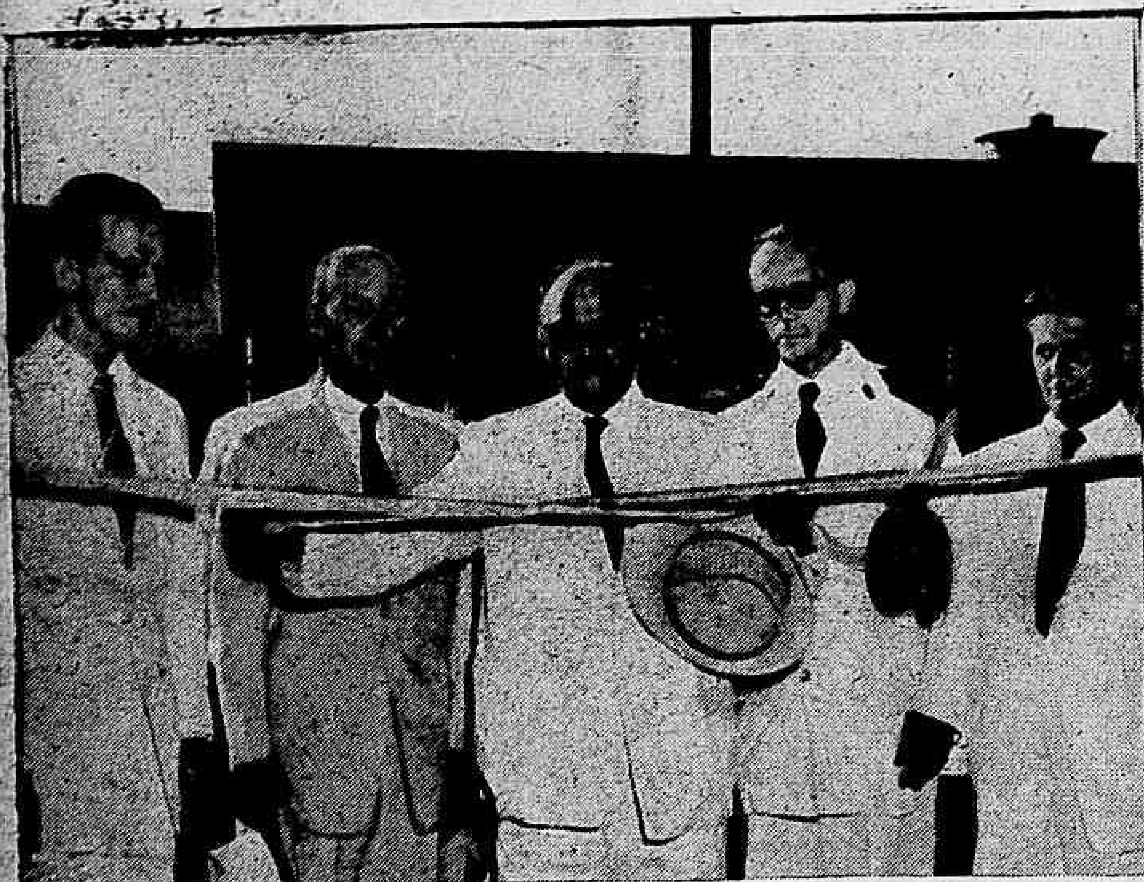
O DR. ARRUDA MARINHO, Secretário de Educação e Cultura, pronunciando sua oração.



O PREFEITO DO RECIFE discursando no ato inaugural da pavimentação da rua Imperial, vendo-se o Cel. Roberto Pessoa, da Secretaria de Segurança Pública.



O VEREADOR JOSÉ DE CASTRO falando num dos momentos da inauguração da pavimentação da rua Imperial, do Recife.



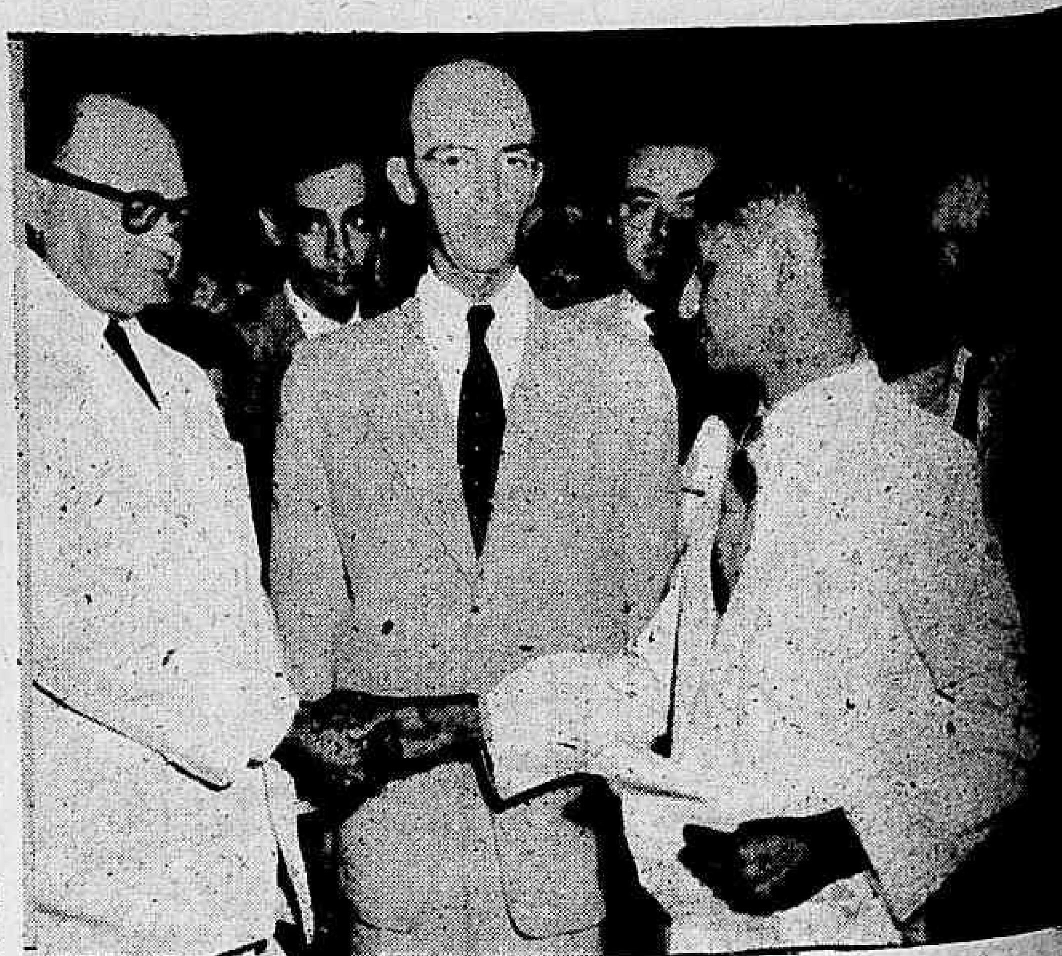
O GOVERNADOR inaugura o novo Armazém 7, do cais do pôrto destruído por um incêndio.



OUTRO ASPECTO da inauguração do Armazém 7 do cais do pôrto, discursando o Governador, vendo-se à sua esquerda o Cel. Viriato Medeiros.



UMA PORTUÁRIA homenageia o Governador, vendo-se ao lado o industrial Manoel de Brito.



UM OPERÁRIO do pôrto do Recife, cumprimenta o Governador depois de ter discursado.

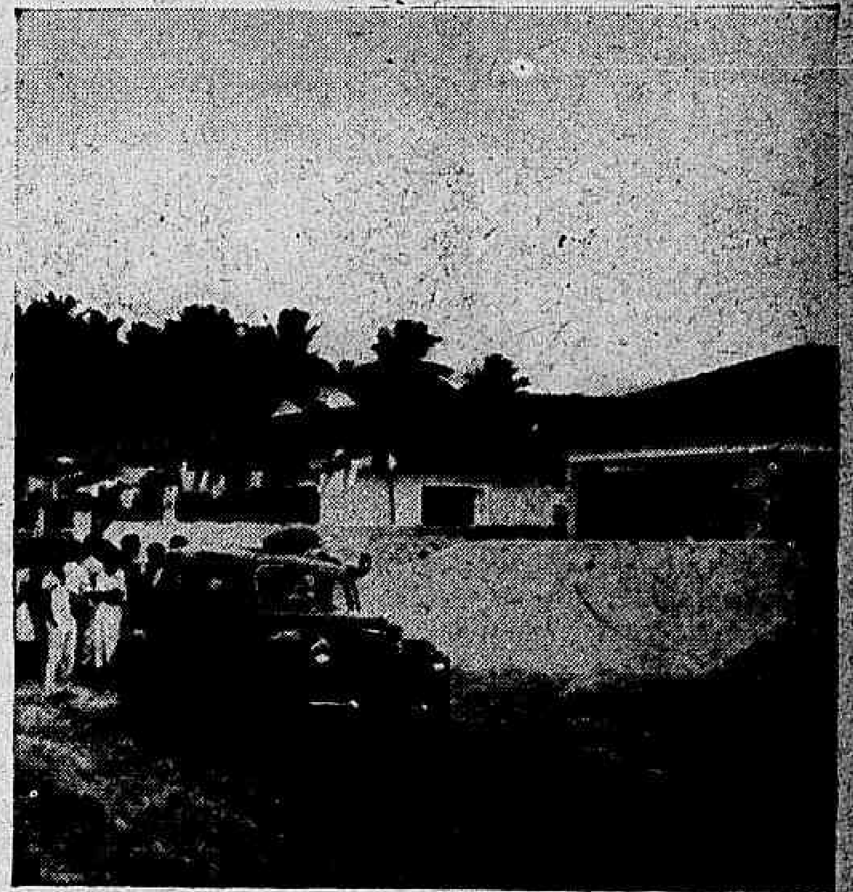


ATO RELIGIOSO da bênção do edifício-sede do Centro Educativo Operário do Pina, onde impera civismo, educação moral e consciência nos sãos destinos de Pernambuco.



PERNAMBUCO DESLUMBRANTE

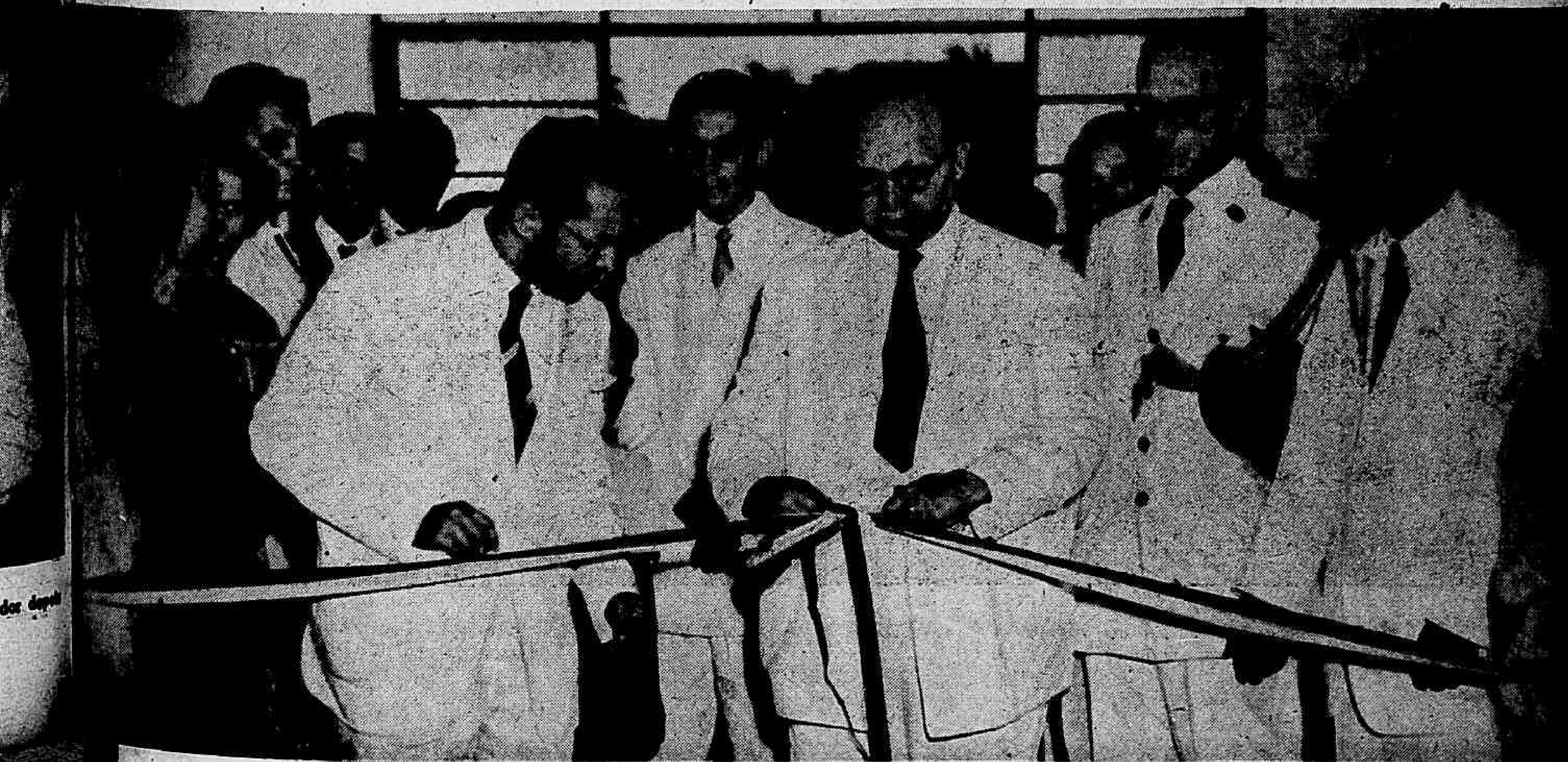
mento de receita sem preparar o espírito público. Resultou dessa imprudência a greve geral de todos os comerciantes pernambucanos, da capital ao sertão, provocando tremenda convulsão em todo o Estado e a queda vertical de tôdas as atividades produtoras. Agamenon conhece as lições da história e sabe conquistar o povo e sua confiança. Primeiro tem o administrador que apresentar seu plano, as razões do mesmo, os motivos por

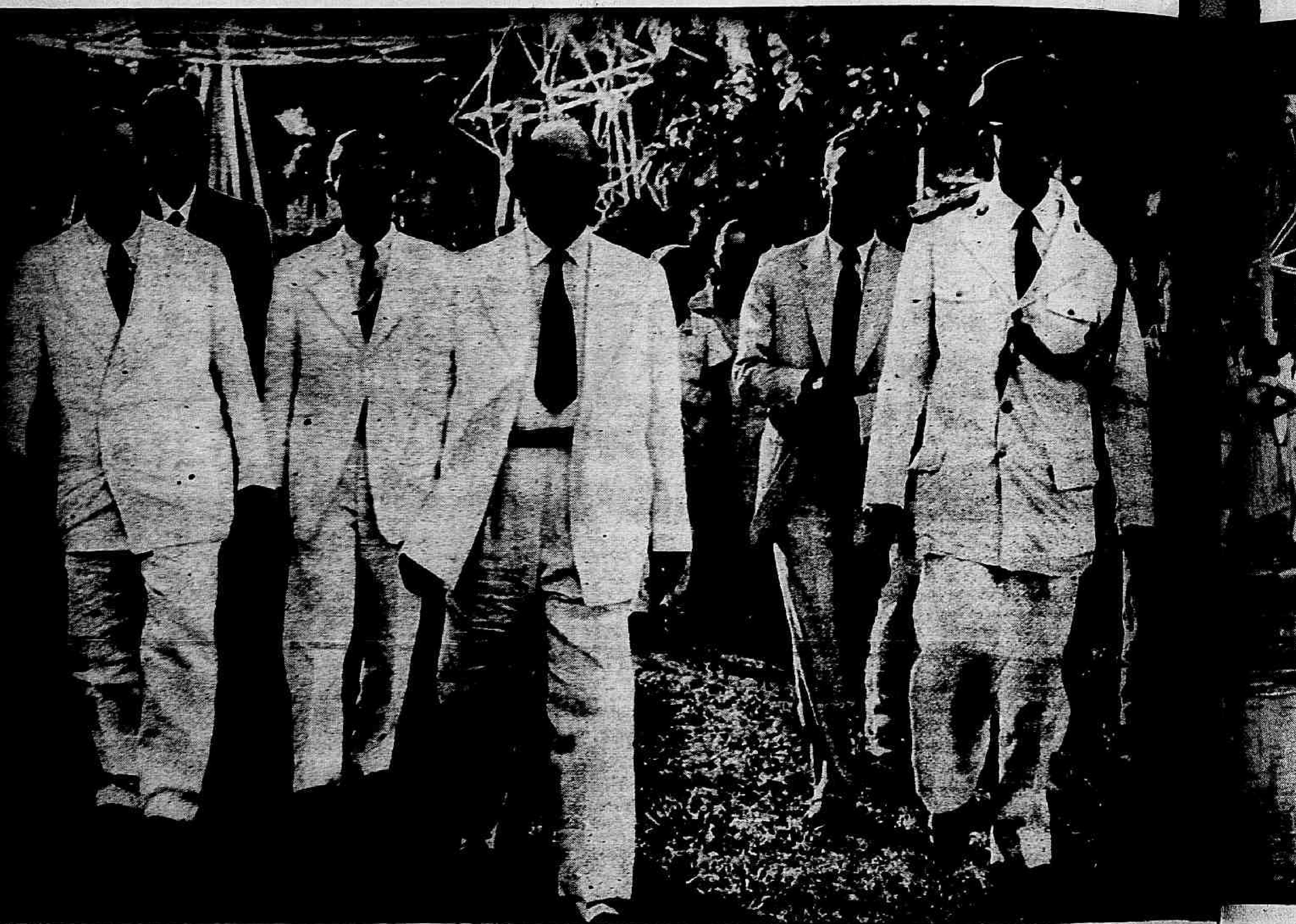


O GOVERNADOR AGAMENON Magalhães hasteando a bandeira nacional no Centro Educativo.

CENTRO OPERÁRIO do Pina e Centro de Puericultura, inaugurados pelo Governador.

DR. ORLANDO PARAHIM, Diretor da Assist. e Prev. Social na inauguração do Centro de Puericultura.





DEPOIS DA inauguração do Parque Infantil, localizado no vasto Parque 13 de Maio, retira-se o Governador, vendo-se o chefe da C. Militar e o Pref. Antônio Pereira.

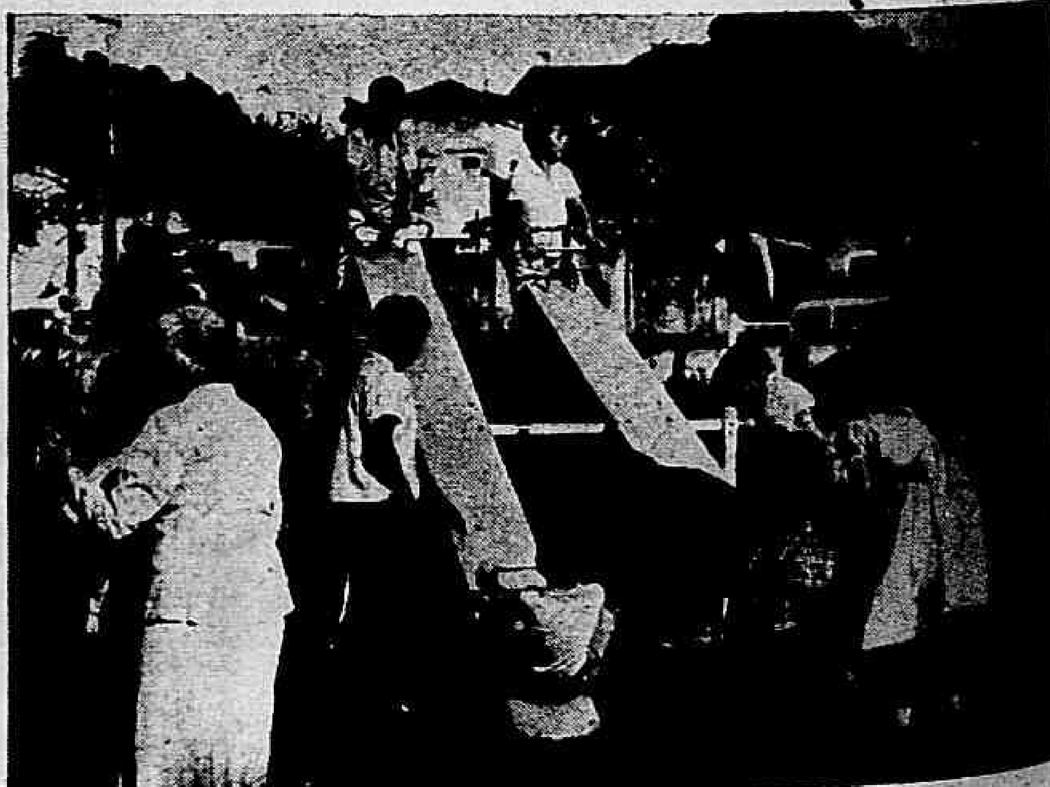
PERNAMBUCO DESLUMBRANTE

que só poderá executá-lo se houver «cum quibus», isto é, aquilo com que se compram os melões. Não há contribuinte, não há elemento do povo que não concorde com um pouquinho mais de suas possibilidades, quando sabe que o dinheiro de sua cota será aplicado em benefício social, para o bem de todos. Nada de coisas suntuárias para determinados eleitos do privilégio oficial. O povo quer que o seu dinheiro seja aplicado em coisas úteis e de imediato aproveitamento. Daí o prestígio de que goza Agamenon Magalhães. O povo de Pernambuco sabe que êle não mente, não simula, não dissimula, não tapeia, não promete largo para dar estreito. Agamenon, desde o seu primeiro govêrno, se vinculou de tal maneira nos anseios do povo, que êste vivia a sonhar com a possibilidade de trazê-lo novamente ao Palácio das Princesas, mas pelo poder do voto. E assim sucedeu. A 31 de janeiro de 1951 Agamenon subia, com o povo pernambucano, as escadarias do palácio para governar com o povo.

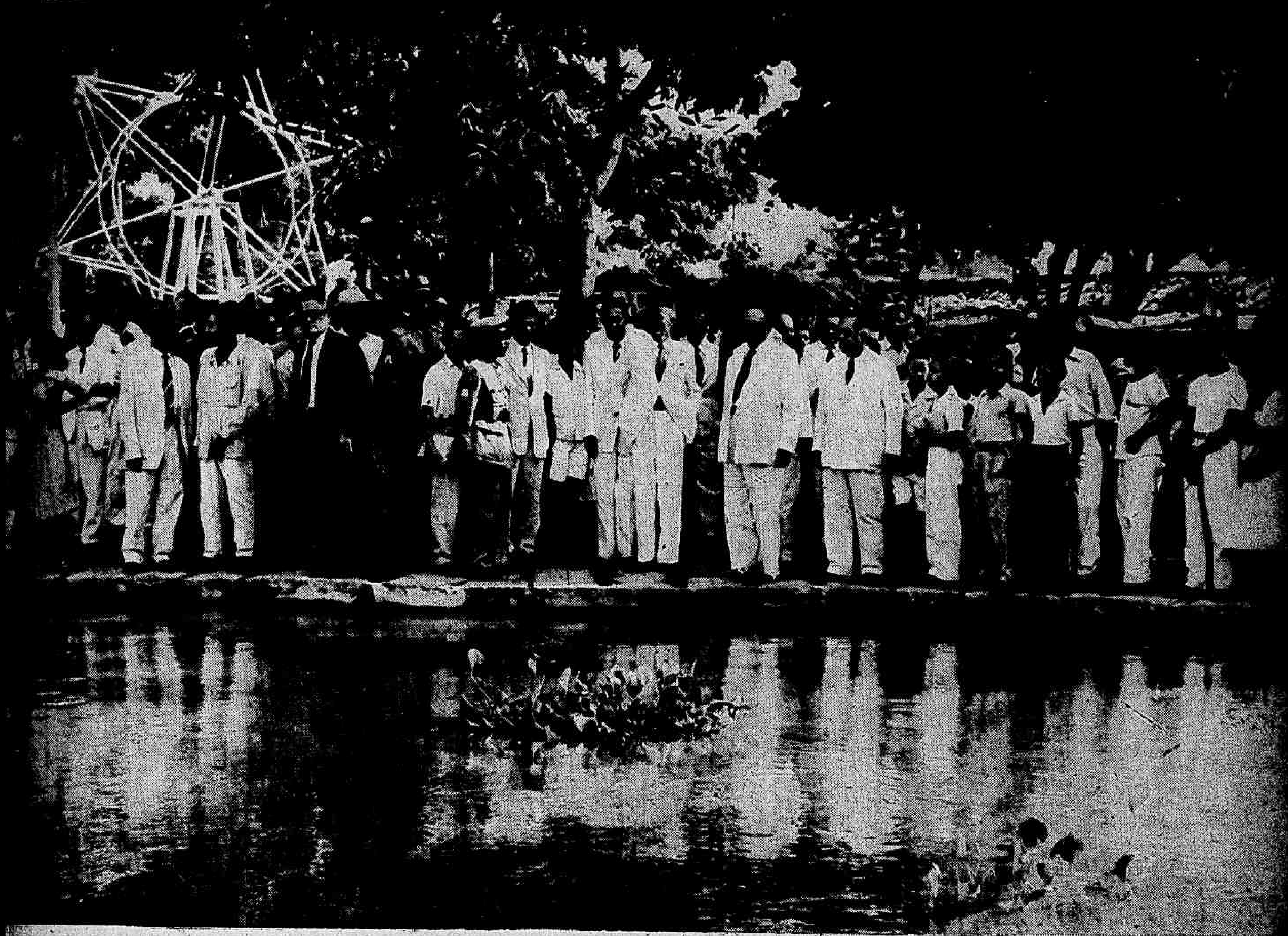
Seis meses levou êle a pôr em ordem as finanças do Estado. Cento e oitenta dias, meio ano, de pesquisas, de estudos, de análises objetivas, sem preconceitos nem otimismos exagerados,



A CRIANÇADA do Recife toma conta dos brinquedos e se esbalda com as novidades.



NUM AMBIENTE de fadas, que é o "13 de Maio" do Recife, as crianças podem divertir-se.



GRANDE MULTIDÃO afluiu ao Parque 13 de Maio, no coração da cidade para assistir às inaugurações do Parque Infantil, hoje um dos grandes atrativos do Recife.

a fim de ordenar a batalha. Seis meses de preparação. Tudo o que foi feito neste primeiro exercício de govêrno Agamenon, não o foi em um ano, absolutamente. O milagre que vemos e apalpamos, lá em Pernambuco, foi conseguido em seis meses, apenas. Que não fará êsse homem dinâmico e audaz até ao fim de seu mandato? Êle apenas nos apresenta o aperitivo do grande banquete em favor do povo pernambucano.

Nas fotos destas páginas poderá o leitor ter uma impressão, embora incompleta, do que já fêz o governador Agamenon Magalhães em benefício de sua terra, pelo progresso do seu povo, pela redenção de Pernambuco.



NADA MAIS agradável do que um espetáculo dêstes no moderno Parque Infantil do Recife.



A "RODA GIGANTE" do Parque Infantil inaugurado pelo Governador, no primeiro ano de sua gestão.

UM ENCONTRO NA ESTRADA

VOCÊS já andaram por uma dessas desoladas estradas de terra vermelha, sem fim, nas quais a gente anda, anda e nunca parece chegar lá onde quer, emfim, por uma dessas empoeiradas e desertas estradas do nosso interior?

Se já andaram, não as preciso descrever e se não andaram, eu as descreveria vâmente...

Tentarei contudo esboçar um quadro pelo menos um pouco parecido com a realidade, pois cavalgar horas e horas por uma dessas regiões que a insensatez dos homens transformou em desertos, engulindo poeira, uma poeira finíssima e persistente, sob um sol abrasador, desejando encontrar uma sombra e sabendo que a sombra não vem, desejando que a tarde caia e o sol cesse de castigar homens e animais e sabendo que está longe ainda a hora do sol entrar, desejando emfim que uma brisa se levante e sabendo quão pouco provável é que sopre a brisa — é coisa que se pode fazer muito bem mas que não se pode descrever pròpriamente, de maneira que os que nunca o fizeram o possam sentir e compreender.

Por uma estrada assim, num dia de verão, Sebastião seguia, montado em seu bom burro de estimação, em demanda da sua vila paterna de onde saira, criança ainda, fazia hoje bons vinte anos.

Os cascos do animal levantavam pequenas nuvens de poeira que se depositava no pêlo do mesmo e na camisa de algodão do cavalheiro, a qual estava de se torcer, molhadinha de suor. Nada havia em tôrno que sugerisse conforto, nem uma aragem vinha trazer um lenitivo ao viajante e ainda nada aparecia que indicasse estar êle se aproximando de seu destino, da vila que nêsse meio tempo, ouvira dizer, crescera muito, fôra elevada a cidade; nem uma casa, nem uma árvore, nem uma lavoura, nâda que trouxesse uma agradável interrupção à monótona paisagem. Dura e agressiva quiçaça êle deixara lá, na grande baixada, articus e guabirobas anãs, atrofiadas, de permeio com juás espinhosos; depois fôra devorando léguas e mais léguas, já ficavam longe as catanduvas e o último córrego, já galgara o chapadão imenso, a perder de vista, onde a vegetação arbustiva cedera o lugar à barba-de-bode que agora estava em semente. Naquele torrão sêco o rijo capim trabalhava depressa, o seu processo de se multiplicar era rápido; ainda há pouco fôra um mar ondulante de côr entre rósea e lilás, o capim estava em flor; os dias quentes viraram, de rósea a flôr se tornara quase côr de terra, secara, virara palha, se desprendera da touceira-mãe e lá se fôra em busca de chão limpo, impelida pela brisa; pelo caminho a semente com suas longas pontas, áspera, rija e aguda, encontrara outras e outras mais; os fios que serviam de asas para o vento as mover foram pegando uns nos outros; grandes molhos de palha sêca saíram rolando pela planície, se avolumando cada vez mais, cada vez mais... Da sementinha insignificante algo como uma ameaça surgira, quando multiplicada milhões de vêzes. As paveias fabricadas pela natureza, roladas pelo vento, procuraram a estrada, avançando com uma dama. Quem anda a pé por êsse chão coberto de sementes aguçadas, pragueja a valer; nem os animais gostam. O solitário viajante respirou, aliviado, quando um capim cedeu lugar a outro, a terra de vermelha amarelada e imprestável se tornou vermelha arroxeada, já de melhor qualidade embora ainda não boa e o barba-de-bode aos poucos foi sumindo, engulido pelo capim membeca, o provisório, como dizem os mineiros lá de cima.

Agora não devia estar longe o córrego que fica logo p'ra cá da vila — pensou êle. — Não estava lá muito certo do caminho, saira da região muito criança, com o pai que alí se arruinara e saira num carretão; ora, criança não presta atenção em caminho e êle na ocasião quisera sentar-se na frente, quase no varal, para ver de perto os bois de carro; havia três juntas, dois brancos de chifres esquisitos e cupim na cacunda, dois grandes amarelos que eram os bois de guia e ainda dois, um branco e prêto e um todo branco, que não tinham os chifres diferentes nem cupim. Disso êle se lembrava perfeitamente, mesmo hoje, vinte anos depois. Fôra tal o seu enlêvo a observar os bois e tão grande o seu entusiasmo pela aventura daquela viagem no grande carro de boi que não tivera olhos nem ouvidos para mais nada; em vão a mãe lhe gritara que viesse para junto dela, no fundo do carro, e ficasse com os trastes da mudança e das irmãs choramingas; nunca seu pai lhe parecera tão camarada como no momento em que resolvera a dificuldade — desobedecer à mãe ou não ver os bois — gritando lá da frente: "Deixa o menino ficar aí perto do varal, Carolina... Como é? Perigoso? Não, não há nada, êle se arranja direitinho..."

Mas boi anda de vagar e quando se é criança tudo é muito diferente, vê-se tudo de outro jeito. Hoje era-lhe pois difícil calcular a distância que ainda o devia separar da vila, mas imaginava que muito longe não poderia mais estar. O caminho passou por uma ligeira elevação e êle pôde ver um bom estirão em sua frente. Que, nada... Não havia córrego nem nada à vista. A mesma estrada poeirenta, sem casas, sem árvores, árida e interminável, lá se estendia, serpeando como uma faixa vermelha através do verde embotado e pardacento do provisório, sumindo às vêzes numa depressão do terreno para surgir lá adiante do mesmo jeito...

Voltou-se e olhou para trás também. Não é que lá vinha alguém pela estrada? — Que sorte? — pensou — vou ter com quem conversar. Quem sabe se não é gente lá da vila, pode ser até gente do tempo do velho, que vai saber dizer-me qualquer coisa de lá... — Mas fôsse lá quem fôsse, vinha longe ainda. Seria mesmo gente aquilo? O que se via era pouco mais do que uma coisa prêta que vinha vindo no meio do caminho, tanto podia ser um boi, um cavalo, até um cachorro, por tudo o que dava para reconhecer. Essas estradas compridas enganam tanto a gente...

Diminuiu o trote do animal; olhando às vêzes para trás. Agora já vinha mais perto. Sim, era gente. Um homem montado num cavalo que devia ser lerdo p'ra danar, pois aquilo quase não saía do lugar, vinha que vinha se arrastando.

Voltou a pensar na partida, com os pais, e no carreiro que lhe contara um mundão de coisas durante a viagem e que às vêzes catucava os bois com a aguilhada, mas não muito, às vêzes apeava e depois voltava para o seu lugar, meio atravessado no grosso varal. Agora sim, é que os meninos da fazenda o deviam ver, pena que isso era impossível. Quando os caboclinhos, filhos dos camaradas, às vêzes menores do que êle em tamanho, franzinos, magros, passavam em frente ao terreiro, carroceando, ou vinham na frente das juntas de bois, de aguilhada em punho, guiando, fazendo tilintar as argolinhas nas pontas das longas lanças, ou quando os via encarregarem-se de apartar os bezerros das vacas de leite, reunidas a um canto do mangueirão, êle sentia uma inveja tremenda. De que adiantava então ser êle o filho do administrador, limpo, bem vestido, com acesso ao pomar da casa-grande? Valia alguma coisa que aquêles pinantes com certêza o invejavam ainda muito mais do que êle a êles, por sua posição privilegiada? Naqueles momentos êles eram os heróis, felizes, independentes, que falavam de bois e cavalos como gente grande, que montavam os animais de campo quando queriam, sim que até, alguns pelo menos, vinham aos sábados na porta do administrador receber pagamento. Lembrava-se muito bem de um mulatinho que certa vez, quando êle fôra ao mangueirão ver um terno de novilhas que chegava, lhe gritara, apontando uma entre elas: "Saí daí mininol Sai que essa novia é malina... ela pega memo! Aqui num é lugá de criança..." e êle saira, humilhado. Se o vissem, o mulatinho e os outros, sentado no varal, conversando com o carreiro...

Já vinha mais perto o cavalheiro estranho. Daqui parecia um velho e vinha montado num poleiro que parecia estar morrendo em pé.

No dia da viagem êle se admirara ao ver que não saiam em carro da fazenda mas no carretão de uma fazenda vizinha. Já compreendia que não saiam as boas dali, que qualquer coisa horrível tinha acontecido e adivinhava mais do que compreendia a desgraça do pai. Apesar da perspetiva da viagem o absorver todo, apesar do pai o acariciar e lhe dizer que agora iriam para um lugar mais bonito, sentia-se triste com a idéia de deixar a fazenda. Pois iam de mudança, iam para sempre, isso êle estava vendo, até o Tupí ia junto, com uma corda ao pescôço, amarrado a um fueiro do carro para não pular para baixo. Gostava muito da fazenda e além disso as mexeriqueiras do pomar estavam muito carregadas, as mexericas já começando a amarelar e que êle iria perder muito lhe davam que pensar. Na noite antes da partida — iam logo de madrugada — a mãe o mandara deitar cedo, para estar descansado. Mas não podia dormir, por mais que tentasse; levantara-se e fôra até à janela, de onde via, na claridade do luar, as longas fileiras de laranjeiras que começavam logo ao pé da casa e se estendiam pelas terras a fóra, tôdas plantadas por seu pai. Ouvira vozes; seus pais passeavam pelo laranjal. Tinham-lhe ficado na memória alguns pedaços da sua conversa que confirmavam estar a tão desejada viagem ligada à infelicidade do pai, que muito mais tarde êle compreenderia inteiramente: seu pai fôra forçado a deixar a fazenda, tôda formada por êle, acabava de sofrer um golpe do qual nunca mais se recuperaria. — "O que está causando o fim de nossa antiga amizade é o aumento da produção do laranjal, creia-me" — teriam sido mais ou menos as palavras do pai — "As próximas safras já vão ser grandes, minha parte já não seria nada pequena. E é isso que o homem quer evitar, êle está com mê[...] que eu ganhe de mais, a quantia já se[...] tão grande que lhe dói ficar sem ela..."

Não se lembrava mais era do fazendeiro. A vaga lembrança que lhe ficara era d[...] um velho, mas para crianças quem te[...] grandes barbas é velho; recordava-se q[...] duas ou três vêzes por ano o fazendei[...] os visitava e que pelo Natal, quando [...] a São Paulo, trazia presentes; mas iss[...] do fazendeiro trazer presentes para os fi[...]lhos de seu administrador deve ser d[...] praxe, pensou, e não me mostra hoje, q[...] eu gostaria de me lembrar, como foi [...] homem que arruinou a vida de meu pai, se era grosseiro ou amável, moço ou velho, alegre ou sisudo. Seria tão bom se lembrar... Mesmo em se tratando de vinga[...] seu pai seria melhor poder encarar a cou[...] de dois lados, poder ser justo, sim, acima de tudo, justo. Vinha da sagrada pesso[...] paterna o que sabia do ocorrido, mas sempre vinha de um lado só, era informação parcial. Quem sabe, não haveria atenuantes, seu pai talvez tivesse uma parte, embora mínima, da culpa... Carregava consigo a decisão funesta desde o dia em que o pai voltara para casa doente, amargurado, recusando-se a falar mais no assunto. Êle decidira fazê-lo contar tudo, pois já se sentira homem bastante para ajudá-lo; mas fôra adiando sua decisão de um dia para outro até ser tarde de mais. Quando junho chegara com suas geadas, seu pai, ainda o melhor companheiro e amigo que tinha, fôra-se para sempre.

Procurara então o velho médico da família, confidente do pai e que tudo saberia. Êste lhe dissera de fato: — "Na realidade, meu filho, êsse sujeito mato[...] seu pai; nem um pouquinho melhor do que se tivesse cumprido sua ameaça de fazer seus capangas lhe pregar um tiro da tocaia. Seu pai era diferente de nós, era sensível de mais. Eu, num caso dêsses, teria dito que fazenda de laranja tem muitas por aí, saio daqui e vou ganhar dinheiro alí adiante. Seu pai, não. A fazenda para êle era tudo, nela pôs se[...] melhores anos; ia notando cada vez mais claramente quais eram as intenções e o[...] sórdidos motivos do outro, mas ia remo[...]endo seu ódio, engulindo, calado, os de[...]saforos; já então aquêle azedume recalcado o estava pondo doente; êle não sabia e[...]quecer mas ao mesmo tempo não sabi[...] enfrentar a situação. Foi-se embora, pe[...]dendo a próxima safra, a porcentagem [...] qual tinha direito. E o fazendeiro, aind[...] por cima era vingativo. No fundo sabi[...] muito bem que outro técnico de laranj[...] como seu pai não se encontrava assi[...] sem mais nem menos. Teve então aquel[...] idéia de processá-lo por dívidas à fazen[...]da. Ah, seu pai tivesse sido um pou[...] mais desconfiado... Sempre crédulo, j[...] nos últimos dias de sua administração [...]sinou contas e mais contas, tôda a pap[...]lada que o contador, pouco sério, lhe apre[...]sentava. Assim, quando aquela bisca i[...]ventou que seu pai lhe devia, encontro[...] provas. Aquela última humilhação mat[...] seu pai... Perdeu tôdas as economias; q[...]seram até pô-lo na cadeia e só graças à in[...]tervenção de algumas pessoas de pêso ap[...] na política local, não o fizeram. Mas [...] insulto o feriu de mais, não só moralmen[...] agravou o seu mal físico e apressou o de[...]fêcho. Fiz tudo o que pude para evitar, ma[...] já era tarde..."

Êle prometera então: "Eu vou matar êsse[...]

Conto de GUTTORM HANSSEN ★ Ilustração de ORVAL

biltre, juro que vou... Vou procurá-lo e êle terá de ajustar contas comigo!" Os anos, porém, foram passando sem que êle fizesse alguma coisa. Com o correr do tempo mudara seu modo de dizer: "Não vou procurá-lo de propósito, isso não... Mas onde o encontrar por acaso, vou matá-lo". Vendo o tempo passar e notando que os anos iam trazendo o esquecimento, censurava-se: "Serei eu emfim tão indeciso como o foi meu pai? O homem que causou nossa desgraça ainda anda por aí, enriquecendo após nos ter deixado na miséria, e eu nada faço..." Mais de dez anos se passaram e quando, às vêzes, se lembrava de sua promessa, desculpava-se a si mesmo, dizendo que violência não é solução, que afinal só conhecia a história por uma das partes, que os precedentes, os dados pessoais e as razões que poderia ter tido a outra parte se perdiam em conjeturas sôbre um período remoto e ignorado, de acontecimentos esquecidos, que tinham tido lugar na longínqua quadra de sua infância feliz e descuidada...

Assustou-se quando uma voz grossa e arrastada o arrancou de tôdas essas meditações sôbre o passado:

— ' tarde, moço...

Não tinha mais olhado para trás, apenas obrigara seu animal a andar bem devagar, na esperança que o outro o alcançasse, pois não há nada como uma conversa para encurtar um caminho penoso; distraído, nem vira que o outro já estava alí mesmo.

— Boa tarde — retrucou, vendo ao seu lado um homem idoso, com o rosto envolto em barbas brancas, pobremente vestido, montado numa armação que parecia pedir misericórdia. — Pode dizer-me se a Fazenda Guaiuvira ainda está longe? E o caminho é êste mesmo?

— Ah moço... a fazenda Guaiuvira... E', o caminho é êste. Mas o senhor não acha mais a fazenda, "cabô tudo. Desde que isso virou cidade as ruas comeram a fazenda. Iá não tem mais nada. O novo prefeito, como o senhor deve saber...

— Não, não sei de nada, nem conheço ninguém aqui. Então isso por aqui foi p'ra diante?

— Ah bom... Senhor não é daqui. Ah bem, isso é outra coisa, então não sabe de nada. Foi p'ra diante nada... Escangalharam com tudo, isso sim...

— Quer dizer, sou daqui, sim, porque nasci aqui. Mas saí criança. Faz mais de vinte anos que não ando por aqui.

— Então é filho do lugar mas se criou fora. Assim é bom. Não conhece a terra, não viu o que calamidades fizeram por aqui...

E naquela espontaneidade própria dos habitantes do nosso interior, naquela maneira tìpicamente brasileira de contar, sem hesitação, a um desconhecido na estrada as suas desventuras, culpando uma porção de gente que não sabe se são conhecidos ou até amigos do desconhecido, um sem número de autoridades e políticos sem saber se o outro não é um dêles, o velho foi desenrolando um rosário de desgraças. Tinham tirado a fazenda Guaiuvira de seu dono; primeiro um administrador atrás do outro dera prejuízos e mais prejuízos, as pragas tinham dado no cafézal, o preço da laranja caíra com o enfraquecimento dos mercados europeus; o dono, tentando rehaver o perdido, quando um decreto fizera da vila sede de município e vieram as desapropriações, pedira quantias tão exorbitantes que acabara nada recebendo, devido, como dizia o velho, à incrível injustiça das autoridades; vendo-se quase na miséria, começara a jogar seu último pecúlio, mas até a sorte no jôgo não prestava mais no novo govêrno: o homem tudo perdera; acabará sendo escorraçado do lugar por antigos camaradas e colonos seus que agora estavam por cima e que afirmavam ser tudo aquilo um castigo merecido, por ter tungado o seu primeiro administrador, que formara a fazenda e do qual os mais velhos ainda falavam com admiração e carinho. Quando Sebastião já estava se admirando de quem seria aquêle velho, em cujo modo de falar se notava de modo inconfundível não um caboclo mas um homem que na mocidade deveria ter conhecido melhores dias e que acaboclara, que falava mal por relaxamento e que deveria estar numa espécie de embriaguez branda e permanente, tresandando a cachaça ordinária, o homem revelou, de repente sua identidade:

— Dono da Fazenda Guaiuvira fui eu, moço... Me tiraram tudo êsses patifes...

Sebastião freiou o animal, num sobressalto. — E' agora! — gritou dentro dêle a voz que clamava por vingança, calada já há tanto tempo. O velho estava por demais absorto para notar o estremecimento ou a parada repentina. Continuou a conversa, agora um monólogo, murmurando coisas sem nexo. Sebastião aproveitou a distração do outro para logo tocar o burro e continuar a passo ao lado do companheiro casual.

— Não, seria impossível... — pensou. — Mas devo ao menos lhe dizer quem sou e fazê-lo entender que é um criminoso. Não devo poupá-lo. Mas direi numa oportunidade que surgir na conversa.

— Então nada mais existe da fazenda... E' pena... — começou.

E continuaram conversando sem que as oportunidades de falar quisessem aparecer. Ou talvez fôsse êle mesmo que, sem saber ou sem querer, os evitava, pois quando o velho fêz menção de lhe perguntar quem êle era e porque procurava justamente aquela fazenda, êle desviou a conversa.

— O senhor também vai até a cidad — perguntou?

— Eu não. Não quero nada com aquel gente e quanto menos tiver de ir lá, me lhor. Eu viro logo alí adiante, naquel deriva. Moro longe daqui, lá p'ra cima — informou, indicando com gesto vago uma colinas que apareciam, azuladas, à cer distância, constituindo a primeira agradá vel quebra daquela chapada imensa e mo nótona.

—Então só me resta pouco tempo ain para lhe dizer o que quero — penso o moço. — Diga! Diga-o agora, não sej covarde! — clamava dentro dêle o espíri de vingança, insatisfeito.

— O senhor sabe ao que venho, o q procuro por estas bandas... — começou tubeante.

O velho, já agora calmo como se n acabasse de narrar a própria desgraça, p recia uma pessoa normal, interessada na co versa.

— Não, nem posso imaginar. — Di atento.

— E'... eu... eu venho a negóci sabe? Venho de longe, lá do Coronel F bio, de Itirapina, ver se arranjo uma tr de uns garrotes por novilhas. Sabe, lá baixo, já no estado de São Paulo, o p soal não liga p'ro gado de corte. E bons garrotes por lá. Zebuada boa. Ho em dia, que laranja não dá mais nada.

— Ah sim? Pode ser... Mas aqui? A o senhor não arruma nada. Essa gente qui não deixa ninguém viver.

Seguiram ao lado um do outro, fazen observações sôbre o tempo, a sêca estava matando os pastos e a dificuld dos negócios. Já se via a encruzilhada o velho tinha indicado e o moço, de perado, estava em vias de reconhecer não tinha coragem de aproveitar o momen

(Cont. na pág.



A Insatisfeita

Novela de **IRENE TEMPLE-BAILEY**

QUANDO Barry retornou a casa, não opôs nenhuma resistência a êsse projeto, embora se percebesse que êle a isso não se opunha pelo fato de não dispor de qualquer argumentação em seu favor. Durante dias resistiu a demitir-se do lugar em que trabalhava, esperando que a família voltasse atrás a seu respeito e as coisas ficassem como estavam. Barry se tornou negligente, irritável, muito diferente daquele rapaz que vivia alegre, a saltar ao lado de Leila, ou a rir jovial como se dera no dia do casamento de Constance. A própria Leila percebeu essa mudança.

— Barry, meu querido, — disse ela uma tarde em que estavam na biblioteca de seu pai — você está assim tão triste é pelo fato de ir-se embora?

Êle se volta para ela com certa impetuosidade:

— Se eu tivesse um cruzeiro de meu, Leila, eu a levaria comigo e nós partiríamos juntos, para outro lado da terra!

— Encantada, ela respondeu:

— Isso seria maravilhoso, Barry!

Êle estava seduzido pela tentação.

— Se estivessemos casados, ninguém poderia separá-la de mim.

— Oh! Mas ninguém poderá roubá-lo de mim!

— Sei disso; mas bem que poderiam tentar fazer que você recusasse desposar-me.

— Por que julga isso?

— Poderiam dizer-lhe que eu não sou digno de você, que eu sou um pobre cretino, incapaz de dar vida dígna a uma mulher.

— Oh! Barry! — murmura ela — quem seria capaz de vir dizer-me tais coisas?

Ela se ajoelhou num pequenino tamborete perto dela e os seus cachos negros cairam pelo rosto a emoldurar-lhe as faces rosadas.

— Barry, diz ela, por que não nos casamos já, para mostrar a todos que poderemos viver com o que você ganha? Assim, você não teria necessidade de ir-se embora!

O rapaz fremiu diante dessa perspectiva.

— Mas, meu amor, seria torná-la pobre!

— Porém eu o teria, a você!

— Eu não poderia levá-la para a velha casa. Ela pertence a Mary. Papai sabia que Constance ia casar-se, e tudo dispos a fim de deixar o prédio a Mary até ao seu casamento. Depois disso, a propriedade será dividida entre minhas duas irmãs. Êle precisou que eu era um homem, e separou dinheiro que destinou à minha educação.

— Bem. Eu não poderia viver na casa de Mary. Mas poderiamos viver em casa de papai.

— Não! — Respondeu Barry bruscamente.

Barry tinha sentido que o general estava de pleno acordo com Gordon. Qualquer tentativa para mudar a opinião do velho seria uma temeridade.

— Se nos casarmos, querida, — diz êle — deveremos ir viver completamente sós; não quero ficar na dependência de ninguém.

— Poderiamos alugar um pequeno apartamento.

Os olhos da jovem brilharam.

— E papai o mobiliaria para nós. Susan Jenks poderia ensinar-me a cozinhar e dizer-me quais são os seus pratos preferidos. Então eu procuraria fazê-los, e isso seria como uma história que eu li nos livros. Barry, eu lhe peço!

Também o ingênuo Barry julgava que isso seria uma história como as que vêm nos livros. Outras pessoas já haviam feito coisas semelhantes e tinham sido felizes. Uma vez, no aconchego do lar, êle já demonstrara a Leila que era um homem. Contudo, Barry procurava fazer-se de rogado.

— Não devemos fazer isso. Não ficaria bem.

Mas, à queda que os dias iam passando e que se aproximava a data de sua partida, êle começava a perguntar aos seus botões: "Por que não?"

E foi assim que, instigados pelo Romance e empolgados pelo Amor, mãos nas mãos com a Ignorância, a Inocencia e a Impetuosidade, numa bela noite, sob o clarão poético de uma lua de março, Leila e Barry decidiram fugir.

Ela possuia uma amiga de infância em Rockville, e a visitava muitas vêzes. Barry conhecia o condado de Montgomery de fio a pavio. Havia pescado em seus rios, percorrido seus caminhos em viaturas; havia dançado, comido, jogado golf em seus clubes; havia dormido em seus hotéis e rezado em suas igrejas. Eis por que haviam êles adaptado o seu projeto a essa região, constituido o condado o lugar ideal para a sua união. Uma noite Leila beija seu pai com ar de sonhadora e lhe diz que está com vontade de ir ver Elizabeth Dean.

— Vou sòmente passar o sábado com ela, papai. Partirei na quarta-feira à noite e estarei de volta no sábado seguinte, para o jantar.

— Por que não vais de automóvel?

O trem é mais prático. Logo que chegar, telefonarei.

O pequeno truque começava a dar certo. Se o velho general houvesse desconfiado de algo e telefonado para lá, teria descoberto a maranha da filha, pois que ela não estava em Rockville, nem tão pouco sua amiga Elizabeth Dean a esperava naqueles dias.

Leila tomou o trem para Rockville, mas ficou numa estação a meio do caminho, entre essa cidade e a de Washington, e foi alí que ela se encontrou com Barry. Jantaram em um pequeno restaurante perto da estação, — excelente jantar com presunto, ovos e batatas cozidas — mas o maravilhoso nada tinha a ver com êsses alimentos; o maravilho eram os olhos brilhantes da pequena e encantadora Leila tôda côr de rosa, bem como a vivacidade jovial de Barry, que parecia um escolar em férias. Tomou do menu e escreveu uns versos para ela. Depois os leu em voz alta, enquanto a pequena fugitiva se deixava enlevar de emoção e confusão feminina.

Quando acabaram de jantar, Leila foi ao fone e telefonou ao pai comunicando-lhe que ela havaia chegado em paz a Rockville. Se sua voz tremeu um pouco e se seus olhos ficaram úmidos esperando a resposta afetuosa e confiante, foi depressa esquecido quando Barry a levou com o seu

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graça», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado por Roger, mas êle não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinha em seu apartamento com a gatinha Pittiwitts ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerr Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas dpois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite, a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolvez escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que frequentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo, abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amôres do rapaz com Leila. Por sua vez, Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. A carta de Roger a Mary terminava comunicando que descobrira numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo.

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**
Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**

pequeno saco de viagem, e que, se afastando da estação, dirigiram-se para as colinas, em busca da felicidade.

O caminho era um pouco longo, mas êles tinham pensado que seria preferível evitar o trem ou as estradas freqüentadas, nas quais poderiam ser reconhecidos. Atravessaram os campos, sebes e bosques, e ao cair do crepúsculo, Leila dançava no caminho e o mesmo fazia Barry, até que a lua se desenhou redonda e dourada por cima de longínquas colinas envolta em trevas. Em seguida passaram um grande ribeirão cujas águas pareciam de prata e entraram num campo cheio de árvores sombrias que desenhavam fantasmas, indo dar numa fazenda onde um cão começou a ladrar atrás dêles. O conjunto das árvores farfalhantes e das águas murmurosas do rio parecia segredar-lhe:

"Olá! Para onde vão vocês assim?"

Êles já haviam andado mais de uma milha, e ainda tinham um pedaço bom de estrada a percorrer.

— Mas, afinal de contas, que vem a ser uma milha, — perguntou Barry a Leila, que se pôs a rir.

Ela usava um vestido amarelo — pálido, com um mantô da mesma côr elegante. Seu chapéu era modesto enfeitado de fitas de veludo negro. Parecia uma flor nos começos da primavera, e Barry a abraça.

— Poderia dizer a papai amanhã, à tarde? — Perguntou ela.

— Não. Vamos esperar até domingo. E' primeiro de abril, Leila. Nós lhe comunicíremos o fato e êle crerá que se trata de uma brincadeira, uma mentira do dia. Mas, quando nos vir felizes, dirá que fizemos muito bem.

E assim, alegres como duas crianças, não permitiram que os pensamentos no futuro viessem alterar a alegria do presente. Durante uns momentos descansaram sôbre o tronco de uma árvore tombada no bosque. O vento começava a soprar e o ar era tépido, com a tepidez doce de uma primavera do Sul. Por entre as árvores êles podiam ver uma fita branca sôbre a terra, que, em zig-zag, ia levar a uma pequenina igreja envolta em sombras. Era uma estrada.

— A casa do pastor, é sempre perto da igreja, diz Barry. Dentro de uma hora você será minha Leila. E ninguém poderá afastá-la de mim.

Sob o doce sonhar dessas palavras ficaram silenciosos uns instantes. Depois ela falou:

— Como vai ser engraçado a gente casar, Barry!

— Parece-me a coisa mais natural do mundo; mas haverá pessoas que hão de dizer que eu cometi uma loucura, que eu a seduzi.

— Eu não me deixei seduzir. Quem o quis fui eu. Não foi você. Queria você que meu coração se despedaçasse quando você partisse?

Barry a aperta entre os braços, dá-lhe um beijo e docemente deixa que ela se afaste um pouco. Quando êles voltarem por êsse mesmo caminho, Leila já será sua espôsa.

O velho pastor lhes faz poucas perguntas. Ela tinha confiança na juventude e no amor. As leis do Estado eram clementes. Então com os membros de sua família por testémunha, o pastor os declarou casados de acôrdo com o ritual da Igreja, um e outro não formando senão um só corpo e uma só alma. Em seguida, o casalzinho regressou pelo mesmo caminho ao clarão da lua. Houve, porém, uma variante nessa viagem. Subiram a uma colina, desceram ao sopé de outra e, depois de tê-la transposto chegaram à uma hospedaria cheia de turistas nesse começo de estação. Uma senhora atenciosa e um senhor de idade e de côr prêta, os conduziram a um apartamento que Barry já havia mandado reservar por telefone. A senhora sorriu para Leila e lhe mostrou lindo buquê de rosas brancas que Barry ordenara colocassem em seu quarto, enquanto o velho negro acendia tôdas as luzes. Momentos depois foi-lhes servido o jantar no pequeno salão, constante de frango e biscoitos, uma garrafa de vinho brando e um bôlo modesto mas significativo. Leila o cortou.

— E dizer que eu deveria partir um verdadeiro bôlo de noiva! — Diz ela a Barry.

Aquêle jantar-ceia foi um festim de núpcias; mas Barry só abriu a garrafa um pouco antes do final do repasto. Encheu os copos, tomou de um e o ergueu:

— A sua saúde, murmurou êle sorrindo à jovem espôsa.

Antes de esvasiá-lo todo, êle pousa o copo com tão desastrado jeito que o choca de encontro à garrafa, quebrando-o e entornando vinho pela mesa, manchando a toàlha branca. Leila o olha alarmada, e nota no olhar de Barry o mais estranho reflexo.

— Barry — Diz ela meigamente. — Meu querido!

Êle se ergue e apaga as luzes.

— Deixe-me dizer-lhe na penumbra, responde, pois é preciso que você o saiba, Leila.

E à luz do luar êle confia à espôsa as razões por que queriam os seus parentes que êle partisse para longe dela.

— E' porque é preciso lutar contra demônios.

Inicialmente ela nada compreendeu; mas êle lhe esclareceu o sentido de suas palavras.

Leila, pequenina e meiga metida em seu vestidinho amarelo não podia compreender, de chofre, os mistérios daquela declaração. Mas, de súbito aquela menina se tornou numa mulher. Inclinando-se para êle, exclamou:

— Meu marido! Nada nos poderá separar de ora em diante!

O amor lhe disse o que preciso fazer, e ela então o consolou.

(Cont. na pág. 46)





SEGRÊDO DE ALPINISTA

A história seguinte poderia ser contada de maneira diversa. Nêste caso, eu deveria respeitar religiosamente a cronologia dos acontecimentos e procurar repetir fielmente todos os detalhes, por mais ínfimos que fôssem, inclusive a conversação e as expressões trocadas. Isto, porém, conquanto assegurasse a veracidade da minha narrativa, tiraria grande parte do seu possível interêsse e, certamente, empanaria o brilho que, porventura, possua. Portanto, prefiro dar um cunho especial à narração desta história, apesar de respeitar a verdade.

Na realidade, tudo começou nas proximidades da ferrovia que liga o Rio de Janeiro a Teresópolis, diante do famoso Vale dos Deuses. Quem demanda o Dedo de Deus, para uma rude escalada, e a Cabeça de Peixe, para uma caminhada de várias horas em constante ascenção, deve saltar do trem no vigésimo nono quilômetro da estrada de ferro, para acampar em abrigos de extraordinário primitivismo, situados no interior da floresta. Existe, logo à beira dos trilhos, a casa de um guarda florestal, porém a sua presença é tão nula para os excursionistas como para quem vai, ilegalmente, caçar nas matas protegidas da localidade. E' que a sua casa é pequena para uma formigante família e a sua incompreensão grande para com os próprios deveres.

O meu objetivo, ao saltar do trem em movimento, entre tantos rapazes e moças da minha idade, era galgar as encostas da Cabeça de Peixe, com o mínimo de esfôrço que me fôsse possível, e o máximo de auto-satisfação que conseguisse elaborar, durante a caminhada. Entretanto, sendo grande a caravana, os objetivos dos demais excursionistas, ao se lançarem àquela aventurazinha, variavam tanto que se podiam achar intenções perfeitamente opostas.

Um alpinista não deve beber álcool. Todavia, é comuníssimo verem-se escaladores beber antes e durante suas peripécias rupestres, servindo de desculpas para estas libações o frio, a chuva, o esfôrço e o entusiasmo da sã camaradagem. E se não fôsse esta freqüente adesão à cachaça, eu não teria tido oportunidade de saber e, agora, contar esta história singular.

Com a língua sôlta pelo ardente líquido que, pouco antes, engulira, um dos alpinistas que se preparavam para galgar, na manhã seguinte, o Dedo de Deus, começou a me fazer confidências, enquanto, envoltos em todos os agasalhos de que então dispunhamos, nós dois nos dirigíamos ao mais próximo córrego, para encher os cantis. E foi de tudo que êle me disse e que, na ocasião, palestramos, que fiz, resumindo e lapidando, a história que passo a contar.

Chamemos Dagoberto a êste escalador imprudente. De estatura média, mais magro do que gordo, rosto afilado e bastos cabelos alourados e esvoaçantes, era um tipo fisicamente normal, o que não insinuava necessàriamente uma psiquê sadia. Tinha alguns diplomas colegiais, o que também não denotava automàticamente uma sólida cultura. Decorara temporàriamente alguma coisa para passar nos exames e isso era tudo. No que concerne a suas maneiras, êle era, pelo menos durante as excursões, como a maioria dos adeptos do montanhismo. Demonstrava a alegria dêstes, às vêzes francamente artificial, à qual, porém, podia suceder, bruscamente, uma expressão de constrangimento. Por ter observado êste detalhe, talvez, foi que não me surpreendi muito com a sua história.

Fôra um menino vulgar, considerando-se a vulgaridade infantil da Zona Sul do Rio de Janeiro. Frequentara a praia, jogara muito futebol e comparecera assiduamente aos cinemas. Entretanto, ao atravessar a adolescência, qualquer coisa indefinível começou a se interpor entre êle e a sociedade em que vivia. Já não era o mesmo indivíduo à vontade em um meio favorável à sua felicidade íntima, tornara-se um verdadeiro desajustado entre os irresponsáveis adolescentes que constituíam o seu círculo de relações. Continuou a fazer tudo que a sua geração fazia, mas, para seu íntimo desespêro, não sentia um sincero entusiasmo por nada que interessasse intensamente os outros. Êle jamais soube explicar realmente se lhe faltava qualquer coisa ou, se, pelo contrário, nêle avultava algo que o impedia de se ajustar naquela sociedade em vertiginosa transição. Não era brilhante, nada de genial aparentemente o caracterizava, êle parecia até um indivíduo extraordinàriamente simples e, de um certo modo, um pouco insignificante. E aí, sem dúvida, residia tôda a causa de seus problemas, embora êle não a sentisse e se desesperasse por procurá-la em vão.

Havia nêle uma rudimentar consciência da própria insignificância e um desejo irreprimível de compensá-la por qualquer meio. Mas, para sua falta de sorte, escapavam-lhe os únicos elementos que considerava capazes de erguê-lo na sociedade em que se julgava, por excesso de auto-depreciação, um pária. A fortuna, a perfeita harmonia morfológica e uma grande aptidão para vencer na vida, eram

(Cont. na pág. 46)

Conto de LUÍS CARLOS M. MAIA
Ilustração de RENATO DE SOUZA

TERA' VEZ A DUQUESA DE WINDSOR?



O ANTIGO REI da Inglaterra, Eduardo VIII, hoje vive como um particular, usando o título de Duque de Windsor. A Duquesa não é recebida pela família do seu marido.



ELIZABETH, hoje Rainha.

UM PROBLEMA DE CÔRTE QUE ABORRECE O DUQUE DE WINDSOR, CUJA MULHER É NORTE-AMERICANA E DUAS VÊZES DIVORCIADA.



COMO DECIDIRÁ ELIZABETH, ENTRE AS QUEIXAS DA IMPRENSA AMERICANA, O FORMALISMO DA CÔRTE ATUAL E AS TRADIÇÕES LIBERTINAS DOS REIS HANOVERIANOS, DOS QUAIS DESCENDE?

Texto de **JOÃO ALVARENGA**, especial para REVISTA DA SEMANA

TERÁ VEZ A DUQUESA DE WINDSOR?



EDUARDO VII, que reinou na Inglaterra e sempre que podia dava uma escapada até Paris.

JORGE V, que foi um rei estimado pelo seu povo e um chefe de família cheio de virtudes.



O REI JORGE VI, da Inglaterra, recentemente falecido, que era um homem tímido e muito doente.

QUANDO, no ano de 1936, Eduardo V... Inglaterra abdicou o trono em favor d... irmão, o Duque de Kent, que reinou até a... como Jorge VI, seu problema com o tron... resolvido e êle podia casar livremente com a... eleita, de origem plebéia e duas vêzes di... Mas outros problemas ficavam pendentes e... irritante entre êles era a repulsa formal... família à Sra. Wally Simpson, a norte-... já transformada em sua espôsa.

Seu irmão então reinante não a reconhe... cunhada. Sua mãe, a rainha viúva, não a... como nora. Wally, a despeito de ter via... de uma vez pela Inglaterra, já como Du... Windsor (título que o casamento lhe tro... freqüentou uma só vez a côrte, nem rece... só convite, mesmo em caráter particular, ... quer de seus parentes por afinidade ou d... ligada aos círculos reais.

O Duque de Windsor, nessas excursões ... à Inglaterra com sua mulher, não deixou d... sua família no Castelo de Windsor. Foi, ... as vêzes, só, como se fôsse homem solteiro.

A Inglaterra oficial recusava-se decidida... enxergar nessa mulher nascida do outro ... Atlântico, duas vêzes divorciada e sem sang... a espôsa legítima do seu antigo soberano, ... que como Príncipe de Gales, fôra a coque... todo o Império, tanto o estimavam e ad... as populações das Ilhas e dos domínios.

★

NESSA atmosfera de frieza e hostilid... quesa de Windsor viu transcorrer ... reinado de seu cunhado, o Rei Jorge VI, ... mente falecido. E é com a elevação de ... ao trono que o problema parece se reabrir, ... da opinião da imprensa americana, que inter... mais de uma vez, e torna a fazê-lo neste mome... a estranheza e o agastamento dos norte-americ... pela atitude da família real inglêsa em face ... ex-sra. Simpson. Com efeito, a opinião n... americana, totalmente desamparada de tradiçõ... preconceitos, pareceu sempre não compreende... repulsa que encontrava a Duquesa de Windsor e... os parentes que o matrimônio lhe dera.

Nos meados do mês passado o «New York Ti... jornal de grande circulação e conceito nos Es... Unidos, abriu lugar para um grave editori... que declara esperar uma mudança de atitud... Elizabeth II nesse delicado assunto. Assinala... que a atual rainha é muito bem vista nos Esta... Unidos, acrescenta: «Ela pode conservar essa b... vontade e mesmo aumentá-la, aceitando sua ti... ricana, a Duquesa de Windsor, como me... família.»

Não se limita porém a essas palavras de ... cortês. Acrescenta, lembrando os antece... trono inglês: «A Rainha Elizabeth ocupa ... que foi outrora ocupado por Henrique VIII, ... ciado duas vêzes. O seu trono deve dema... tituição do divórcio para que ela possa em ... ciência manter à distância qualquer um ... de ter sido divorciado. E conclui, entend... o ostracismo da Duquesa de Windsor é ... rudeza como uma crueldade.»

O problema volta assim a ser ventilado.

★

A crítica do jornal norte-americano ... ficou ainda aquém do que pode ... lembrar, pois a tradição de compostu... de Londres é relativamente recente e ... sados da atual Rainha se mostraram libe... escândalo para seus familiares e para ... públicos do tempo.

Jorge I, fundador da atual dinastia, ... tes do Hanover, que era a sua pátria, ... de outras concubinas inglêsas. Gostava ... gordas e devassas.

Jorge II, seu filho, via o dia escoar... fado, esperando a única hora de pa... tivo para êle, a em que ia encontrar ... Às 9 horas, de relógio na mão, deixa... assunto de Estado para ir ao encontr... que o esperava.

Há uma pausa com Jorge III, marido ... mem frugal. Jorge IV, ainda prínci... casa secretamente com a católica Maria ... antes de esposar oficialmente Carolina ... e — registra um cronista — «nem p... fugiu à libertinagem». Carolina separou-... depois de casada, e foi para o continente ... seus múltiplos amôres. Quando o marido ...

OS REIS HANOVERIANOS

JORGE I (o Alemão)
(1714 - 1727)

JORGE II
(1727 - 1760)

FREDERICO, Príncipe de Gales
m. em 1751

JORGE III
(1760 - 1820)

JORGE IV
(1820 - 1830)

CARLOTA, Princesa de Gales
m. em 1817

GUILHERME IV
(1830 - 1837)

EDUARDO, Duque de Kent
m. em 1820

VITÓRIA
(1837 - 1901)

EDUARDO VII
(1901 - 1910)

JORGE V
(1910 - 1936)

EDUARDO VIII
(1936)

JORGE VI
(1936 - 1952)

ELISABETH II

DE JORGE I a Elizabeth II há um caminho feito por dez reis, em mais de dois séculos. São os reis de cujo sangue provém a atual soberana britânica.



VITÓRIA, que se fêz imagem e exemplo da sociedade burguesa e puritana do último século. O quadro reproduzido acima fixa o batizado de um de seus filhos.

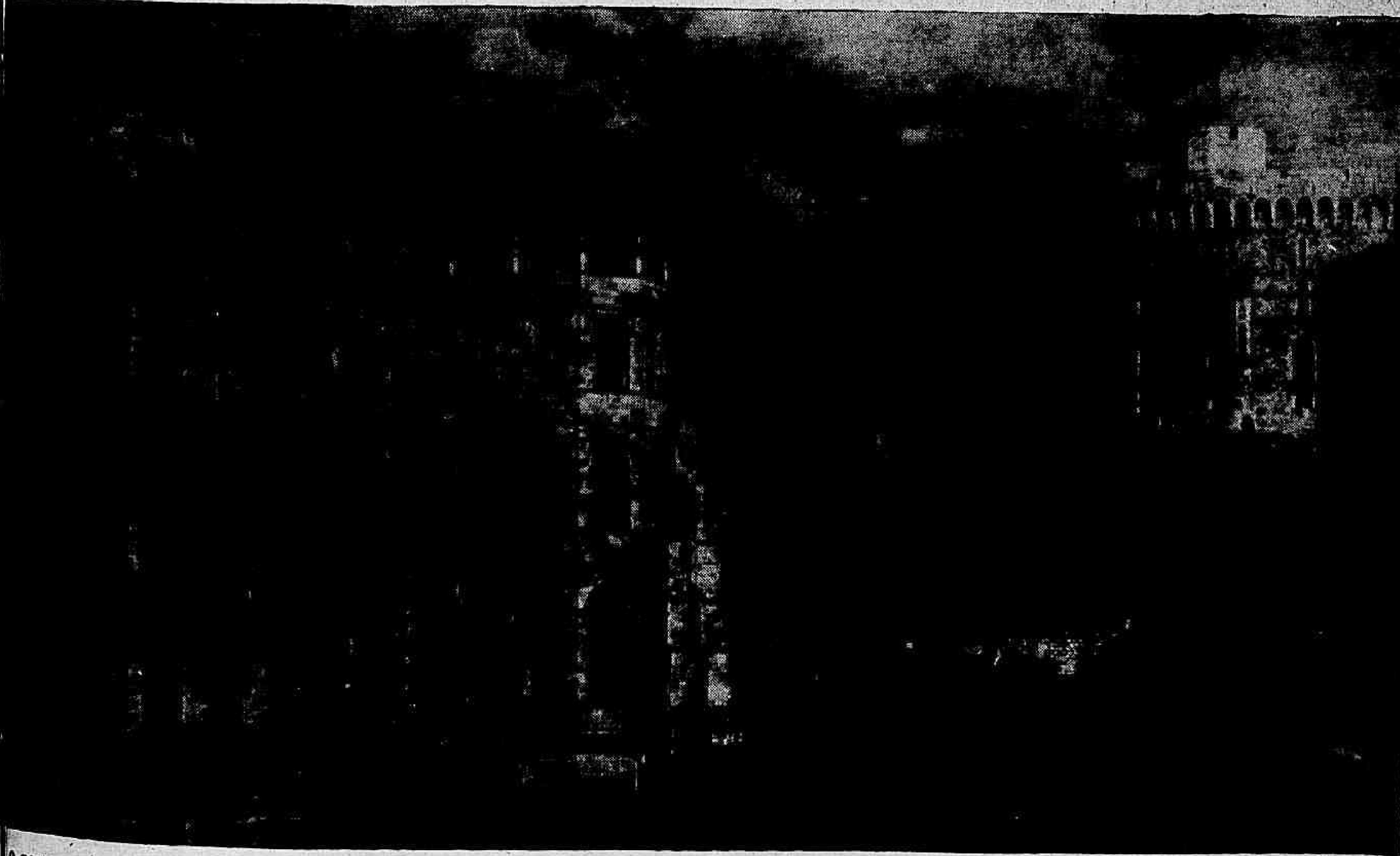
...ado rei ela pretendeu ser coroada ao mesmo ...empo, o que enfureceu Jorge, que moveu um pro...sso de divórcio onde afirmou coisas muito sujas ...ontra a mulher. Carolina teve a boa idéia de morrer ...ntes do processo terminar e das coisas se com...carem.

Guilherme IV, que vem a seguir, é homem pa...do que interrompe a tradição. Foi com a Rainha Vitória, que sucede ao seu tio Guilherme — escreve o cronista — «que os Inglêses contraíram o hábito de considerar a vida do soberano como uma parte da vida familiar dos súditos». Depois de ter cedido a algumas frivolidades casou com seu primo Alberto de Saxe-Coburgo, com ele constituindo um lar perfeito, capaz de satisfazer a respeitabilidade burguesa.

Ao assumir o trono já perto dos sessenta anos, Eduardo VII, que fôra um príncipe mundano e viajado observa uma vida pessoal discreta, tal a que faria também seu filho, Jorge V.

Eduardo VIII, que viajou o mundo inteiro passeando sua beleza e seu sangue azul, como Príncipe de Gales, estêve inclusive no Brasil. Aqui, como em tôda parte, se mostrou um amigo das mulheres e da bebida, e sabia destemperar-se nelas. Deixou o trono pela Sra. Wally Simpson, segundo a versão

(Cont. na pág. 64)

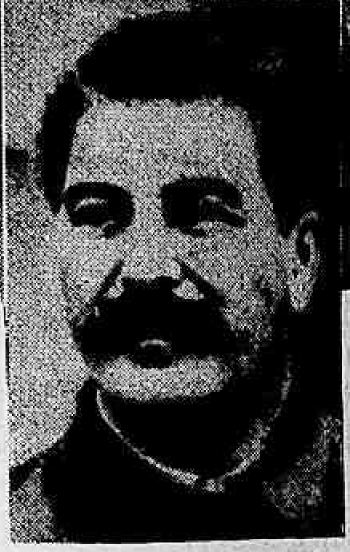


O CASTELO Real de Windsor, um dos mais belos monumentos arquitetônicos da Grã-Bretanha. Chegará o dia da Duquesa de Windsor franquear seu portão?



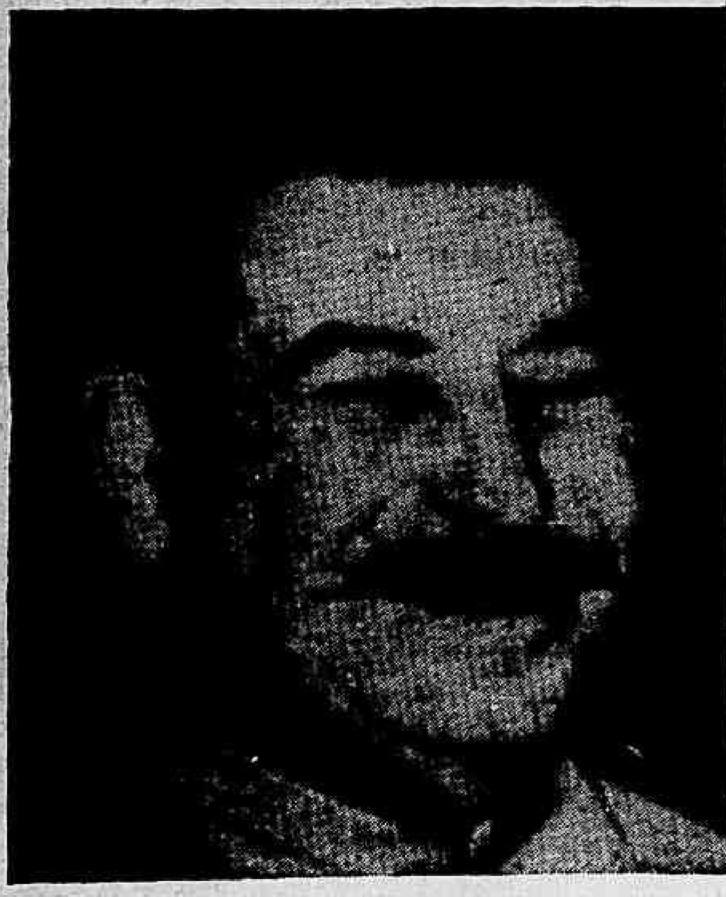
GOMEZ e Stalin, ainda moços. O mesmo fogo sombrio nos olhos apertados.





GOMEZ e Stalin, madurões. Note-se a semelhança na conformação da cabeça.

TAL PAI, TAL FILHO







NESTA coleção de três fotos, quantos são Gomez, quantos são Stalin? Responda depressa e verifique depois, com calma, se conseguiu acertar.

ESTARIAM LIGADOS, PELO SANGUE, GOMEZ, DA VENEZUELA, E STALIN, DA RÚSSIA? UMA REVELAÇÃO SENSACIONAL QUE SE AFUNDA EM MISTÉRIO IMPENETRÁVEL. ★ O ROMANCE DE UMA BAILARINA RUSSA E DE UM SOMBRIO VENEZUELANO QUE SERIA MAIS TARDE O HOMEM TODO PODEROSO DE SEU PAÍS.

Por A. MARCANTI

DOIS ditadores famosos, um na história da América outro na história do mundo: Gomez, da Venezuela, e Stalin, da União Soviética. Ambos, e cada um de acôrdo com a tradição que encontrava na história de seu país, concentraram nas mãos uma extraordinária soma de poderes. Ditadores temidos e obedecidos, governando sem sombra de oposição, porque tôda veleidade de resistência tinha fim no cárcere ou na sepultura, conseguiram entretanto impulsionar o progresso material de suas pátrias — Gomez ao organizar a indústria do petróleo. Stalin através de planos quinqüenais que desenvolveram as indústrias de base na Rússia.

Juan Vicente Gomez nasceu no campo, em 1859. Josef Vissarionovich Djugashvili (Stalin) viu a luz num pequeno povoado da Geórgia, no ano de 1879. Que outra fôrça, além do parentesco espiritual, poderia aproximar êsses dois homens tão distantes pela geografia, entretanto tão próximos na vocação e no destino que realizaram?

A fôrça do sangue — essa podia não só aproximar mais ìntimamente os dois famosos ditadores como ainda poderia extrair, dos mistérios ainda não totalmente desvendados da genética, uma aceitável explicação para a fantástica trajetória do humilde georgiano que chegou ao trono vermelho da Rússia dos nossos dias.

Foi essa, com efeito, a sensacional revelação que correu mundo nos últimos meses, depois que apareceu nas colunas do jornal "Últimas Notícias", de Caracas. O diário caraquenho sustentou, nada mais nada menos, que Stalin é filho de Gomez com uma bailarina russa chamada Ekaterine, que andou em "tournée" pela Venezuela. Ao regressar à sua terra lhe teria nascido a criança que hoje ocupa a primeira posição na União Soviética.

Que seria afinal a revelação de "Últimas Notícias"? Pilhéria, lenda, exploração, fato verídico? Será tàlvez difícil concluir. A notícia, porém, teve as honras do destaque jornalístico no "Le Monde", de Paris, no diário espanhol "Madrid", no "El Siglo", de Bogotá.

Nesta página oferecemos aos leitores da REVISTA DA SEMANA a oportunidade de concluírem por conta própria, depois de examinarem as fotografias que publicamos. A semelhança é realmente de impressionar.

Stalin será filho de Gomez, o ditador da Venezuela?



NESTE casebre nasceu Stalin, num fim do mundo na Georgia. A mãe ali estava, sem dúvida. E o pai?

TREVOR HOWARD, "EL BORACHO"



TREVOR HOWARD não é apenas o tipo ideal de homem para as pequenas britânicas; esta brasileirinha acha-o encantador.

PARA CADA TRÊS PALAVRAS PRONUNCIADAS, UM COPO DE UISQUE. ★ UM TALENTO ENTRE MEDIOCRIDADES. ★ SIMPLICIDADE EXAGERADA OU INCONSCIÊNCIA MOTIVADA PELO ALCOOL. ★ DE QUALQUER MANEIRA, E' POSSUIDOR DE UMA SIMPATIA ABSOLUTA.

De **LEON ELIACHAR** (Enviado especial de REVISTA DA SEMANA a Punta Del Este)

NTA DEL ESTE, janeiro (Por via-aérea).

ISCUTIVELMENTE, a figura mais simpática dêste Festival foi Trevor oward. E a mais pitoresca. E a que causou maior atenção. E maior corios. Mas que possui êle, afinal, para chamar a si a curiosidade de convergir para sua figura comum os olhares de todos? Seria repreensua conduta? Ao contrário. Trevor Howard é um verdadeiro **gentleman**. riado no Clifton College, em Bristol, cuja fama é conhecida tanto pelos estudos acadêmicos como pela prática de vigorosos esportes. No entanto, oward revela, pela expressão do olhar e pelo uso da palavra, uma inteia e cultura acentuadas, seu físico deixa muito a desejar no que toca eza masculina. E, estranho como pareça, Howard conquistou inteiramente blico feminino, não só do Festival de Punta Del Este como de todo undo.

A N T E C E D E N T E S

de que Howard apareceu pela primeira vez na tela, em «Desencanto», ndo uma história de amor entre um homem e uma mulher de idade já avançada, que seu tipo ficou marcado e caiu na simpatia do público. Uma jornalista americana afirmou, logo após assistir a essa fita que «Howard é o tipo do homem inglês do qual as mulheres logo se enamorariam». A jornalista errou num pequeno detalhe; porque não só as jovens inglêsas ficaram enamoradas de Trevor, senão três têrços de tôda a população feminina do globo. Suas fitas subseqüentes («A Salamandra de Ouro», «O Terceiro Homem», «Agente S-23») logo o consagraram como um dos melhores atores do cinema contemporâneo.

N A V I D A R E A L

Quem convive com Howard faz dêle, automàticamente, um bom amigo e um bom companheiro. Espírito alegre, brincalhão, percebe-se fàcilmente que sua conduta e sua filosofia, seu modo displicente de se vestir e sua simplicidade, não são fruto de pose estudada para impressionar ninguém. Muito diferente daqueles tipos sizudos que interpreta na tela, na vida real Trevor Howard é um homem simples e comum, que gosta dos prazeres ao ar livre, de dançar e de beber. Principalmente. Raro é o dia em que não está alegre, bebendo seguidamente doses e mais doses de uísque. Talvez seja essa incons-



SIMPLES, JEITOSO, Howard quer bem a todos, especialmente às crianças. E as mamãs sabiam aproveitar essa preferência do «astro».



HOWARD FOI a atração máxima de Punta Del Este. Ei-lo, objeto de ... sidade, quando cumprimentava a atriz italiana Lia Amanda.

ciência provocada pelo álcool que lhe dá êsse aspecto de alegria, de indiferença a tudo e a todos, levando sua vida em linha reta, sem olhar para os lados — sem se importar com quem quer que seja. Tem vontade de fazer uma coisa — e faz mesmo. E quem seria capaz de repreender o grande Trevor Howard? Porque, no fundo, todos sabemos que a razão está com êle.

Trevor Howard é franco. Não nega responder a nenhuma pergunta. Fala pouco, contudo. Diz apenas o essencial — quando não está muito sóbrio. O que é raro. Um sorriso permanente nos lábios, está sempre cercado de amigos que riem com suas blagues. Aparenta ter 45 anos, quando tem apenas 35. Sente-se mal dentro de um traje a rigor; prefere, antes, roupas leves e esportivas. Durante um baile de gala, teve a ousadia, ou o descaso pela sociedade, de se apresentar de bombachas e uma camisa desabotoada. Trevor Howard é assim; faz o que sente e não esconde nada disso.

Gosta muito de dançar. Até cair. Vimo-lo, com freqüência, nas «boites», dançando o samba com passos de gafieira. Tem ritmo e agilidade. Ninguém poderia afirmar, em outro lugar, que aquêle homem no salão, bamboleando ao ritmo de um samba ou de um baião, era o Howard — ator de cinema. Porque Howard não muda, na vida real; muda, isto sim, quando representa no cinema. E aí está o valor de seu talento.

NÃO HÁ MISTÉRIO

A história do êxito de Trevor Howard não tem nenhum mistério. Os ... didos em beleza masculina não lhe outorgam altas classificações nem ... particularidade especial. Howard não apresenta um exterior desagra... porque a simpatia e bons modos são naturais nêle — senão um cert... indiferença. Aparentemente, não parece entusiasmar-se com as coisas ... rosas da vida, mas os que o conhecem a fundo estão convencidos de ... das principais características de sua personalidade é a de não pres... nhuma atenção às coisas de importância adjetiva. Êste é um sinal ... de sua grandeza. Não obstante, seus amigos estão certos de que ... de perfeita felicidade é passar um sábado a tarde em Lord, campo ... de «cricket», na Inglaterra, e sair porta a fora da taberna com um ... cerveja e começar a criticar o jôgo. No festival, êle deu preferência ... — embora não criticasse ninguém. Talvez seja êsse outro sinal ... classe de grandeza. Como quer que interpretem os homens, não im... mulheres gostam de Trevor Howard porque êle não se parece com ni... E' simplesmente Trevor Howard.



INCRÍVEL como pareça, Howard declarou: «Detesto o chá; prefiro mil vêzes o café». E pôs-se a esperar o cafèzinho, depois do churrasco.

4 VOZES... "PERNAMBUCO FALANDO PARA O NORDESTE"



RÁDIO DIFUSORA DE GARANHUNS
ZYK-23 - FREQUÊNCIA: 1.210 KILOCICLOS

RÁDIO DIFUSORA DE CARUARÚ
ZYK-22 - FREQUÊNCIA: 1.080 KILOCICLOS

RÁDIO DIFUSORA DE PESQUEIRA
ZYK-25 - FREQUÊNCIA: 1.390 KILOCICLOS

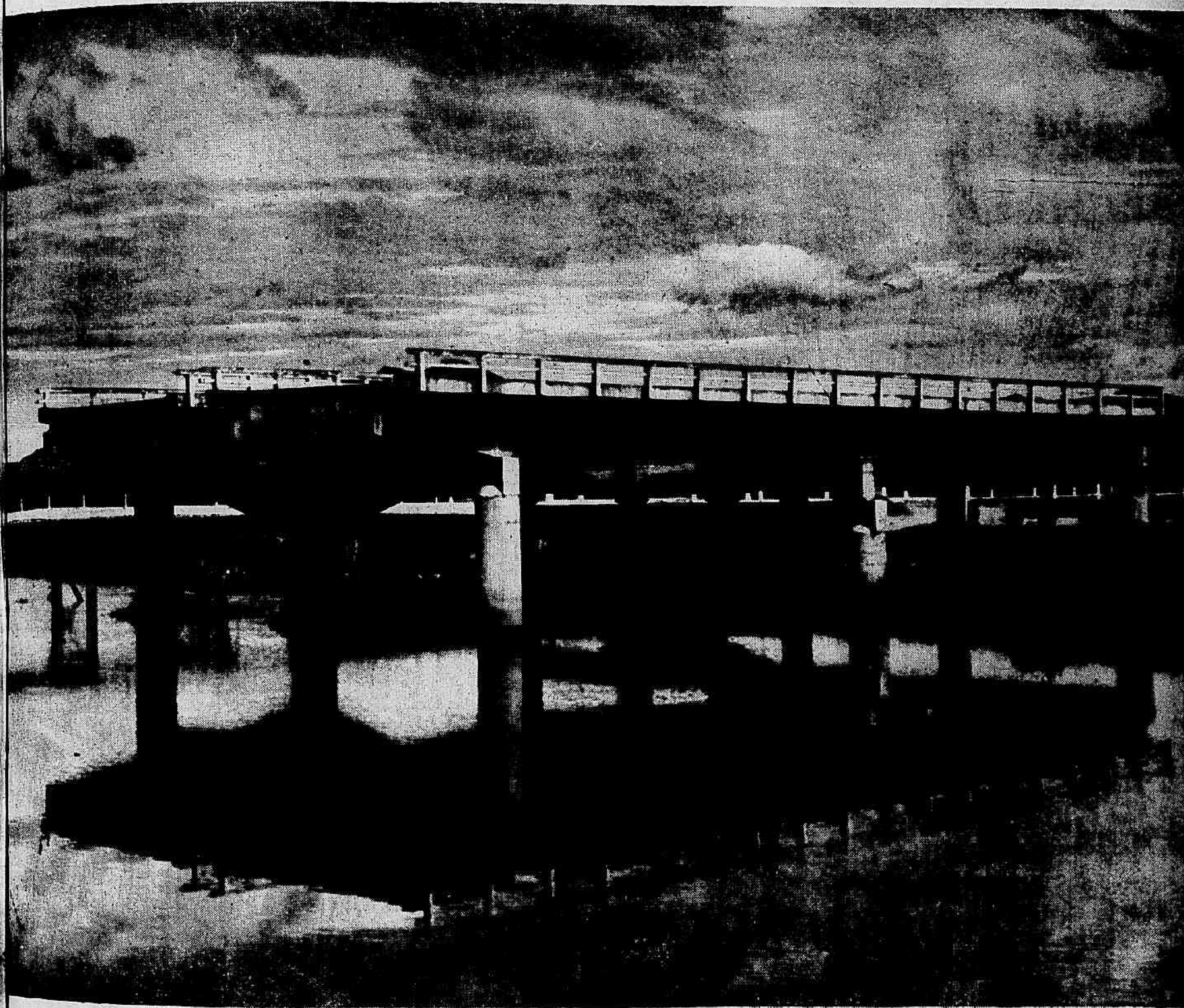
RÁDIO DIFUSORA DE LIMOEIRO
ZYK-26 - FREQUÊNCIA: 1.250 KILOCICLOS

Localizadas nos quatro centros mais importantes do interior do Estado, com as suas antenas a centenas de metros acima do nível do mar, a Rádio DIFUSORA DE GARANHUNS, Rádio DIFUSORA DE CARUARÚ, Rádio DIFUSORA DE PESQUEIRA e Rádio DIFUSORA DE LIMOEIRO atingem, pela sua privilegiada posição geográfica, vasta faixa do território nordestino, servindo a vários núcleos de consumidores, em diversos Estados de apreciável poder aquisitivo.

Dada a importância com que vem sendo encarada a publicidade local, a sua mensagem de vendas, através das quatro primeiras Emissoras do Interior de Pernambuco, terá resposta imediata, alcançando todos os objetivos visados na campanha publicitária.

Propriedade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S. A. (Recife) - Rio: R. México, 164-9. and. - S. Paulo: R. Formosa, 409-3. and.

A PONTE FANTASMA



QUEM viaja pela estrada Rio-Petrópolis há mais de dois anos depara com uma ponte de concreto armado que se ergue como um fantasma. Construída, não chegou a exercer o seu mister porque um dia uma parte desapareceu no pântano, dir-se-ia que misteriòsamente: tubulões cravados a mais de dez metros de profundidade, porém apoiados em terra firme, aluíram e se foram para o fundo da lama em conseqüência do escorregamento do terreno da margem. A natureza zombou da técnica e, até hoje, duas modestas variantes de madeira dão passagem em tôrno do monumento inacabado.

Ali, como já tem acontecido em situação semelhantes em diversas partes do mundo, a engenharia se deteve; estuda sèriamente o assunto, receiosa de nova traição, e ainda não encontrou um meio seguro para vencer a vasa. Há que esperar também a ação consolidadora do tempo. Assim, aos milhares de leitores que desfilam ao lado da ponte solitária, informamos que não se sabe ainda quando será reconstruída a obra.

Que as autoridades sustentem os arrodeios de madeira, os quais não inspiram especial confiança. Porque a lama, que parece ter fôrça de ímã, poderá chamá-las às suas profundezas insondáveis.

ESPORTIVOS



O calor andou fazendo dengos, mas chegou. E veio brabo, com dias sufocantes. Os modelos desta página ajudarão as leitoras a aturá-lo. Representam confôrto e graça neste mês de canícula.



Ela fôra divertir os soldados e se apaixonara



Se bem que sempre tivéssemos confortável casa e recursos para bom passadio, nunca me esqueceria das vêzes que ia comprar algo e procurava verificar o preço. Comecei a trabalhar logo que deixei a escola, e agora, como as moças de nossa cidade, vou ao U. S. O. Dances para distrair os soldados do acampamento próximo. Eu ouvira falar muitas vêzes de moças que encontram milionários, e eu sempre me admirei disso; mas nunca experimentei tal. Então, numa noite, no U. S. O. Dances...

O jóvem G. I. era belo o bastante para perturbar o coração de uma garôta...

Espero que esteja divertindo-se muito. Chamo-me Neda Hubert e estou no Comité esta noite.

Sou Ray Gannon e estou gostando disto aqui. Mas tenho um companheiro que deseja dançar com você, mas está acanhado. Êle acha que você é a mais bela daqui!



FELICIDADE INESPERADA















O «CONJUGO VOBIS» pronunciado pelo Pe. Abranches S. A. unindo os jovens Ricardo Luiz Pessoa de Queiroz e Maria Digna de Melo Lima Cavalcanti, na Igreja Madre Deus.

NA ALTA SOCIEDADE RECIFENSE







trimonial a que o Re-
iu a 2 de fevereiro,
m os jovens Dr. Ri-
soa de Queiroz, filho
lfo Pessoa de Queiroz
ucila Pessoa de Quei-
rita Maria Digna de
alcanti, filha do dr.
..ui de Lima Cavalcanti e consorte, Sra. Teresa Melo Lima Cavalcanti, constituiu um dos marcantes acontecimentos sociais da capital pernambucana. Foram padrinhos, por parte do noivo, o comendador Jaime Santos e senhora; ... aldo Magalhães e se-
Vasconcelos Júnior e
te da noiva: Sr. Val-
Melo e senhora; dr. Luiz Inácio Pessoa de Melo e espôsa; Sra. Maria Angela Monteiro dos Santos; Fernando Pessoa de Melo e senhora; Dr. Antônio Dourado e senhora. O ato civil realizou-se a 31 de janeiro e o religioso a 2 de fevereiro.

Os pais da nubente ofereceram bri- lhante recepção em sua residência. Na foto, à esquerda, vemos Da. Ce- saltina Dalila Santos e seu espôso Com. Jaime Ferreira dos Santos, Di- retor Sup. do Banco Com. e Ind. d Estado de Pernambuco, S. A. À di- reita: Dr. Sizenando C. Leão (cabe da mesa) e no primeiro plano, à es- querda, Dr. Dalvino Santos. Na fot ao centro, Da. Lucila P. de Queiro Dr. Rui de Lima Cavalcanti, Da. Te- resinha P. de Queiroz e o Dr. Jo Adolfo P. de Queiroz, Diretor Presi- dente do Banco Comércio e Indústri do Estado de Pernambuco. Os noivo passaram a lua-de-mel em Bueno Aires.

DUAS LIGEIRAS sugestões para passeios à tarde, ambos estampados: um com flores vivas o outro em "pois" prêto.

PARA PASSEIO, elegante modêlo em tafetá estampado em côres discretas, de linhas simples.



SUGESTÕES ELEGANTES

ARA JOVENS, gracioso mo-
ēlo duas peças, blusa em ve-
do prêto, saia e punhos em
organdi.



LÃ cinza encorpada, temos
i esta sugestão para pas-
; echarpe de sêda preta.





Para o "cocktail", ou o jantar elegante, temos esta elegantíssima criação em tafetá estampado.

BANCO DO POVO S. A.

Instalado em 27 de abril de 1920

CARTA-PATENTE Nº 410, DE 24 DE OUTUBRO DE 1946
Matriz:
RECIFE — PERNAMBUCO

Capital	Cr$	50.000.000,00
Capital Realizado	Cr$	42.279.600,00
Fundo de Reserva Legal	Cr$	10.984.021,30
Fundo de Reserva Especial	Cr$	3.750.000,00
Fundo de Depreciação de Imóveis	Cr$	2.000.000,00
Fundo de Depreciação de Móveis e Utensílios	Cr$	3.057.333,70
Fundo de Assistência Social aos Funcionários	Cr$	600.000,00
Lucros Suspensos	Cr$	148.577,50

DIRETORIA
Affonso de Albuquerque — Presidente
Antônio Alvares de Carvalho Lages — Vice-Presidente
Antônio Martins do Eirado — 1º Secretário
Dr. Luiz Ignacio Pessoa de Melo — 2º Secretário

SUPLENTES DE DIRETORES
Guilherme da Cunha Rego — Arnaldo Almeida Alves de Brito — Dr. João Cleophas de Oliveira — Manoel Caetano de Brito

CONSELHO FISCAL
Gustavo Veloso Pereira Borba — José Tavares de Moura — José Augusto Alves de Paula Filho

SUPERINTENDENTE
Miguel Gastão de Oliveira

GERENTES DA MATRIZ
Dr. Renato Pires Ferreira e José Adelmar Soares de Avelar

Filiais: — JOÃO PESSOA e CAMPINA GRANDE (Estado da Paraiba)
NATAL (Estado do Rio Grande do Norte)
MACEIÓ (Estado de Alagoas) e
CIDADE DO SALVADOR (Estado da Bahia)

Agências em: GARANHUNS, CARUARU E NAZARÉ DA MATA (Pernambuco)

Escritórios em: BEZERROS, PESQUEIRA E SERTANIA (Pernambuco)

O Banco se encarrega da cobrança de títulos em tôdas as praças do país e oferece as melhores taxas para depósitos



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

UM ENCONTRO . . .

(Cont. da pág. 27)

pelo qual esperava tantos anos. Sùbitamente o outro parou. De onde êles estavam, da larga faixa vermelha cortada no verde sujo do capim, outra faixa partia, exatamente igual, exatamente tão árida e interminável como a primeira: era a deriva do velho.

— "Tá bem, seu moço, eu fico por aqui mesmo. Para a cidade não tem mais errada, é sempre direito. Lá na primeira quebrada já vai ver as primeiras casas. Té a vista e boa viagem. Vá com Deus...

O moço murmurou qualquer coisa como despedida e ficou estatelado, no mesmo lugar, vendo o outro afastar-se no seu poleiro. Cavalo e cavaleiro ofereciam um quadro lastimável de penúria e decrepitude. — Vá! Saia atrás dêle e diga-lhe tudo! — fêz-se ouvir outra vez a voz íntima. Êle sentiu que carregaria consigo a decepção, a sensação de ser um homem vencido, de alguém que roncou alto a sua resolução, a sua coragem e na hora não realiza o seu intento, volta atrás... Fêz um movimento como se quisesse atirar-se ao encalço do outro que seguia, indiferente, sem ao menos se voltar uma única vez, como um monte de farrapos carregado pelo vento, como um espia-de-arrozal que tivesse criado vida.

— Mas poderei eu me meter com um velho cachaceiro que parece não ter mais muitos dias de vida? Não, não é possível... — pensou êle.

— Vá, ainda está em tempo! — queixou-se o espírito vingativo, enquanto o outro se distanciava cada vez mais e êle permanecia indeciso.

Agora já não se conhecia direito se era um homem, um boi, um cavalo ou mesmo um cachorro; essas estradas compridas enganam tanto a gente...

Dentro duma nuvem de poeira vermelha o vulto prêto ia diminuindo, diminuindo. Por último a mancha indefinível que se movia, desapareceu...

Só ficou a estrada, triste, árida e desolada, uma dessas estradas de terra vermelha, sem fim, nas quais, se vocês nunca andaram, eu as descreveria em vão...

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 29)

O amor lhe disse o que era preciso fazer, e ela então o consolou.

Na manhã do dia seguinte Elizabeth Dean veio esperar Leila Dick na estação. Na verdade, porém, a Leila que ela recebeu já era Leila Ballard. Era uma coisa que ela ignorava completamente. Mas Leila estava perfeitamente consciente de seu novo estado. Para ela a busina do auto era uma encantadora música, e os pássaros estavam cantando para ela, e que as vacas mugiam saudando-a e os cães ladravam a dizer-lhe: "Leila Ballard, Leila Ballard, mulher de Barry... você já não é mais Leila Dick... não...

— Nunca a vi assim tão tranquila, diz sua amiga, supreendida. Que há com você?

Leila fêz um esfôrço para recuperar sua presença de espírito.

— E' que também gosto muito de ouvir, embora seja muito tagarela, mais tagarela do que muitos, sem dúvida.

Durante o dia ela se portou perfeitamente senhora de si e soube receber as congratulações de quantos vieram apresentar-lhe parabéns, durante o almôço servi-

(*Continua na pág. 56*)

SEGRÊDO DE ALPINISTA

(Cont. da pág. 30)

os seus maiores desejos e êle sentia-se incapaz de possuí-los. Dominou-o um complexo de frustração como há poucos na literatura médica. Passou a achar que era preciso realizar qualquer coisa de heróico, que êle deveria conquistar, com atos audaciosos a que ninguém se atrevesse, a admiração e talvez até a bajulação dos seus conterrâneos. Mas como? O Brasil é um terreno pobre para tais temperamentos.

Foi quando êle entrou em contacto com o alpinismo. Ali estava a grande esperança, a única oportunidade para materializar os seus anseios frustrados. Atirou-se de corpo e alma ao esporte do montanhismo, dedicando a cada objeto e a cada atividade do clube a que se filiou, um carinho de amante apaixonado. De sócio mais novo da entidade passou a ser o sócio mais ativo e dedicado. Viveu feliz, escalando alguns dos mais famosos picos do Estado do Rio, sentindo-se herói e antegozando o prestígio que iria granjear. Mas a decepção veiu breve. O ambiente em que exercia as suas duas proezas era excessivamente limitado, a admiração que, porventura, conquistasse seria restrita, completamente em desacôrdo com a sua incomensurável ambição. E o pior era que jamais conseguiria se salientar verdadeiramente entre os mais constantes escaladores, afigurando-se-lhe como à sua maior vitória naquele setor, equiparar-se apenas a um elevado número de alpinistas cujo renome sempre fôra muito relativo.

Nesta fase é que vim a conhecer Dagoberto. O que já bebera naquela fria noite da Serra dos Órgãos, revelou-me que também o álcool fôra requisitado para afogar o seu complexo de frustração, agora aparentemente irreparável. Custei a dormir naquela mesma noite, mas pelo que pensei no assunto, do que pelo frio que fazia. Estudei uma interminável série de argumentos com que tentaria ajudá-lo a solver os seus problemas. Possivelmente, a sua branda bebedeira já teria passado quando êle voltasse do Dedo de Deus, no dia seguinte, e êle me acolheria com hostilidade. O mais provável seria que não compreendesse ou não considerasse os seus conselhos.

Entretanto, eu jamais pude saber de que maneira Dagoberto reagiria à minha tentativa de preencher o seu vazio psíquico. Resolvendo inesperadamente descer sòzinho pela face vertical do Dedo de Deus, antes de seus companheiros, êle caíu e foi morrer alguns metros abaixo, escorado por arbustos e excrescências rochosas. Ao descerem, horas depois, os outros alpinistas encontraram o cadáver e transportaram-no em um saco grosseiro. Atribuiu-se aquela morte à cachaça, mas é bem possível que sua única causa fôsse aquêle imenso desejo de notoriedade, aquela frustração tremenda. Descer sòzinho o Dedo de Deus, seria, para Dagoberto, uma grande façanha, que o salientaria sôbremaneira entre os demais alpinistas.

De qualquer modo, porém, com a sua morte êle realizou o que mais ambicionara em vida, tornando-se famoso o seu nome no montanhismo brasileiro. E' que êle foi uma das raras pessoas a morrer no Dedo de Deus.

ROBLEMAS HUMANOS
LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIS FRAGA — Médico Psicanalista

A ESPERANÇA

MARIA AUGUSTA: — Dr. eu venho representando o setor feminino da Associação de Educadores de Copacabana. Queria que o sr. me informasse algo sôbre o infinito.

MÉDICO: — O infinito é o têrmo, o princípio gerador, que encerra tudo, mas, sem absorver a sua obra.

MARIA AUGUSTA: — Qual a relação entre a vida e o infinito?

MÉDICO: — A vida compõe-se de dias que se foram. O presente é o futuro que voa.

MARIA AUGUSTA: — Quer dizer o sr. que caminhamos sôbre ruínas...

MÉDICO: — Aos transportes de alegria e à angústia da dôr, sucedem-se a indiferença e o esquecimento. Sim, caminhamos por sôbre ruínas.

MARIA AUGUSTA: — E o passado?

MÉDICO: — O passado morre. O presente desvanece-se e o futuro é uma esperança.

MARIA AUGUSTA: — Quer traduzir em miúdos?

MÉDICO: — No meio de tudo que morre, neste mundo de dissipação, em presença do esquecimento, quando tudo se acaba em torno de nós, esperamos uma vida que não deve acabar.

MARIA AUGUSTA: — O sr. acredita na eternidade?

MÉDICO: — A palavra eternidade não assombra a nossa alma; nos responde pelo infinito, sentimento sublime, que nos separa do espaço e do tempo e nos leva a Deus. O sentimento do infinito existe em nós. Nada do que é finito podé encher e satisfazer a nossa alma.

MARIA AUGUSTA: — Mas, que é a esperança da mulher?

MÉDICO: — E' uma espécie de renovação dos sentimentos. Quando o homem desespera e se revolta contra as leis humanas e divinas, a mulher chora, e, as suas lágrimas, benefica secreção, acalmam-na e retemperam o seu ânimo. Pouco são os homens que aceitam um fracasso e se dispõem a recomeçar; daí o vício da embriaguês, em busca do esquecimento, ser mas comum no "sexo forte".

MARIA AUGUSTA: — E a mulher?

MÉDICO: — E' sempre mais corajosa e mais conformada, está pronta sempre para tentar "mais uma vez".

MARIA AUGUSTA: — A mulher esquece...

MÉDICO: — Engano pensar que ela esquece as angústias e sofrimentos. Esquece, por vêzes, os seus causadores, ou melhor, perdoa-os.

MARIA AUGUSTA: — E quando a mulher perde a esperança?

MÉDICO: — Tem a alma voltada para o Criador e desinterêsse das cousas terrenas.

MARIA AUGUSTA: — Mas afinal dr. que é esperança?

MÉDICO: — A esperança é um pôrto seguro no imenso oceano das desilusões.

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção deverão ser endereçados para Dr. Luis Fraga — Redação da "Revista da Semana" — Rua Visconde de Inhauma, 15 — Seção "Problemas Humanos — Rio de Janeiro.

COUPON

Nome: ....
Pseudônimo: ....
Data do nascimento ....
Estado civil: ....
Profissão: ....
Residência ....

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SESI, UMA ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO ★ ASSISTÊNCIA JURÍDICA AO OPERÁRIO E SUA FAMÍLIA ★ SERVIÇO EDUCACIONAL E INSTRUTIVO ★ 221.560 BENEFICIADOS EM 1951.



Sr. José Alfredo Brandão



Sr. Armando de Queiroz Monteiro

A Semana Forense tem a satisfação de apresentar uma reportagem em tôrno das atividades do Serviço Social da Indústria em Pernambuco, que vem realizando um trabalho dos mais interessantes e digno de registro. Tendo como presidente o industrial Armando de Queiroz Monteiro e como diretor superintendente o dr. José Alfredo Brandão, o SESI em Pernambuco, desenvolve uma ação profundamente humana, fazendo com que o trabalhador da nossa indústria sinta-se integrado na coletividade, cônscio do seu valor e dos seus méritos.

221.560 BENEFICIADOS EM 1951

As novas inscrições de operários nos núcleos da capital e do interior do Estado apresentam neste ano uma elevação de 9.328 o que equivale a um aumento de 47.910 beneficiados, admitindo-se a estimativa de que cada associado represente em média uma família de 5 pessoas. Atingimos em 1951 a um total de 44.312 inscritos para uma equivalência, pois, de 221.560 beneficiados.

SERVIÇO EDUCACIONAL E INSTRUTIVO

Igual destaque merece o serviço educacional e instrutivo com os cursos escolares, primário, supletivo e de corte e costura. Apresentam êstes cursos em 1950 um total de 3.059 alunos matriculados, quando em 1949 tais matrículas atingiram apenas a 2.952.

Em tôrno das atividades da Asistência Jurídica salientam-se os trabalhos com a regularização da personalidade jurídica do operário e da família, promovendo registros civís, habilitações de casamento, até nuncupativos, retificações de nomes, investigações de paternidade e, enfim tudo quanto concorra para integrar o cidadão na sociedade, habilitando-o a auferir direitos e cumprir deveres que lhe são assgurados e exigidos pela nação.

A secção de fiscalização e cadastro, integrante da D.A., apresenta trabalho não menos apreciável na difícil verificação de débitos dos contribuintes do SESI, insistindo junto às emprêsas no sentido de induzí-las a recolher regularmente suas devidas contribuições. Tal função melhor cumprida seria se contassemos com a colaboração dos Institutos de Previdência.

O setor de trabalho da D.A. tem a responsabilidade de tôda a escrituração contábil dêste Departamento Regional e é de por-se em relêvo a maneira correta como o faz em balanço, tendo escrupulosamente arquivada e em livros regulares e oficiais tôda a comprovação original, como bem atesta o parecer de aprovação do Conselho Regional, para tal fim reunido em 24 de março de 1951".

ROBLEMAS HUMANOS
LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUÍS FRAGA — Médico Psicanalista

A ESPERANÇA

IARIA AUGUSTA: — Dr. eu venho representando o setor femi-io da Associação de Educadores de Copacabana. Queria que o me informasse algo sôbre o infinito.

IÉDICO: — O infinito é o têrmo, o princípio gerador, que en-ra tudo, mas, sem absorver a sua obra.

IARIA AUGUSTA: — Qual a relação entre a vida e o infinito?

IÉDICO: — A vida compõe-se de dias que se foram. O presen-é o futuro que voa.

IARIA AUGUSTA: — Quer dizer o sr. que caminhamos sôbre nas...

IÉDICO: — Aos transportes de alegria e à angústia da dôr, su-lem-se a indiferença e o esquecimento. Sim, caminhamos por re ruínas.

IARIA AUGUSTA: — E o passado?

IÉDICO: — O passado morre. O presente desvanece-se e o fu-o é uma esperança.

IARIA AUGUSTA: — Quer traduzir em miúdos?

IÉDICO: — No meio de tudo que morre, neste mundo de dis-ição, em presença do esquecimento, quando tudo se acaba em io de nós, esperamos uma vida que não deve acabar.

IARIA AUGUSTA: — O sr. acredita na eternidade?

IÉDICO: — A palavra eternidade não assombra a nossa alma; nos responde pelo infinito, sentimento sublime, que nos separa espaço e do tempo e nos leva a Deus. O sentimento do infinito te em nós. Nada do que é finito pode encher e satisfazer a nos-lma.

ARIA AUGUSTA: — Mas, que é a esperança da mulher?

ÉDICO: — E' uma espécie de renovação dos sentimentos. ndo o homem desespera e se revolta contra as leis humanas e nas, a mulher chora, e, as suas lágrimas, benefica secreção, mam-na e retemperam o seu ânimo. Pouco são os homens que tam um fracasso e se dispõem a recomeçar; daí o vício da em-guês, em busca do esquecimento, ser mas comum no "sexo e".

ARIA AUGUSTA: — E a mulher?

ÉDICO: — E' sempre mais corajosa e mais conformada, está ita sempre para tentar "mais uma vez".

ARIA AUGUSTA: — A mulher esquece...

ÉDICO: — Engano pensar que ela esquece as angústias e sofri-tos. Esquece, por vêzes, os seus causadores, ou melhor, per-os.

ARIA AUGUSTA: — E quando a mulher perde a esperança?

ÉDICO: — Tem a alma voltada para o Criador e desinterêsse cousas terrenas.

ARIA AUGUSTA: — Mas afinal dr. que é esperança?

ÉDICO: — A esperança é um pôrto seguro no imenso oceano desilusões.

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

los os relatórios destinados à esta seção deverão ser endereçados para Luís Fraga — Redação da "Revista da Semana" — Rua Visconde de nguape, 15 — Seção "Problemas Humanos — Rio de Janeiro.

COUPON

Nome: ....
Pseudônimo: ....
Data do nascimento ....
Estado civil: ....
Profissão: ....
Residência ....

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

SESI, UMA ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO ★ ASSISTÊNCIA JURÍDICA AO OPERÁRIO E SUA FAMÍLIA ★ SERVIÇO EDUCACIONAL E INSTRUTIVO ★ 221.560 BENEFICIADOS EM 1951.



Sr. José Alfredo Brandão



Sr. Armando de Queiroz Monteiro

A Semana Forense tem a satisfação de apresentar uma reportagem em tôrno das atividades do Serviço Social da Indústria em Pernambuco, que vem realizando um trabalho dos mais interessantes e digno de registro. Tendo como presidente o industrial Armando de Queiroz Monteiro e como diretor superintendente o dr. José Alfredo Brandão, o SESI em Pernambuco, desenvolve uma ação profundamente humana, fazendo com que o trabalhador da nossa indústria sinta-se integrado na coletividade, cônscio do seu valor e dos seus méritos.

221.560 BENEFICIADOS EM 1951

As novas inscrições de operários nos núcleos da capital e do interior do Estado apresentam neste ano uma elevação de 9.328 o que equivale a um aumento de 47.910 beneficiados, admitindo-se a estimativa de que cada associado represente em média uma família de 5 pessoas. Atingimos em 1951 a um total de 44.312 inscritos para uma equivalência, pois, de 221.560 beneficiados.

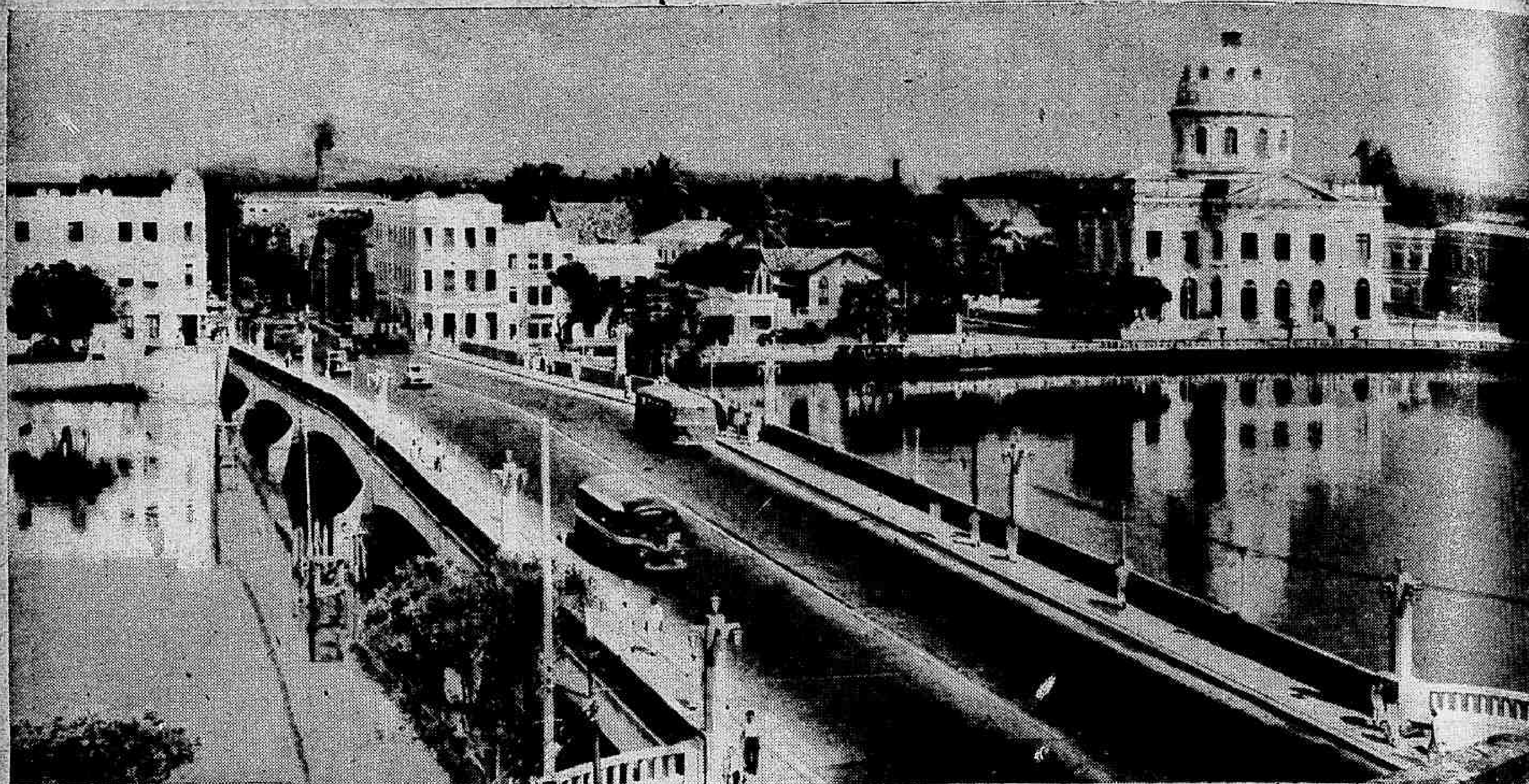
SERVIÇO EDUCACIONAL E INSTRUTIVO

Igual destaque merece o serviço educacional e instrutivo com os cursos escolares, primário, supletivo e de corte e costura. Apresentam êstes cursos em 1950 um total de 3.059 alunos matriculados, quando em 1949 tais matrículas atingiram apenas a 2.952.

Em tôrno das atividades da Asistência Jurídica salientam-se os trabalhos com a regularização da personalidade jurídica do operário e da família, promovendo registros civís, habilitações de casamento, até nuncupativos, retificações de nomes, investigações de paternidade e, enfim tudo quanto concorra para integrar o cidadão na sociedade, habilitando-o a auferir direitos e cumprir deveres que lhe são assgurados e exigidos pela nação.

A secção de fiscalização e cadastro, integrante da D.A., apresenta trabalho não menos apreciável na difícil verificação de débitos dos contribuintes do SESI, insistindo junto às emprêsas no sentido de induzí-las a recolher regularmente suas devidas contribuições. Tal função melhor cumprida seria se contassemos com a colaboração dos Institutos de Previdência.

O setor de trabalho da D.A. tem a responsabilidade de tôda a escrituração contábil dêste Departamento Regional e é de por-se em relêvo a maneira correta como o faz em balanço, tendo escrupulosamente arquivada e em livros regulares e oficiais tôda a comprovação original, como bem atesta o parecer de aprovação do Conselho Regional, para tal fim reunido em 24 de março de 1951".



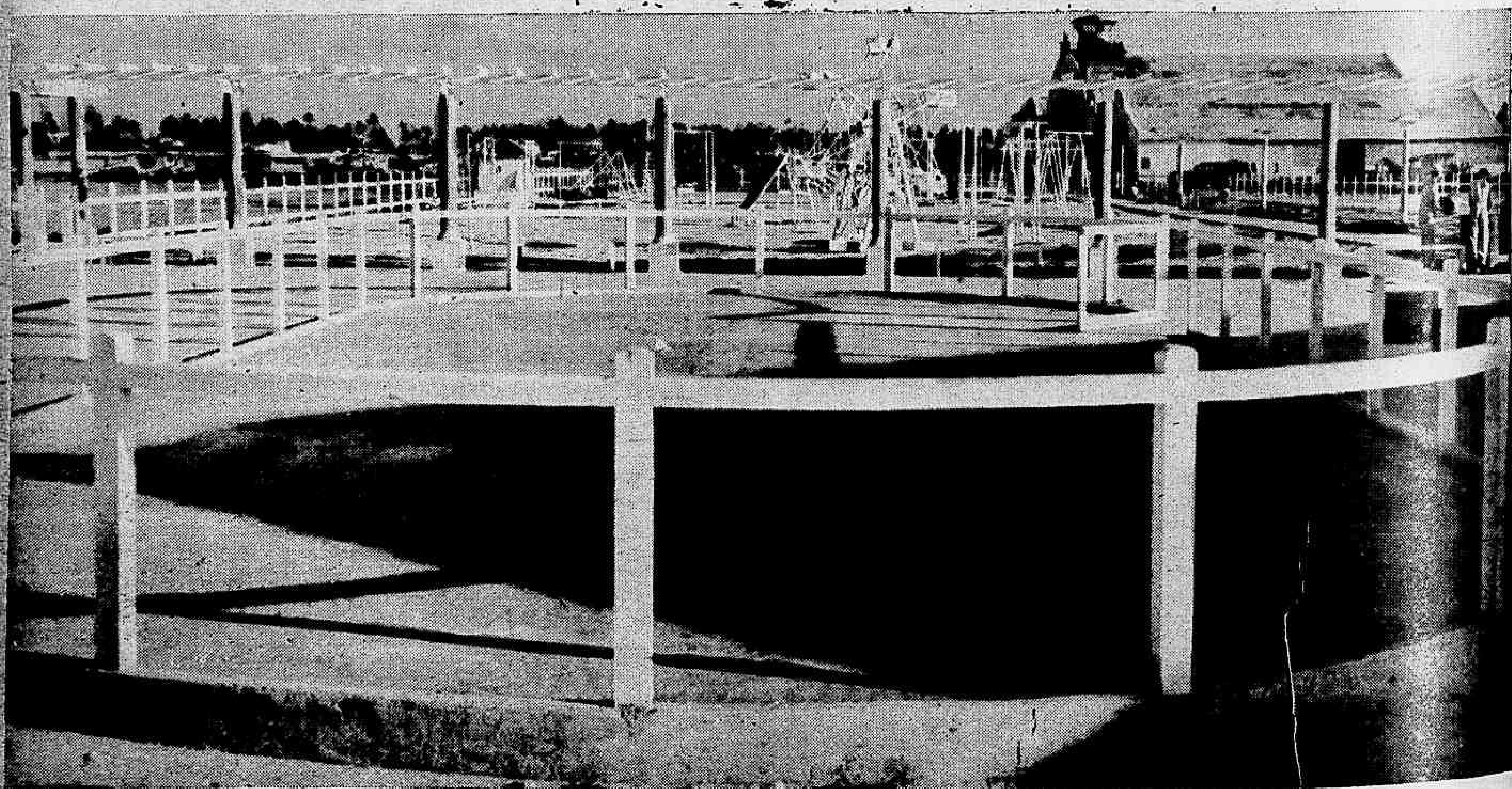
A MODERNA ponte de Santa Isabel, inaugurada a 15-12-1951, grande melhoramento realizado pela Prefeitura do Recife, na nova gestão do Sr. Antônio Pereira.

O RECIFE RECUPERA SEU PRESTÍGIO

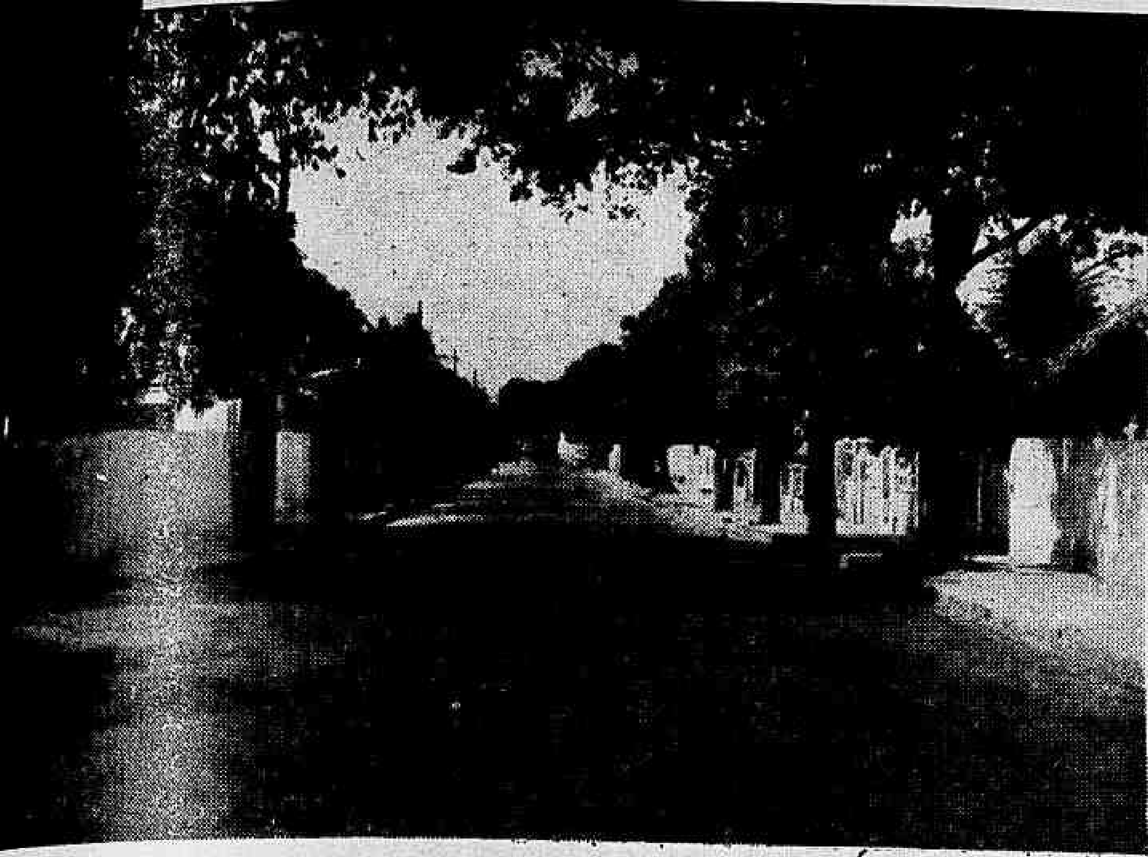
TEXTO DE S. L. GUIMARÃES ★ FOTOS DE ARLINDO BARBOSA



O Prefeito Sr. Antônio Pereira, atual chefe do Executivo da capital pernambucana, comemora o primeiro aniversário do Govêrno cobrindo todos os recordes de serviços públicos já executados, em igual período, na capital do Recife. Nestas páginas damos algumas documentações fotográficas dos serviços realizados pela administração Antônio Pereira, focalizando trechos de algumas ruas das quarenta e uma que foram pavimentadas no primeiro ano de sua gestão. Todos os subúrbios estão sendo pavimentados e as zonas mais pobres da cidade recebem o influxo de uma administração impecável.



BELO aspecto do Parque Infantil do Aero-Clube, onde as crianças se divertem a coberto de perigos de trânsito. O Prefeito do Recife não se descuida dos pequenos.



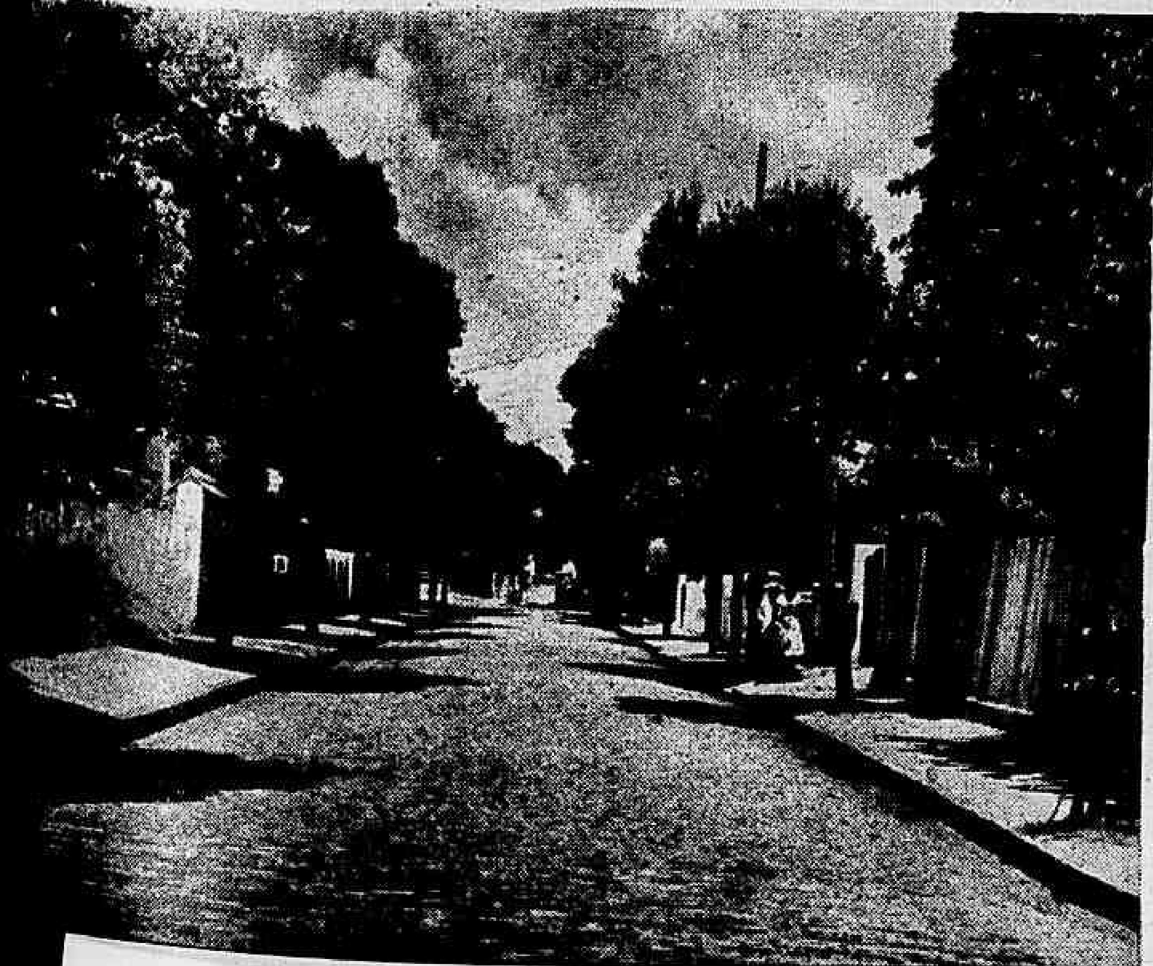
RUA GOUVEIA de Barros tôda asfaltada na presente administração da capital do Recife.



RUA D. PEDRO Henrique, cujo leito atesta o zêlo com que o Prefeito trata sua capital.



RUA JOSÉ AUSTREGÉSILO, com pavimentação moderna, uma das quarenta e uma ruas assim melhoradas.



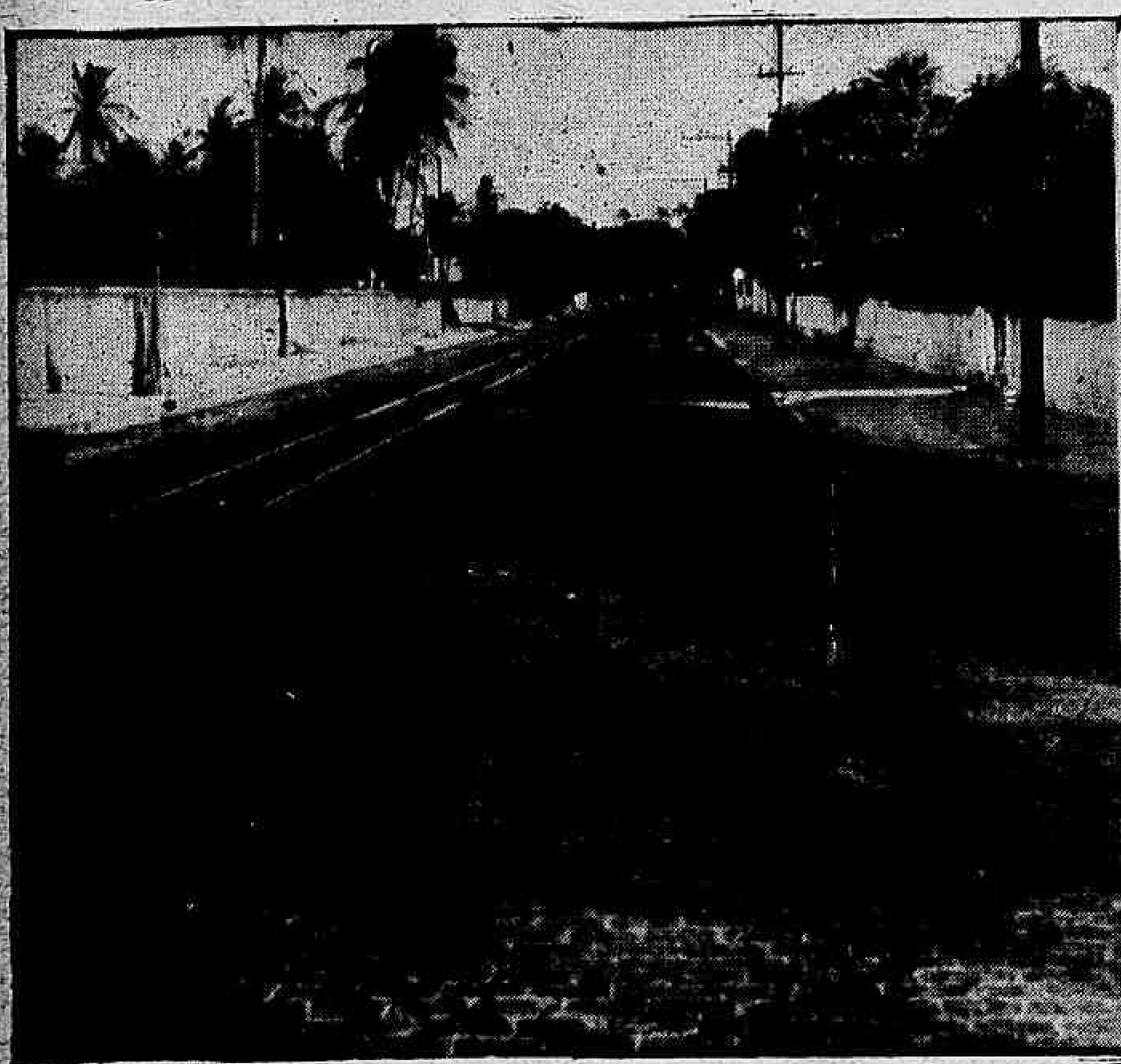
RUA EDUARDO de Carvalho, que deixou de ser esburacada e surge agora rejuvenescida.



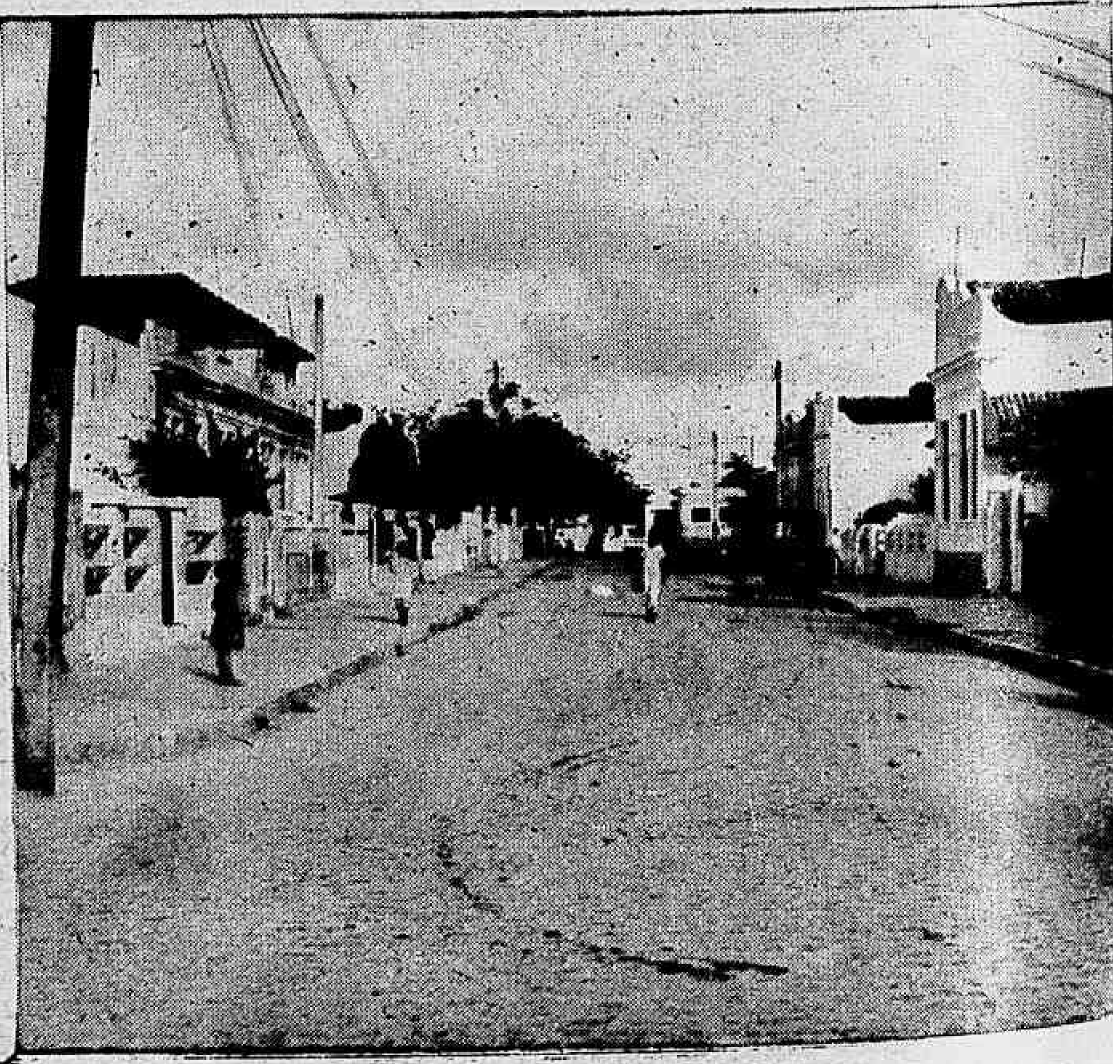
RUA HENRIQUE Dias, que deixa de apresentar-se enlameada em virtude da nova pavimentação.



A IMPORTANTE Rua Imperial, cujo asfaltamento substituiu o antigo leito de paralelepípedos fôra realizado na gestão Lima Castro, com um empréstimo patriótico de oito mil contos.



AVENIDA PARNAMIRIM, artéria de grande movimento e que exigia imediato asfaltamento.



RUA JOAO COIMBRA, exibindo seu novo calçamento realizado com tôda a técnica moderna.



RUA DE S. JORGE, novamente pavimentada a paralelepípedos tendo recebido em tôda a sua extensão melhoramentos gerais que muito contribuirão para mantê-la higienizada.



RUA BERNARDO GUIMARAES, tôda calçada de novo oferecendo segurança aos veículos.



RUA SÃO MIGUEL, compreendida entre os 141 mil metros quadrados de novas pavimentações.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUANTOS EM QUANTOS ANOS HÁ UM ANO BISSEXTO:

— De três em três?
— De cinco em cinco?
— De quatro em quatro?

2 — DE QUE CIDADE PARAIBANA É O PINTOR PEDRO AMÉRICO:

— Areias?
— Cajazeiras?
— Piancó?

3 — QUAL A ARTISTA DE CINEMA QUE CORTOU, EM QUITANDINHA, O RETRATO A ÓLEO DE D. PEDRO II:

— Lana Turner?
— Linda Batista?
— Anabela?

4 — QUE QUER DIZER «MARIATO»:

— O que mata muitas Marias?
— Tempestade no mar?
— Conjunto de bandeiras de sinalização da Marinha?

5 — COMO ENTROU MME. CLAUDE D'ORVILLIERS NA HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL:

— Por ser famosa financista?
— Por ter oferecido as plantas de café a Palheta?
— Por ter fundado o primeiro Banco em São Paulo?

6 — QUAL É O PÊSO DE UM METRO CÚBICO DE ÁGUA:

— Meia tonelada?
— Tonelada e meia?
— Mil quilos?

7 — QUAL O MINISTRO DA GUERRA DO BRASIL QUE RETIROU O SÔLDO DE CAPITÃO, DE QUE GOZAVA SANTO ANTÔNIO DA MATRIZ DO PILAR, EM OURO PRÊTO:

— Setembrino de Carvalho?
— Eurico Dutra?
— Marechal Bittencourt?

8 — QUAL O ESTADO BRASILEIRO QUE INFLUIU PARA A MUDANÇA DA CAPITAL DO BRASIL, DA BAHIA PARA O RIO:

— São Paulo?
— Pernambuco?
— Minas Gerais?

9 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «EMBOABA»:

— Emigrante português?
— Perna cabeluda?
— Usurpador?

10 — AO TEMPO DAS «BANDEIRAS» EM BUSCA DO OURO, QUAL FOI O PADRE QUE SE TORNOU UM DOS MAIORES BANDEIRANTES:

— Anchieta?
— Pe. Antônio Vieira?
— Pe. João de Faria Fialho?

11 — QUAL O DESTINO DAS PRIMEIRAS ESMERALDAS BRASILEIRAS, DEPOIS DE LAPIDADAS:

— Foram ornamentar a coroa de N.S. da Pena, em Lisboa?
— Caíram nas mãos de piratas inglêsses?
— Ou se perderam num naufrágio perto dos Açores?

12 — COMO SE CHAMAVA O ESCRIVÃO DA ARMADA DE CABRAL:

— Américo Vespúcio?
— Pero Vaz Caminha?
— Vasco da Gama?

13 — POR QUE SE TORNARAM FAMOSOS OS «JARDINS DAS HESPÉRIDES»:

— Por que era a morada de Jupiter?
— Por que ali nasceu Vênus?
— Por que eram de ouro os seus frutos?

14 — QUAL O MOTIVO POR QUE JASÃO FOI À COLCHIDA:

— Casar-se com Semíramis?
— Apoderar-se do Velocino de Ouro?
— Cortar a cabeça de Hidra?

15 — EM QUANTO CALCULA O LEITOR TEREM PAGO AS COMPANHIAS NORTE-AMERICANAS DE SEGUROS DE VIDA, POR MORTE DE SEGURADOS NOS PRIMEIROS DOZE MESES DA GUERRA NA CORÉIA:

— Oito mil?
— Uns quinhentos?
— 3.668?

(Respostas na página 64)

A INSATISFEITA

(Cont. da pg. 46)

do em sua honra. Mas, enquanto seu corpo estava entre aquelas pessoas, o seu espírito estava com Barry. Barry era seu marido, e êle tinha precisão dela para nutrir sua vida.

A confissão da noite precedente não havia deixado nenhum sentimento de mêdo em relação ao futuro. Para ela, tôdas as perspecticas ao lado de Barry eram côr de rosa. Entretanto sua atitude para com êle estava mudada. Ela já não o julgava um deus jovem e forte, ao qual ela havia votado um culto e não permitir que se baixasse os olhos diante dela. Barry precisava dela!

Precisava da pequenina Leila Dick. E êste pensamento dava a seu casamento uma significação mais profunda do que a do simples encantamento da juventude.

Ao levá-lo ao trem, Barry se sentia saudoso, naquela manhã, e havia prometido ir-se encontrar com ela em sua casa. Também a viagem de Leila para Washington no trem da noite, foi antecipada de uma hora. Para os companheiros de viagem tinha ela os ares de uma jovem muito linda e reservada naquele trajeto de uma pequena viagem muito banal no expresso de cinco horas; mas, no fundo de seu espírito, ela se sentia absolutamente diferente dos demais, em face do seu extraordinário romance.

Seu pai a esperava na estação e a acomodou num táxi. Durante a viagem ela não retira sua mão da mão do pai.

— Tudo correu bem? — Pergunta êle.

— Maravilhosamente bem, papai.

Jantaram e, durante a refeição, ela lhe contou a viagem desejando nada ter que ocultar, e poder murmurar-lhe, em voz baixa, mas ràpidamente, o seu grande segrêdo. Leila não temia repreensões. Seu pai a adorava!

Barry não viera ainda, conforme prometera no trem. Acabara de jantar e ficara a andejar de aposento em aposento, como uma desamparada. Quando soaram as nove horas, ela entra na biblioteca do general e vai encontrá-lo sentado a uma poltrona a ler e fumar. A filha se senta ao pé do velho, num tamburete baixinho e pousa a cabeça em seus joelhos. A mão do general alisou-lhe os cabelos negros, enquanto, silenciosos, ficavam ambos sem dizer uma palava, os olhos fixos no fogo da lareira.

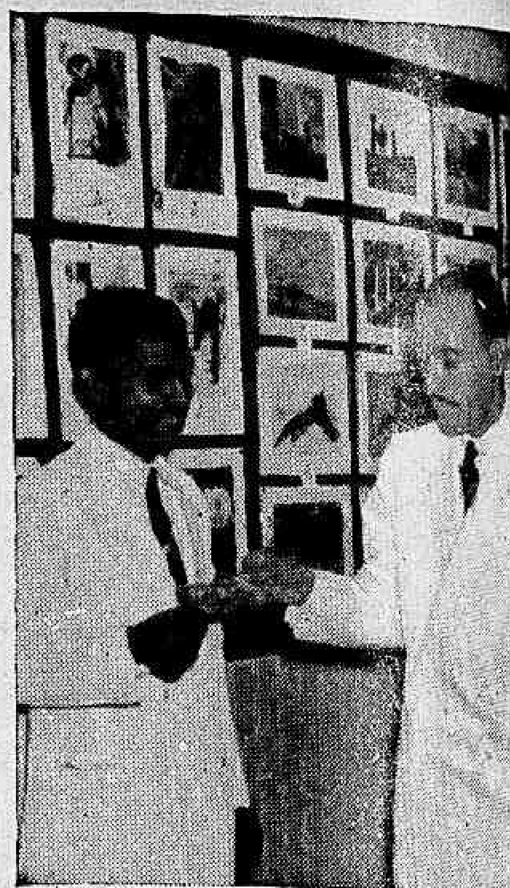
Quando Barry chega, estava ela ainda nos braços de seu pai. Por sôbre a cabeça da filha, o general sorriu ao jovem que, um dia, teria que levá-la consigo. Mas Barry não sorriu. Saudou o general, e, quando Leila viu que êle chegava, êle não o fita, mas pega suas mãos e as aperta, enquanto fala ao pai.

— Permita-me, general, que eu leve Leila à sala vizinha. Tenho muita coisa a conversar.

— Pois não, filho. Claro que permito, Barry!

O casalzinho se enfurnou na sala contígua. Era um compartimento retangular com candelabros de cristal, móveis cobertos de fazenda rosa e com espelhos com molduras douradas. Tinha sido mobiliado pela mãe do general e sua espôsa, que muito gostava dessa sala, na qual nada se havia mudado. Reinava alí uma luz velada e Leila, em seu vestido de jantar todo branco, ao lado de Barry, alto e esguio, eram refletidos pelos longos espelhos como se estivessem em meio de uma bruma. Barry a tomou em seus braços e a abraçou.

(Continua no próximo número)



ARLINDO BARBOSA, PRIMEIRO LUGAR — No concurso de fotografia **recentemente promovido** pelo **Foto-Cine Clube do Recife** obteve o primeiro **prêmio o jornalista-fotógrafo** Arlindo **Barbosa. O «cliché»** fixa um aspecto **do encerramento** do concurso, quando **era feita a entrega** dos prêmios.



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ...
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,...

Uma cousa...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO
DESODORANTE
CICATRIZANTE

Correio da Revista

B. P. — Rio — Seu conto, "Um caso de polícia" ainda não foi julgado. Quanto ao autro, "A Louca", não foi aprovado.

★

F. R. — Feira de Santana — Bahia — Não pôde passar pelo crivo dos julgadores o seu conto, "Morte na Encruzilhada". O amigo se perde em amplicações excessivas, e gosta de abusar de expressões pleonásticas, ou muito vulgares. Acha razoável escrever-se "calor morno" em tarde sertaneja?

★

Maria — Rio — Muito longo o seu conto. Só poderiamos publicá-lo ocupando três ou quatro Revistas. Além, disso, a senhorita não obedece, absolutamente, às regras da pontuação. Onde merece uma interrogação, está uma exclamação. Onde cabia vígula, aparece ponto, e assim por diante. Como está; não há quem possa ler com precisão. Corrija êsse defeito, que é principal, e mande outra produção, porém mais reduzida. Escreva umas seis fôlhas naquele tipo de papel.

★

G. H. de S. — S. Paulo — Seu conto "Interrogação" não foi aprovado. O português não ajudou.

★

M. F. — Belo Horizonte — Os contos de natureza científica, cheios de têrmos difíceis, não se prestam para uma Revista como a nossa. Veja se manda alguma coisa mais simples, com enrêdo de amor, bem argumentado, e terá sua publicação garantida.

★

A. X. de B. — Recife — Pode mandar. A Comissão Julgadora não é bicho de sete cabeças.

★

L. R. — Rio — Pode citar pensamentos de outros escritores em seu conto; mas faça tudo isso com certa discrição, do contrário ninguém sabe o que vale mais: se o seu original, se a transcrição. Em literatura devemos ter certo cuidado, pois nem todo mundo suporta transcrições.

★

E. M. da S. — Pôrto Alegre — Seu conto "O camponês", apesar de muito bem imaginado, não pôde ser aprovado. O amigo precisa ler muito e com muita atenção, os escritores que se especializaram na arte de escrever contos. Estude-lhes a técnica, a maneira de conduzir a história até ao final.

★

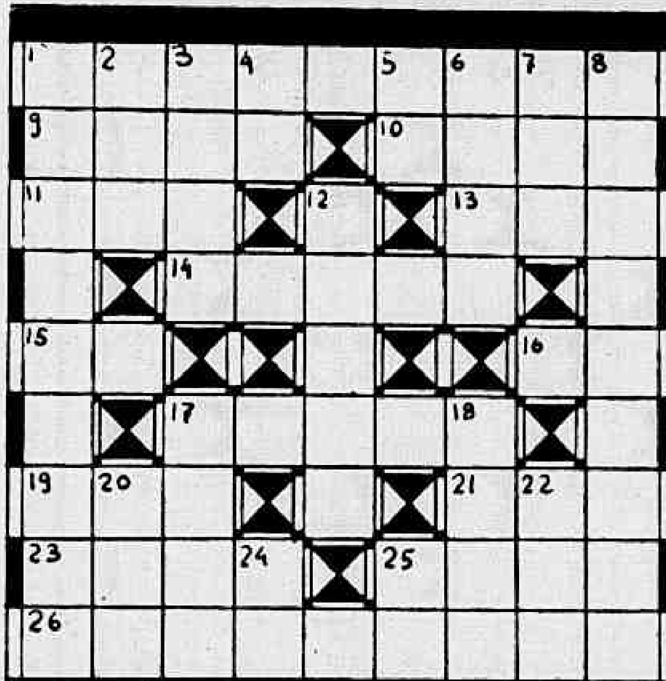
B. D. E. — Rio — Como conto carnavalesco está muito fraco. Êsse tema do baile de máscara já está super-explorado. Veja se enverada por outros caminhos.

★

F. Q. M. — Rio — Não pôde ser aprovado o seu conto "Miguel". Está maçudo, sem vivacidade, arrastando-se molemente e dando sono à gente. Não repise os mesmos argumentos. Antes de escrever, faça um esbôço da idéia e, depois, comece a encher o esquema. Seu português também está muito ruinzinho...

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N°. 93 para Veteranos



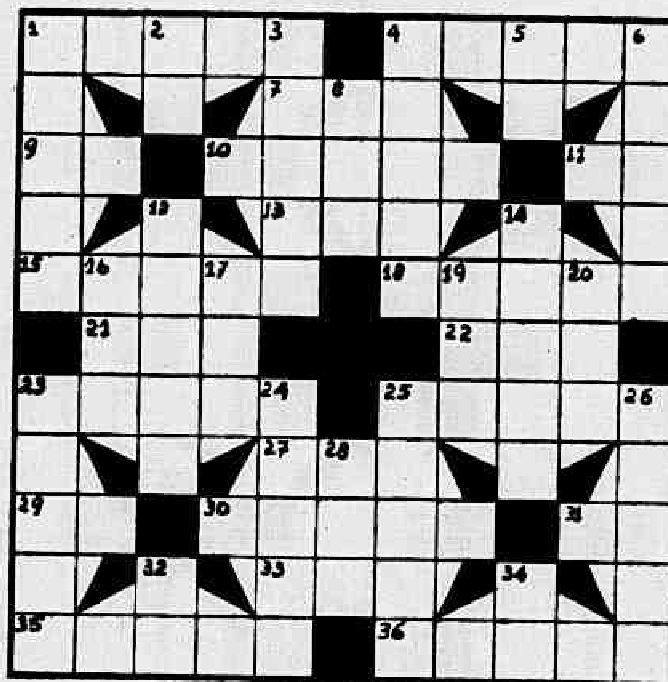
R. KELLER RESENDE

HORIZONTAIS: — 1. Selvagem mui hábeis na caça de elefantes — 9. Antigo instrumento de suplício — 10. Incandescente — 11. Antiga cidade da Fócida — 13. Árvore terebintácea, cuja casca é utilizada para aromatizar vinhos e alimentos — 14. Que vive ou se cria nas rochas — 15. Cidade da França, no departamento de Ariége — 16. Cidade no Egito, o mesmo que Heliópolis — 17. Povo antropófago da África equatorial — 19. Língua malaio-polinésia falada na ilha de Rotti e a oeste de Java — 21. Círculo de ouro ou prata que os timores trazem ao pescoço, como sinal de haverem cortado cabeças dos inimigos — 23. Fraco — 25. Cantão da Suiça — 26. Sedenta, sequiosa.

VERTICAIS: — 1. Espécie de cão bravio (pl.) — 2. Lugar onde se feriram 2 lutas entre os israelitas e filisteus — 3. Capital do reino de Harar, cidade Santa (África) — 4. — 17º caráter da escrita sânscrita — 5. Voar — 6. Toninha — 7. Ave de rapina, espécie de falcão — 8. Espécie de andorinha que vive na Índia, China, Japão e Filipinas — 12. Sentir — 17. Deusa egípcia da Verdade e Justiça — 18. Personificação do esplendor, marido do sol, entre os antigos egípcios — 20. Pimenta da Guiné — 22. Uma das Normas, a que representa o passado — 24. Bebida chinesa — 25. Rio do Estado da Bahia.

★

Problema N°. 93 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Envergonhar-se — 4. Fitar — 7. Argola — 9. Jia — 10. Obstáculo — 11. Símbolo do bismuto — 13. Cólera — 15. Indivíduo parecido com outro — 18. Curar — 21. Víscera dupla — 22. A casa — 23. Qualidade daquilo que está quente — 25. Cessar de andar — 27. Vazia — 29. Ama-sêca — 30. Ligara — 31. Outra coisa — 33. Lá — 35. Instrumento de ataque ou defesa (pl. — 36. Grande sala.

VERTICAIS: — 1. De elevado preço (pl.) — 2. Escarnece — 3. Hidrofobia — 4. Clavas — 5. Criminosa — 6. Desapontar no horizonte — 8. Zombar — 12. Proteção — 14. Pateta — 16. Reza — 17. Íntimo — 19. Fileira — 20. Pedra do altar — 23. Ofídio — 24. Rumos — 25. Capital de país europeu — 26. Azorrague feito de couro torcido — 28. Óxido de cálcio — 32. Único — 34. Símbolo do alumínio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 92 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Caranguejas — 10. Acalmia — Rubim — Bacus — Ard — Até — Tas — Peon — Caiu — Mar — Bon — Atai — Açar — Con — Cós — Ira — Ancha — Acoar — Ioiocas — Acaeraisaua.
VERTICAIS: — Carapiacaba — Rabdomancia — Aci — Nama — Gl — Umbê — Eia! — Jactanciosa — Susurraria — Ure — Uai! — Ta — Nai — Coa — Ton — Pó — Ara — Cair — Saci — Hoe — Cãs — Oa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Vez — Ama — Amatalar — Cinamomo — Atapetam — Degelara — Amatarás — És.
VERTICAIS: — Vacada — Emitem — Zanaga — Alotar — Mamará — Aromas — Tapête — Amelas.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

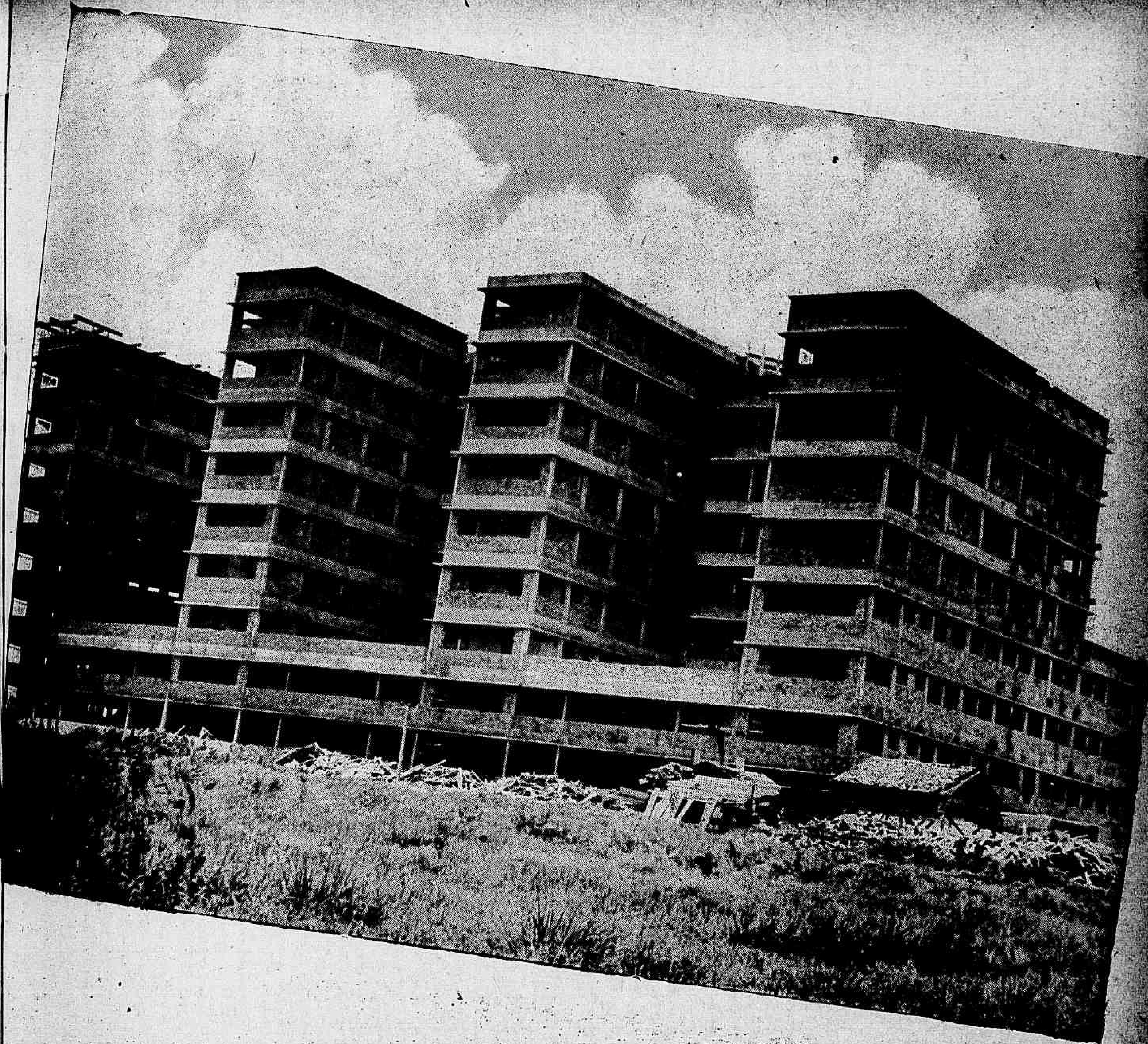


GRANDE E MODELAR HOSPITAL NO RECIFE

QUANDO o industrial Sr. José Pessoa de Queiroz assumiu o cargo de Presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Ltda., organização que congrega os industriais do ramo que é a coluna mestra da vida econômica e social do Estado, um dos maiores objetivos de seu programa de trabalho foi aquêle que vinha ocupando um lugar em seu coração: proporcionar aos trabalhadores das usinas do Estado um estabelecimento hospitalar que pudesse libertá-los das **meizinhas**, dos **catimbós**, dosc urandeiros e da **desgraça de morrer à míngua**. Por isso, **ao** lado do melhor padrão de vida de que já gozam os proletários da indústria açucareira de Pernambuco, e de assistência médica em usinas, vai ser completada a obra definitiva, com um dos maiores e mais modernos nosocômios do país, o hospital que está sendo construído pela Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco.

Êsse estabelecimento conterá 420 leitos e terá instalações clínicas e cirúrgicas moderníssimas, com quatro salas de operações, maternidade, berçário, gabinetes de Raios-X, etc., destacando-se ainda as instalações de oxigênio, recursos êsses que só há, atualmente, em todo o Brasil, em um hospital de S. Paulo e na Clínica de Repouso São Vicente, na Capital Federal, sendo assim, o terceiro hospital do país a dispor de tão importante melhoramento.

Nos principais apartamentos haverá refrigeração completa e ar condicionado nos mais modernos sistemas. O edifício, que já está em demãos de acabamento, é visto em tôda a sua imponência e majestade, pelas pessoas que passam pela estrada de Caxangá, erguido em centro de grande terreno. Depois de inaugurado êsse hospital, será a maior obra de assistência ao trabalhador levada a efeito por iniciativa particular. E' inacreditável que uma Sociedade Beneficente, como a de que é presidente o industrial Sr. José Pessoa de Queiroz, consiga, no exíguo espaço de quatro anos, realizar uma obra da magnitude dessa que ilustra estas páginas. Só mesmo a vigorosa vontade de trabalhar dos pernambucanos unidos no ideal comum de fazer o bem aos seus operários, poderia conseguir o milagre que está registrando a **Sociedade Beneficente e**



A SOCIEDADE BENEFICENTE E HOSPITALAR DAS USINAS DE AÇÚCAR DE PERNAMBUCO REALIZA O SEU OBJETIVO — OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA SERÃO AMPARADOS PELA POLÍTICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DOS USINEIROS, PRESTIGIADOS POR SUA COOPERATIVA.

Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco, em vias de entregar aos proletários do Estado uma instituição sem similar no país.

A Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Ltda. reúne os industriais do Estado, atualmente sob a direção do Sr. José Pessoa de Queiroz; êsses homens deram todo o seu apoio à idéia da fundação do Hospital para os trabalhadores do açúcar, resultando daí a fundação da Sociedade Beneficente, de onde saiu a diretriz para o construção do Hospital de Caxangá. Estão de parabéns os usineiros e os seus operários. Êstes, porque podem dizer que disporão de tudo o que se fizer preciso para sua saúde e a saúde das pessoas de sua família; aquêles, porque, dando amparo ao trabalhador, não haverá crise de braços para o robustecimento da indústria e **sua maior** e melhor produtividade.

Esta a política, a verdadeira política entre o Capital e o Trabalho. Ambos se compreendendo e se completando. A indústria açucareira de Pernambuco já não é aquela dos tempos das almanjarras movidas a bois cansados e lerdos; **já não admite mais** o braço escravo; já não vive ao som do "cantar" dos carros de boi. E' uma indústria moderna, dinâmica, remoçada pela eletricidade e instalações hidrelétricas; pelas estradas de ferro, pelas instalações que a engenharia aperfeiçoa cada vez mais. Ao lado do progresso material, o espiritual e social no aproveitamento humano e no tratamento fraternal para com os trabalhadores. Pernambuco está de parabéns.



JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ



Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, S. A

Carta Patente n.º 1476, de 20/4/937

Sede Própria: — AVENIDA RIO BRANCO N. 193 —:— CAIXA POSTAL N. 444 — End. Telegráfico — "CASAFORTE"

CAPITAL SUBSCRITO .... Cr$ 40.000.000,00
CAPITAL REALIZADO .... Cr$ 30.031.500,00
RESERVAS .... Cr$ 14.024.994,30

Balanço em 31 de Dezembro de 1951

ATIVO

	Cr$	Cr$	Cr$
A — DISPONIVEL — Caixa			
Em moeda corrente		1.698.793,90	
Em depósito no Banco do Brasil S/A		25.976.551,10	
Em depósito à ordem da sup. da Moeda e do Crédito		4.483.046,80	
Em outras espécies		4.759.627,30	36.918,019,10
B — REALIZAVEL			
Empréstimos em C/Corrente	83.731.499,00		
Empréstimos Hipotecários	2.672.774,50		
Titulos Descontados	133.618.846,90		
Correspondentes no País	9.666.131,40		
Capital a Realizar	9.968.500,00		
Outros Créditos	5.528.158,80	245.185.910,60	
Titulos e valores mobiliários:			
Apólices e Obrigações Federais depositadas no Banco do Brasil S/A a ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito (Valor nominal Cr$ 689.800,00)	570.439,60		
Idem, depositadas na D. F. do Tesouro Nacional (Valor nominal Cr$ 1.000.000,00)	709.300,00		
Em Carteira	194.200,00		
Ações e Debentures	20.000,00	1.493.939,60	246.679.850,20
C — IMOBILIZADO			
Edifícios de uso do Banco	7.279.156,90		
Móveis e Utensilios	1.992.216,90		9.271.373,80
D — RESULTADOS PENDENTES			
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Valores em Garantia		84.310.807,60	
Valores em custódia		12.844.687,50	
Títulos a receber de C/Alheia		37.759.187,80	
Outras Contas		3.865.300,00	138.779.982,90
		Cr$	431.649.226,00

PASSIVO

	Cr$	Cr$	Cr$
F — NÃO EXIGIVEL			
Capital		40.000.000,00	
Fundo de Reserva legal		1.679.696,20	
Fundo de Previsão		9.000.000,00	
Outras Reservas		3.345.298,10	54.024.994,30
G — EXIGIVEL			
DEPÓSITOS			
a vista e a curto prazo:			
de Poderes Públicos	4.459.976,30		
de Autarquias	101.382,60		
em C/C Sem Limite	76.399.094,60		
em C/C Limitadas	11.501.134,00		
em C/C Populares	7.828.741,10		
em C/C de Aviso	972.014,50		
Outros depósitos	9.013.734,60	110.276.077,70	
a prazo de diversos:			
a prazo fixo	60.992.680,40		
de aviso prévio	19.125.952,10	80.118.632,50	
		190.394.710,20	
OUTRAS RESPONSABILIDADES			
Obrigações Diversas	33.299.098,60		
Letras a Pagar	418.359,60		
Correspondentes no País	6.860.842,00		
Ordens de Pagamento e Outros Créditos	5.437.687,60		
Dividendos a Pagar	1.622.905,60	47.638.893,40	238.033.603,60
H — RESULTADOS PENDENTES			
Contas de resultados			810.645,20
I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Depositantes de valores em gar. e em custódia		97.155.495,10	
Depositantes de títulos em cobrança: do País		37.759.187,80	
Outras Contas		3.865.300,00	138.779.982,90
		Cr$	431.649.226,00

Recife, 7 de Janeiro de 1952

Dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz — Diretor-Presidente
Jayme Ferreira dos Santos — Diretor Superintendente
Arthur Napoleão Goulart — Diretor Gerente

Jorge Pacheco Dantas Bastos — Diretor Vice-Presidente
Dr. Murilo Humberto de Barros Guimarães — Diretor Secretário
Marcelino Ferreira de Azevedo — Diretor-Adjunto

Contador: *José Martins Júnior* (G. L. Reg. C. R. C. 246)

EU VI A GUERRA DE PERTO

(*Continuação da pág. 11*)

Entre o ataque dos aviões inimigos e a ofensiva das suas tropas de terra, o soldado, aqui na Coréia, vive entre dois verdadeiros infernos. Êle sente que só tem uma coisa a fazer: MATAR. E está ficando cansado, até à náusea, das faces amarelas, dos olhos amendoados; fatigado das fisionomias impassíveis dos seus adversários, das suas vozes roucas cheias de sons guturais; cansado de homens que lutam fanàticamente e cujo senso de heroísmo é defenido pela certeza em que estão de que, se morrerem neste lugar, ressuscitam logo alí; ao virar daquela esquina... As tropas da O. U. N., no momento em que estou aqui, batem-se na proporção de um para cinco. E êste excesso numérico de material humano irá sempre em aumento pelo que observo. E' vê-los lançarem-se ao combate, sem nenhuma atitude de elementar militarismo, mas, muitos! Surgem duzentos. Ficam estendidos cento e cinqüenta. Pois logo avançam mais cem... E, esta facilidade de renovar gente para combater, é enervante.

Neste país cheio de montanhas, quase despidas de vegetação, onde, de longe em longe, vi flores de lindo e formosíssimo colorido o que representa um patético esfôrço da natureza para amenizar estas terras tristes e áridas, as planícies são raras. A própria paisagem asiática é inóspita para os combatentes, vindos de tão longe e de países diferentes. As tropas aliadas conversam sem interêsse e acampam sem curiosidades. E a incompreensível sucessão de tentativas para as tão faladas tréguas, não é de molde a levantar-lhes o ânimo. Sobretudo os aviadores estão sujeitos, como poucos, aos cambiantes da "guerra fria", da chamada "guerra dos nérvos". Todos heróicos, todos cumpridores, mas. Êstes sêres fôram levados a uma guerra diferente e estão julgo eu, permanentemente deslocados nela.

Ao escrever estas palavras logo me ocorre pensar nos comentários a que elas ficam sujeitas por um daqueles "optimistas de cafèzinho": — "Guerra diferente?! Por que Ora essa! Não serão tôdas as guerras iguais?". Pois não são, não senhor! A guerra na Coréia, por exemplo, é diferente até por esta a razão muito simples. Ela é travada no país mais distante onde até agora qualquer tropa do Ocidente já combateu. E, como se isto não fôsse suficiente, combatem contra gente cujas falas não entendem, contra métodos de combate baseados em contínua e variada forma de traição, contra inimigos escorregadios, viscosos, sem nenhum senso de honestidade militar, sem um vislumbre, do que quer dizer a Convenção de Genébra, no qual é baseado o tratamento a dar aos prisioneiros de guerra, emfim, contra homens primitivos, ferozmente fechados em si mesmos, retrospéctivos, fanáticos e agarrados a uns métodos de combate que só êles podem seguir.

Aqui está a "diferença" nítida, palpável, desta guerra de jovem idade — quase dois anos — cuja fome de vidas ameaça ser insaciável. A guerra que está custando, em proporção, claro, mais vidas de militares, de marinheiros, de aviadores, de enfermeiras, de médicos e de jornalistas, do que os dois conflitos mundiais dos últimos tempos e da nossa época. E, já não falo dos civis, dos órfãos e dos refugiados, os quais, somando-se aos das duas guerras passadas, enchem o Mundo de angústia, de dolorosa espectativa, como vagas sucessivas plenas de amargura e de descrença. E elas ameaçam submergir o mundo triste em que vivemos, transformando-o num mar bravio fustigado pelo vento gélido da maior e mais profunda desilusão universal. Por isso, nós, mulheres, choramos só de olhar fotografias de crianças abandonadas, de gente sem pátria, de feridos e de mortos, sem saber bem por que, para quê e por quem!

E, é a essa enorme interrogação derrotista que eu chamarei de visão de um amanhã que não sabemos se valerá a pena!

O CUSTO DESTA GUERRA

As despesas com navios, "tanks", aviões, armas, munições, remédios, etc. foram, até agora de cinqüenta e quatro biliões de dólares, segundo o Departamento da Defesa dos Estados Unidos da América! Se pensarmos nesta soma, gasta em favor dos pobres e dos doentes necessitados teríamos, sem esfôrço, a miséria banida da face da terra!

E' também a segunda guerra, em duração, na história dos Estados Unidos no século XX. As baixas sobem tràgicamente. Consta que desoito mil americanos estão mortos e que outros milhares dêles repousam em túmulos espalhados anônimamente.

Esta é a "despesa" mais pesada, certamente, do povo da América.

OS ANÔNIMOS HERÓIS DE OUTRA BATALHA

Findou o combate. A madrugada já espalha uma débil tentativa de luz. Mas, o ar continua sufocante, cheirando a pólvora. E, a êste cheiro, veio juntar-se mais o doce odor adocicado dos anestésicos e remédios de emergência.

Os gemidos dos feridos moribundos ou os gritos de dor dos que se podiam mexer, quando carinhosamente os levantavam e levavam para as macas no interior das ambulâncias, transformadas em salas de operações, escreveram mais um capítulo de sofrimento no livro dos seus tristes destinos.

(*Continua na pág. 64*)

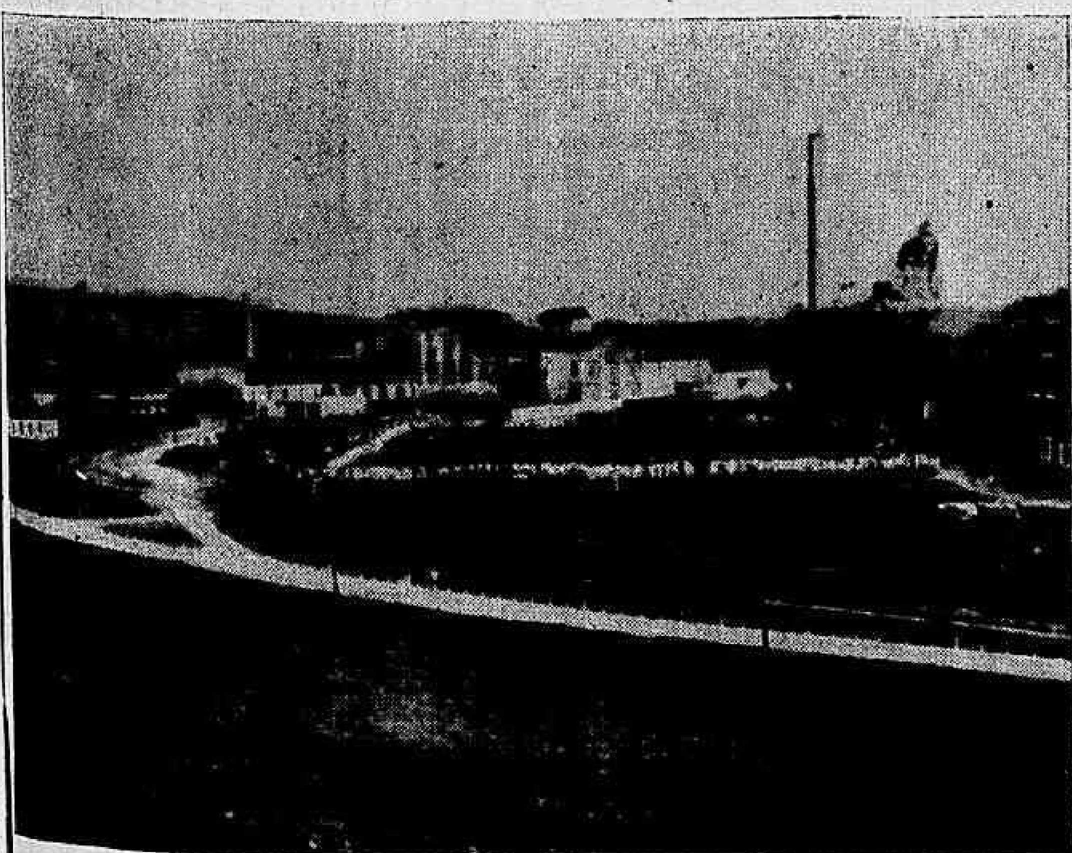
A grandeza de Pernambuco nasceu com a cultura da cana. Primeiramente com os "rematês" e "cabaús" dos pitorescos "banguês". Depois, com o surto industrial da usina, a terra de tantos heroismos, se impôs pelas suas instalações de grandes rendimentos, não sòmente quanto ao beneficiamento da cana, como no fabrico de álcool de variados tipos e fins. Dentre as maiores organizações industriais com base na cana de açúcar no Estado de Pernambuco, destacam-se as fábricas sob a responsabilidade e administração das INDÚSTRIAS LUÍS DUBEUX, S.A. congregando a grande usina de açúcar UNIÃO E INDÚSTRIA, no município de Escada, com uma produção por safra, de 300 mil sacos de sessenta quilos; a REFINARIA BONFIM, que refina o produto da Usina e adquire açúcares de outras fábricas para o beneficiamento; a DISTILARIA UNIÃO, com a produção de 2.000.000 (dois milhões) de litros de álcool industrial de 43 graus; a Distilaria de ÁLCOOL ANIDRO, que fornece o produto às emprêsas de gasolina por intermédio do Instituto do Açúcar e do Álcool. As INDÚSTRIAS LUÍS DUBEUX, S.A. mantêm centenas de operários, aos quais presta serviços completos de assistência social, religiosa, pedagógica, com escolas mantidas pela Usina, assistência médica diária, assistência dentária, clubes esportivos, etc. Todos os seus trabalhadores têm habitação condigna, luz elétrica e combustivel inteiramente grátis. A fôrça elétrica é hidráulica, procedendo das Centrais Elétricas, "Mariquita" e "Pé da Serra", pertencentes às INDÚSTRIAS DUBEUX. O que mais impressiona nessa organização modelar, é a permanente harmonia existente entre empregadores e empregados, bem como entre a firma e os seus fornecedores de cana, o que justifica o nome da grande usina: UNIÃO E INDÚSTRIA.



VISTA PANORAMICA da Usina UNIÃO E INDÚSTRIA, com o seu excelente campo de foot-ball, igreja e residências.

AMBIENTE DE PAZ SOCIAL E TRABALHO

O QUE SÃO AS FÁBRICAS DAS INDÚSTRIAS LUÍS DUBEUX S.A. EM PERNAMBUCO ★ UMA ORGANIZAÇÃO CUJO OBJETIVO MÁXIMO É DIGNIFICAR O TRABALHO OPERÁRIO E ENGRANDECER PERNAMBUCO.



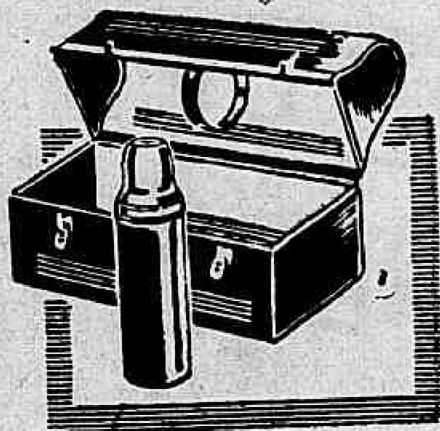
EDIFICIOS DA USINA, vista tomada quando jogadores disputavam uma partida de foot-ball.



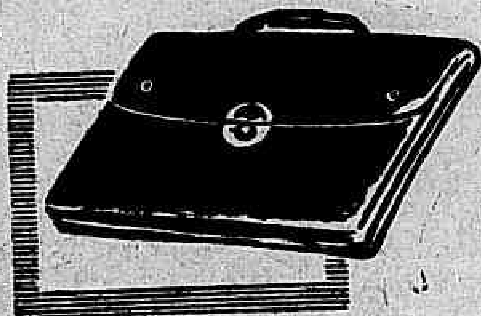
FORNECEDORES DE CANA após o almôço de confraternização oferecido pelo industrial Luís Dubeux.

para Colegiais





MERENDEIRA PRÁTICA COM GARRAFA TÉRMICA prêsa em suporte de segurança na tampa. Temos, tambem, garrafas térmicas avulsas.



Uma BOA PASTA é a melhor proteção para os seus livros e cadernos. Temos grande variedade.



um CRÉDI-MESBLA resolve seu problema!

ATENÇÃO, COLEGIAIS!
Previnam-se para os dias de chuva!
Capas de Shantung, face dupla.
Galochas Moderna, em borracha natural, super-forte.
Guarda-chuvas, armação Ferrine.

MESBLA

RIO: R. DO PASSEIO, 48/56 - NITEROI: R. VISC. R. BRANCO, 521/3

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS
DÔRES de CABEÇA
TRANSPIROL

WEEK-END NA COZINHA

COUVE TRONCHUDA À CATALÃ

ESCOLHE-SE um maço de couve tronchuda, separando-se as fôlhas dos talos; descascam-se algumas batatas, grandes, levando-se ambos ao fogo numa panela grande com água, sal e algumas gotas de vinagre. Ao por na panela os dois ingredientes, deve-se deixar as batatas em baixo e as fôlhas de couve, inteiras, por cima. Quando estiverem cozidas, escorre-se num passador. Em outra panela leva-se ao fogo uma xicara de azeite bom, com uns três ou quatro dentes de alho, grandes, cortadinhos, uma cebola também picadinha; deixa-se a cebola e o alho dourar levemente, junta-se alguns tomates, partidos, refoga-se mais e junta-se um pouco de água na qual se dissolveu, uma colher de massa de tomate, uma pitada de pimenta do reino, pimenta verde amassada, se gostar picante, e todos os cheiros verdes. Deixa-se ferver um pouco êste môlho, junta-se-lhe uma colher de vinagre e as batatas e a couve que foram escorridas, misturando-as muito bem ao môlho. Deixa-se ferver tudo mais uns minutos e serve-se quente.

RIM ENSOPADO: — Limpa-se o rim tirando-lhe todo o sebo, lava-se bem e deixa-se de môlho por uma hora em água com caldo de limão. Pouco antes de servir, retira-se o rim da água, pica-se em pedacinhos, tempera-se com sal, alho e pimenta do reino, levando-o a refogar em gordura ou manteiga bem quente com cebola batidinha, mexendo-se sempre para que todos os pedacinhos corem por igual. Feito isso, retira-se o rim da caçarola, pinga-se nesta um pouco de água, um calice de vinho branco e engrossa-se o môlho com um pouquinho de farinha de trigo ou maizena. Junta-se ao môlho engrossado os pedacinhos de rim, e depois de ferver por um minuto, serve-se sôbre um pirão de farinha de mandioca.

★

FRIGIDEIRA: — Duas quantidades iguais de camarões frescos e secos (os secos que sejam baianos), são levados ao pilão depois de bem descascados, uma vez bem socados vão a uma frigideira, deita-se-lhe um copo de leite de côco, tomates, cebola bem picada, coentro e então vai ao fogo até secar. Estando quase sêca junta-se-lhe 4 ovos bem batidos e mexe-se tanto quanto possível para que não cozinhe, o ôvo separado da massa; feito isto vai ao forno bem quente, coberta com 6 ovos batidos até corar bastante; assados os ovos, enfeita-se a frigideira com grandes rodelas de cebola, tendo ao centro azeitonas e serve-se.

★

LICOR DE PÊSSEGO: — Caroços de pêssegos, 1 litro de álcool de 40º, 1 quilo de açúcar. Junta-se num vidro vários caroços de pêssego bem encarnados, aos quais se deixa prêsa ainda uma parte da polpa da fruta. Fica em fusão no álcool durante um mês ou mais, cuidando-se para que a côr não fique muito carregada. Quando se achar que está escurecendo demais, faz-se o licor, fazendo-se uma calda com 1 quilo de açúcar e mistura-se tudo. Depois de queimado o açúcar, acrescenta-se uma xicara de água. Coa-se e filtra-se.

CREME QUEIMADO

1 litro de leite, 150 grs. de açúcar, 5 a 6 ovos. Queima-se um pouco o açúcar em uma frigideira de ferro, junta-se um pouco de água, deixa-se cozinhar com o leite e despeja-se, mexendo sempre sôbre os ovos bem batidos e desmanchados em um pouco de leite frio. Põe-se então logo em uma caçarola, leva-se ao fogo mais uma vez e vai-se mexendo constantemente até pouco antes de ferver. Retira-se do fogo e bate-se mais algumas vêzes até pouco antes de ferver. Retira-se do fogo e bate-se mais algumas vêzes até esfriar bem. Pode-se substituir dois dos ovos por uma colher de sopa de maizena ou de farinha de batatas.

A SAÚDE DO BEBÊ

DOENÇAS DO CORAÇÃO NA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

SÃO muitas as eventualidades em que pessoas leigas suspeitam de uma doença cardíaca na criança, e entre outros casos, isto sucede quando foi ela atingida, alguma vez, por um rápido entontecimento da vista, uma súbita palidez e um suor frio, que a podem assaltar, em certas circunstâncias, capazes de a excitarem fortemente.

Na segunda infância não são raras essas manifestações, principalmente nas crianças do sexo feminino, marcadas de um certo temperamento nervoso, porém que não implicam a existência de defeito do coração, senão com exclusão de outras causas.

Nos lugares fechados, repletos, superaquecidos, nas aglomerações infantis, nas cerimônias religiosas, ocorrem mais frequentemente essas síncopes, de intensidade variável. Também o ar viciado, o calor, os odores fortes, as grandes emoções, podem levar a resultados ainda mais desastrosos, com vertigem e queda.

A criança perdeu, ou quase, a noção do mundo exterior, e queda-se inerte.

Flácida, o pulso ausente, com pouco volta a si, sentindo-se apenas um tanto fraca, meio estonteada e surprêsa.

Tanto bastou para que todos se convenssam, desde então, de que ela sofre do coração, e com isso se alarma a família.

Uma criança acometida de tais manifestações pode nada sofrer do coração. Sòmente um exame circunstanciado de outros órgãos permite identificar a causa verdadeira do acidente sincopal, e se excluídos, carece de gravidade o acidente, apenas indicando a predisposição nervosa da pessoa.

Só pelo exame direto do órgão se chegará a firmar o diagnóstico de moléstia do coração na criança.

A simples existência de sopros não basta para permitir essa conclusão, sem certas reservas.

Sòmente na criança, nos 4 primeiros anos, a existência de sopros fará suspeitar fortemente de uma lesão cardíaca, pois nas mais crescidas podem ter uma origem, quer cardíaca, quer não.

No lactente, em particular, significam quase sempre uma *lesão congênita*, e esta, causada, ou por defeito de formação do órgão, como na *permeabilidade do septo interventricular*, ou a persistência de órgãos que normalmente cessam com o nascimento, com o orifício de Botal ou o canal artificial.

Sòmente os caracteres do sôpro, e outros sinais, permitem estabelecer estas diferenças, o que aliás nem sempre é fácil pois, com frequência, várias lesões se associam no mesmo caso.

Mas não sòmente os sopros possuem significação séria, denunciando uma lesão do coração nessa idade. A coloração azul da pele pode, só por si, indicar uma afecção séria do coração nos primeiros anos, e é de fato, sempre, um sinal particularmente importante quando nela observado.

Já nas crianças mais crescidas os sopros ocorrem com frequência sem que os determinem quaisquer lesões — sopros mèramente funcionais — e isso, como foi dito, já aparece acima dos 4 anos. Naquelas crianças, mais de 50% dos casos podem reconhecer semelhante origem; umas vêzes é a simples anemia o responsável, outras o fato de uma pressão sanguínea, baixa como acontece a miúde às meninas que cresceram demasiado, pálidas e franzinas.

O exame teleradiográfico do coração é sempre necessário para a certeza diagnóstica bem como certos detalhes da escuta do coração.

Deixaremos de lado maiores minúcias.

Nosso escopo é indicar a maneira como as doenças do coração se podem anunciar nos primeiros tempos de vida da criança.

O sintoma que quase nunca falta e logo chama atenção é a côr azulada das unhas, quer das mãos, quer dos pés, e a formação de um círculo arroxeado ao redor da bôca.

A respiração normalmente se apresenta acelerada, e após os mínimos esforços, rápida e penosa. O mesmo no chôro, ou ato de mamar.

Temperaturas abaixo do normal, extremidades húmidas, falta de aumento do peso ou do crescimento, embora correto o regime e suficiente o alimento; mau humor constante, irritabilidade sem motivo, são também sintomas que podem denunciar o estado cardíaco na criança.

Com êsses elementos estará o médico capacitado para se pôr na pista daquelas lesões que fazem as doenças congênitas do coração, e partindo dos sopros e seus caracteres, apoiado no exame radiológico, estabelecer o verdadeiro diagnóstico, pôsto que complexo, pois muitas vêzes as lesões são múltiplas, permitindo apenas o de "vício cardíaco congênito".

Você também pode ingressar no rádio

(e pertencer à classe mais bem remunerada do país!)

VOCÊ TEM TÔDAS AS INFORMAÇÕES sôbre rádio e televisão no compêndio mais completo já editado no Brasil:

ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951

(Lista de tôdas as emissoras existentes no país, com biografias, pesquisas de opinião pública sôbre programas mais ouvidos e outras informações).

REMETA-NOS HOJE ÊSTE CUPON:

A Editôra Publicidade & Negócios Ltda. — Caixa Postal, 3748 — Av. Rio Branco, 117 — 3.º and. s/323 — Rio.

Desejo receber pelo reembôlso, preço Cr$ 50,00 mais taxa de Cr$ 10,00, do reembôlso, um exemplar do ANUÁRIO DO RÁDIO DE 1951.

Nome ....

Rua ....

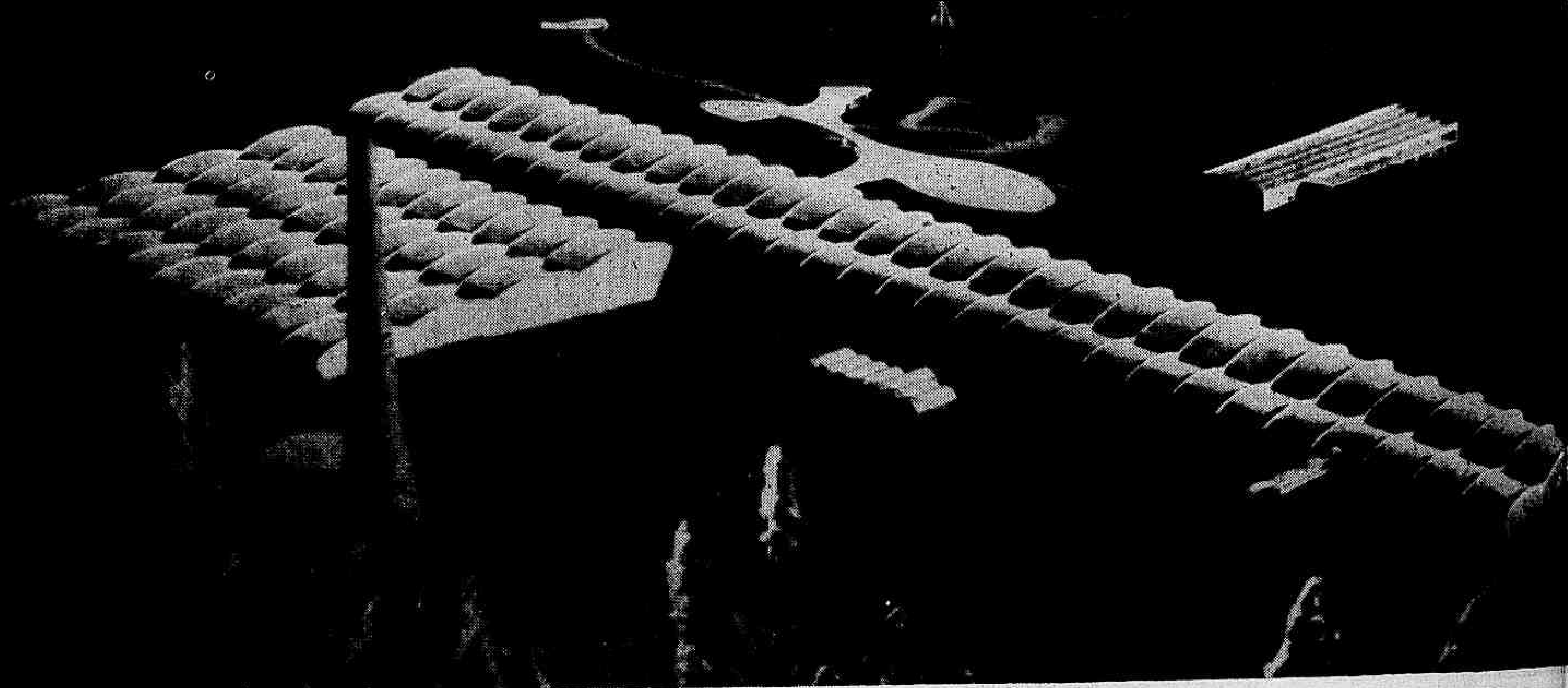
Cidade .... Estado ....

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

O IMPÉRIO CELESTIAL

No próximo número iniciaremos uma segunda série do famoso navegante solitário Capitão Rob, com o seu fiél cão "Skip". A nova história encerra um romance de amor e aventuras perigosas, entrando em cena duas lindas "girls" para ainda mais atrapalhar a vida do bravo explorador dos mares.

Em São Paulo a maior fábrica de doces, conservas e biscoitos da América Latina



Vista de conjunto da moderníssima fábrica da organização PEIXE, em São Paulo, considerada como padrão de arquitetura funcional aplicada à indústria.

PROJETO MODERNÍSSIMO DO ARQUITETO OSCAR NIEMEYER FILHO ★ UM ESTABELECIMENTO MODELAR, A NOVA FÁBRICA PEIXE QUE SE LEVANTOU À MARGEM DA ESTRADA DE RODAGEM SÃO PAULO-RIO

FAZ exatamente cinqüenta e dois anos que foi fundada a Fábrica Peixe, em Pesqueira, no interior de Pernambuco. "Fundada", por fôrça de expressão, pois que no comêço não passava de uma industriazinha caseira, animada pelo trabalho perseverante de um casal de fibra: Maria da Conceição Cavalcanti de Britto e Carlos Frederico Xavier de Britto. Uma industriazinha que demandou os maiores sacrifícios, que enfrentou corajosamente todos os contratempos. E que, por isso mesmo, venceu galhardamente, para se apresentar, depois de meio século, como a maior organização alimentícia da América Latina: possui a maior plantação de tomates do mundo — para abastecer suas numerosas indústrias — e levanta agora, bem à margem da estrada Rio-São Paulo a mais importante do país — a sua nova e moderna fábrica.

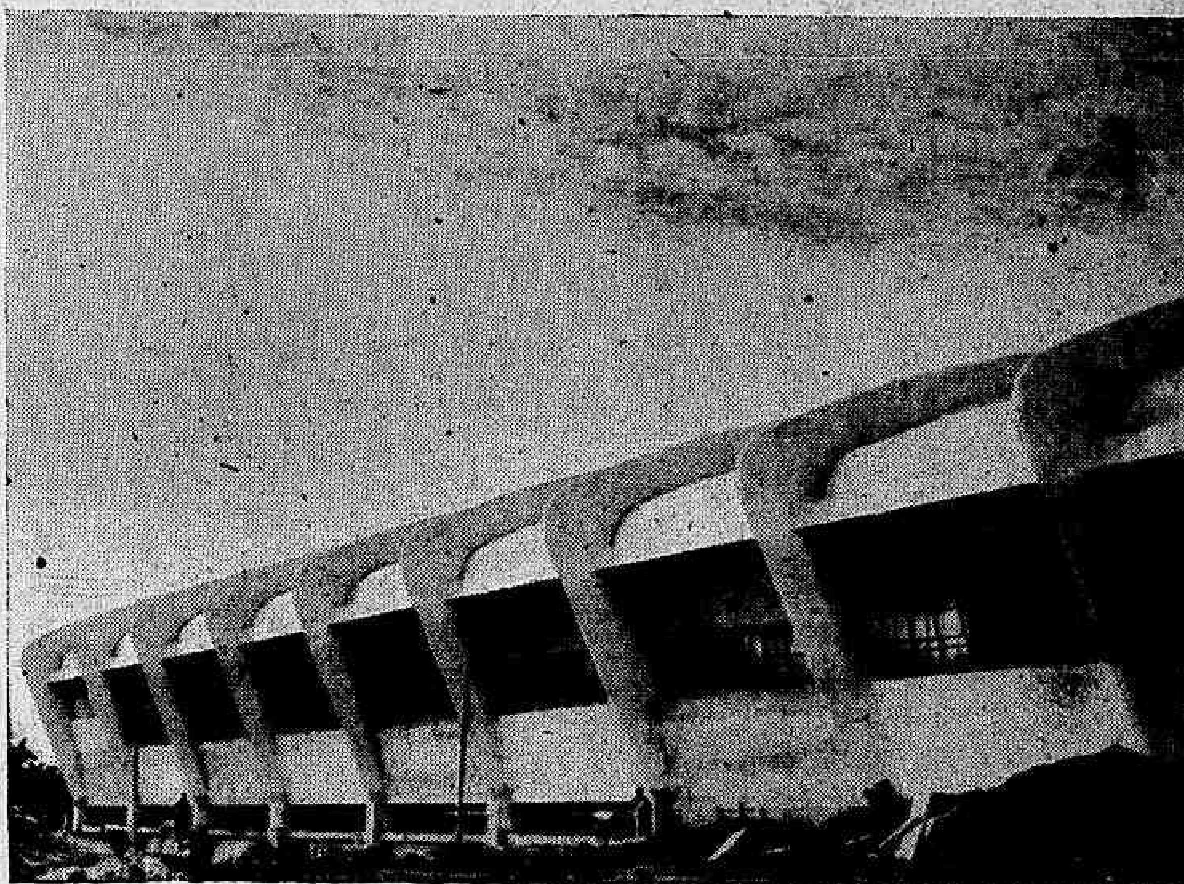
Impressionante atestado do seu crescente desenvolvimento, as novas instalações da Organização Peixe em São Paulo (Indústrias Alimentícias Carlos de Britto S.A. —



O sr. João Carillo, representante da Standard Propaganda de São Paulo, ouve atentamente explicações sôbre a monumental obra.

Um aspecto da construção da fábrica Peixe em São Paulo mostrando detalhes da sua arrojada concepção.

Aspecto do interior da fábrica PEIXE mostrando a instalação de modernissima aparelhagem numa grande área racionalmente aproveitada e tècnicamente ventilada e iluminada.





...rica Peixe — e Companhia Paulista de Alimentação (...coitos Duchen) constituirão, realmente, — quando ...ntas — o maior estabelecimento fabril do gênero em ...a América Latina. Ocuparão uma área total de 200 mil metros quadrados, dos quais 30 mil para as edificações, e foram projetadas pelo famoso arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer Filho, conhecido mundialmente e co-autor do projeto do edifício da Organização das Nações Unidas — em Nova York.

Grandes na área ocupada, as novas instalações da Organização Peixe em São Paulo destacar-se-ão também pela modernissima maquinaria com que serão equipadas a fim de manter o alto padrão de qualidade dos seus produtos, sobejamente conhecidos em todo o Brasil pela pureza de sua fabricação — todos produzidos com frutos rigorosamente selecionados nas extensas plantações próprias da firma.

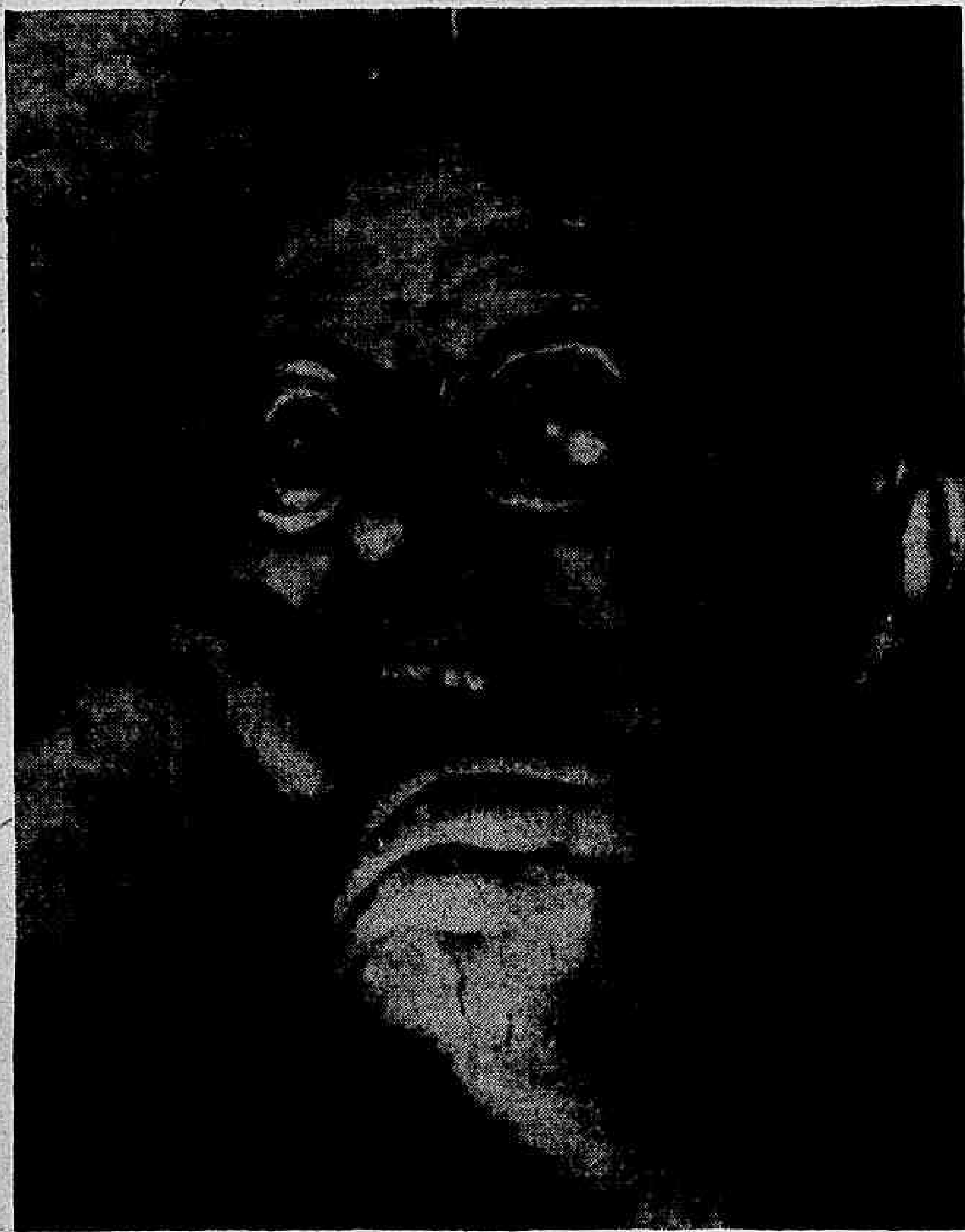
As fotos ao lado dão uma idéia da grandiosidade das futuras instalações da Organização Peixe em São Paulo, cujo adiantamento de construção é revelada pelos clichês que focalizam aspectos internos e externos das obras relativas à área destinada às fábricas de Biscoitos Duchen, com 300 metros de comprimento. Seus recursos técnicos se equipararão aos mais adiantados do mundo, erigindo-se numa nova e valiosíssima contribuição para o progresso econômico-industrial do Brasil.

HERDEIRA BARRYMORE



DIANA BARRYMORE hoje representa a terceira geração de artistas na sua família, filha que é do famoso John Barrymore (galã da cena muda nos seus melhores tempos), sobrinha de Lionel Barrymore (que ainda hoje aparece nos filmes falados) e neta de Georgia Drew Barrymore, que fêz sucesso no palco norte-americano. A mãe de Diana fazia versos e separou-se de John Barrymore depois de com êle viver oito anos de vida conjugal pouco tranqüila. Êles, contudo, se uniram por um casamento de amor. Diana é hoje atriz de teatro.

CORTOU A LÍNGUA



ESTE padre italiano — Alfeo Emaldi — arrancou a própria língua para fugir à delação na China comunista. Prêso e torturado nos cárceres de Mao-Tse-Tung, o ditador vermelho do antigo Celeste Império, seus algozes pretendiam que êle denunciasse os católicos praticantes da zona em que exercia seu perigoso ministério. O recurso único, que o Padre Emaldi acabou pondo em prática, era arrancar a própria língua, o que fêz sem hesitação. Na foto acima, já feita na Itália, êle demonstra como realizou a operação.

TUDO ISTO A

O estrilo da japonêsa



PARA Punta Del Este, no Uruguai, seguiram muitas celebridades cinematográficas, tanto masculinas como femininas. De todos os países da América do Sul e do Norte, lá se foram as beldades para a festança do cinema. Êsses festivais são encantadores. Tornam astros e estrêlas mais conhecidos entre êles mesmos e trazem muita anedota a público. Muitas vêzes a «tesoura» corta fundo na pele dos sêres privilegiados que comparecem a êsses encontros felizes, toldando um pouco o céu onde refulgem essas constelações de carne e osso. O mais recente caso de fuxico em alto grau se passou agora mesmo com a artista japonêsa Miki Sanjo, heroína do grande filme nipônico «Guhro No Machi». Ela estêve em Punta Del Este e a todos cativou com a finura de seu espírito comunicativo e o seu talento de verdadeira artista da tela. Mas as más línguas cinematográficas não poupam ninguém, e a pele da linda estrêla japonêsa sofreu um bocado. Contaram em Hollywood que ela ia abandonar seu legítimo espôso a fim de casar-se com rico estancieiro uruguaio. Logo que ela chegou a Hollywood choveram as perguntas. A jovem ficou indignada. Que história era essa! Não ia separar-se de seu marido, nem casar-se no Uruguai, apesar de haver muita identidade entre o seu país e o de Punta Del Este: ambos eram orientais... Declarou a estrelinha de olhos oblíquos que no Uruguai encontrou muitos amigos e ficava eternamente devedora por tantas amabilidades para com a sua pessoa. Mas nada de romances e namoricos com os homens do país. Ela se respeitava. Era casada e vivia muito feliz! O cinema é uma coisa infernal.

Oito mortes

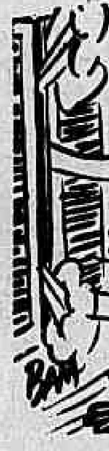


NÃO foram causadas por desastres aqui em nossa famosa Av. Brasil; nem essas oito mortes são devidas a desastres de trens ou de avião. Oito mortes acabam de ser registradas em Nova Delhi, na Ásia. E' verdade que morrer gente naquele mundo é a coisa mais comum desta vida; mas essas oito mortes se revestiram de particularidades inéditas lá e aqui. Quem matou oito pessoas foi uma simples rã. Como? Não se impressionem os comedores dêsses batráquios. Não se trata de nenhuma espécie de rã venenosa. Nem mesmo de alguma humilde «perereca» de nossos alagadiços. A rã que matou oito pessoas era uma dessas rãs saborosas, capazes de fazer as alegrias de um cidadão acostumado a passar bem, se mandar prepará-las a «doré». Sucedeu que, em Nova Delhi, havia uma casa. Na casa, um poço. No poço, uma rã. O dono da casa, que era dono do poço e se julgava também dono da rã, resolveu matá-la. Achava-a um ser repelente, nojento, asqueroso. Para limpar o poço era preciso dar cabo da vida do bichinho inocente e amigo do homem. As rãs comem as larvas, saneando as águas empoçadas ou correntes. O homem devia condecorá-las e promover-lhes manifestações patrocinadas pela Saúde Pública; entretanto, aquêle cidadão de Nova Delhi, não pensava assim. Decidido a matar o bicho, foi ao poço. Meteu-se lá por dentro, mas, ao invés de pegar a rã, foi a morte por afogamento que o agarrou de jeito. Aos gritos, chamou a atenção de parentes, os quais, na sofreguidão de salvar o chefe da família, foram caindo n'água e se afogando da mesma forma. No final, oito cadáveres boiando no poço. E a rã? Com certeza deve ter ido chamar a assistência...

O Brasil é um só



SERÁ que ainda há dúvidas quanto à grafia do nome de nossa pátria? A vacilação já acabou desde muito. Hoje ninguém fica na incerteza: Brasil (com s), ou Brazil (com z). O assunto já foi muito debatido e, quase sempre decaía na jocosidade, na pilhéria, no humorismo. Conta-se que, certa vez, um dos nossos mais eminentes Ministros da Fazenda, ao ter que autorizar uma emissão do Banco do Brasil, foi-lhe perguntado pelo secretário: «Excia.: Como devemos mandar grafar o nome do Brasil. Com S, ou com Z?» — O Ministro pensou um instante e indagou: «Como se procedeu na última emissão?» — «Com Z, Sr. Ministro». Então o titular da pasta do dinheiro decidiu: «Mande fazer agora com S. O nome Banco do Brasil com Z já faliu duas vêzes...». Como vemos, o assunto, embora sério, descambava sempre para a anedota. Mas os filólogos e gramáticos chegaram à conclusão de que Brasil é mesmo com S, pois vem disso e daquilo, passando por mais aquilo lá e tudo reunido, analisado e escardeado com a peneira finíssima do saber, deu Brasil com S. A grafia foi uniformizada e contra ela ninguém mais protesta. Entretanto, os inglêses não se conformaram com a grafia do nosso país e continuam a escrever BRAZIL, com um Z do tamanho da tôrre de Westminster. Não fazem por menos os povos sob a influência britânica. Últimamente foi a Bombaim, na Índia, uma delegação feminina brasileira para competições de ping-pong. E, contrariando a lei que estabeleceu a grafia do nosso país com S, empunhou um cartaz em que se lê, em letras robustas, BRAZIL, com Z. Por mais respeito que mereça o ping-pong e por maior que seja o prestígio de nossa brilhante representação, o Brasil não podia ser mascarado em Bombaim.





ACONTECEU

O fantasma



QUE será um fantasma? A imaginação popular diz que é uma alma do outro mundo que vem penar neste, em falta de melhor vale de lágrimas. Então o fantasma se veste de roupas brancas, apesar de estarem muito caras hoje em dia, e aparece esvoaçante, muito leve e ligeiro, como se não pisasse o chão. Da cabeça aos pés é uma só peça, encimado por uma espécie de capus também branco. As crianças têm um mêdo horrível, e as senhoras mais nervosas dão chiliques apenas em face da lembrança dêsses visitantes indesejáveis. Mas o fantasma é um ser inocente, inofensivo. Uma vez ou outra pede que paguem, por êle, uma promessa que deixou de cumprir quando vivo, na terra. E' uma das maneiras mais inteligentes que os vivos têm de saldar suas contas com os santos. Morre-se devendo, e se volta pedindo que outros paguem o que prometemos e por velhacaria ou preguiça não cumprimos. Mas há fantasmas de vários feitios e de diversas maneiras de assustar os viventes de carne e osso. Veja-se o que acaba de suceder na cidade africana de Casablanca, muito popular no Brasil depois da guerra e do cinema. Um fantasma se instalou num quarteirão populoso da referida cidade. Escolheu um dos maiores edifícios para fazer suas demonstrações de levitação e se ocupa em bater portas e janelas, fazendo barulho como se se tratasse de algum menino mal-educado. A polícia foi chamada para «prender» o fantasma, porém os centros espíritas da cidade disseram que nada podiam fazer os policiais. Só mesmo fazendo preces a alma penada mudaria de casa e procuraria o purgatório, para ver se conseguia alguma vaga, já que no céu não podia morar e no inferno não há mais vaga...

Porque ficou no Brasil



NAO podemos deixar de reproduzir neste tópico o que publicou Spectator no «Diário de Notícias» do Rio, de alguns dias atrás: «No «World Chemical Conclave», grandiosa assembléia de químicos que, no ano passado reuniu em Nova York e Washington mais de 16 mil químicos de todos os países do mundo, o Brasil tambem foi representado por uma brilhante delegação de cientistas. Destacou-se dentro desta o professor Fritz Feigl, vienense de origem e doutor «honoris causa» da Universidade técnica de Viena, que radicado e naturalizado neste país é chefe do Departamento Microquímico no Laboratório da Produção Mineral, repartição do Ministério da Agricultura. Durante a televisão da inauguração da Assembléia realizou-se uma entrevista da imprensa com três dos mais destacados membros do Congresso, um norte-americano, um inglês e o brasileiro Feigl, Presidente de Honra da Seção Analítica. Perguntou-lhe o jornalista: «Por que fica no Brasil? Por que uma personagem da sua importância não vem para os Estados Unidos, onde tem oportunidades de trabalho muito mais amplo?». E um químico norte-americano que assistia à entrevista aparteou: «Já o convidamos muitas vêzes, mas êle não vem». E Feigl respondeu: «Cheguei ao Brasil em 1940, como refugiado político. Acolhido da maneira mais carinhosa, encontrei no Rio um lugar de trabalho e vi-me favorecido em minhas pesquisas sôbre química analítica. Deixar o Brasil, onde encontrei uma nova pátria e que me fêz membro de sua Academia de Ciências, só porque uma outra terra me oferece melhores condições de trabalho, consideraria eu uma ingratidão». Feigl não é sòmente grande químico; é grande amigo do Brasil.

No Pacaembu



NAO, não se trata de jogos de futebol. Para o Pacaembu vão (ou já foram) tôdas as famílias que, em São Paulo, ficaram desabrigadas em virtude dos temporais que desabaram sôbre a dinâmica e bela capital paulista, arrasando casas e alagando ruas. O Secretário de Saúde e Assistência determinou que as famílias que perderam seus tetos e não dispusessem de outros para passar a tempestade, que fôssem acomodadas nas instalações do Pacaembu, sendo-lhes fornecido agasalho, alimentação e assistência médica. Eis aí um gesto de grande beleza moral e administrativa. As inúmeras famílias que ficaram ao desamparo, vendo seus lares desmoronados e os seus haveres levados pelas enxurradas, tiveram nessa atitude humana e cordial, um raio de luz na noite de suas desgraças. O Pacaembu, o segundo estádio do Brasil, jamais imaginara que seria homísio a flagelados de sua capital. Perdoem-nos a prosopopéia dessa assertiva, pois o Pacaembu não pensa coisa alguma, ente inanimado e sem vida que é; mas vamos dizer que êle também pensa, sente e vive. O Pacaembu deve estar comovido, emocionado com o novo emprêgo que lhe deu o Secretário de Saúde e Assistência da capital paulista. Nada mais belo do que abrigar infelizes nas horas de desgraça. As dependências do Pacaembu serão alegradas pela voz das crianças e humanizadas pela prece de agradecimento a Deus de tôdas as mulheres ali amparadas. Ao invés dos palavrões de desabafo a que recorrem os nervosos torcedores de futebol, as paredes e as arquibancadas do Pacaembu ouvirão o riso alacre das crianças, o murmúrio das preces maternas e verão o deslizar de lágrimas de agradecimentos.



GIGANTE A DOMICÍLIO

E há quem veja inconveniente no gigantismo... Ludwig Schulten, que se vê acima espichando todo o seu comprimento de 2 metros e 19 centímetros, não participa dessa opinião de gente tôla. Êle costuma perguntar aos seus fregueses e vizinhos como poderia servir a moça do lado, que mora num primeiro andar, se não pudesse erguer tão alto seu braço. Com o tamanho que Deus lhe deu êle evita o trabalho e a perda de tempo de galgar uma velha escada. O pai de Ludwig media 2 metros e 5 e sua mãe tinha 1.85 de altura.

ÍNDIO DE BOBAGEM

VEM índio de verdade, nem índio de Carnaval. O cidadão que aparece na foto, de tranças e vestes típicas dos índios da planície norte-americana acabou de representar um nativo da América, ao tempo da conquista espanhola. E' o baixo do Teatro São Carlos, de Milão, Italo Tajo, fotografado quando era cumprimentado pelo ministro Scelba. Scelba, ministro do Interior da Itália, é considerado o «homem forte» do país. Combate enèrgicamente o comunismo e foi quem traçou planos para a captura do bandido Giuliano.



A evolução do espírito

A vida fora da matéria, essa ciência tão vasta e pouco conhecida, tem sua importância ressaltada nesta comunicação de Luiz de Mattos, dada em sessão pública, no Centro Redentor, do Rio de Janeiro, em setembro de 1948.

A evolução do espírito incarnado, como se processa a lei de atração entre incarnador e desincarnados, o valor do pensamento, são temas espiritualistas aqui condensados numa síntese admirável.

E é de notar-se a singelesa com que o Mestre aborda assuntos tão transcendentes, tornando-os accessíveis a qualquer um, em cumprimento do postulado racionalista de orientar e esclarecer a humanidade.

Vamos lê-la:

Deveria todo o ser humano ter o cuidado de conhecer-se a si próprio como espírito e matéria, porque assim reconheceria os seus defeitos e as suas boas qualidades e não perderia as oportunidades para aprimorar estas e corrigir aquêles.

Ninguém é perfeito neste mundo. O espírito, quando incarna, o faz para processar a sua evolução espiritual porque carrega faltas e imperfeições e quer resgatá-las, ou corrigi-las, sem o que a finalidade de sua incarnação não será atingida.

O mal de muita gente é não se conhecer, julgando-se muito importante e não fazendo o mais pequenino esfôrço para corrigir os seus defeitos. As vaidades e imperfeições são próprias da Terra, mas alimentá-las conscientemente, não é natual, chega a ser crime espiritual.

Todos devem evoluir, porque as leis da evolução do mundo assim obrigam. Quem não quiser acompanhar o progresso do mundo, demonstra indolência espiritual, carrancismo, ser retrógrado. Hoje não se vive como se vivia ontem. A própria criança demonstra àqueles que a vão observando, que ela não é idêntica à criança de ontem. E' que o espírito vem evoluindo, e na evolução que vem fazendo, adquiriu conhecimentos, experiências e esclarecimentos, que demonstra na sua atividade, argúcia, compreensão rápida e nas deduções acertadas com que surpreende pais e avós.

Se a evolução é um fato, por que razão não estudar a vida fora da matéria, essa Ciência tão vasta e ainda desconhecida, que não deve preocupar sòmente aquêles que estudam o Espiritismo? Ela deveria preocupar todos aquêles que estudam, investigam, possuem cultura, que desejam, enfim, enriquecer a inteligência com conhecimentos que satisfaçam ao espírito.

Das coisas materiais muito se tem cuidado, e o progresso nos últimos tempos tem sido surpreendente, mas pelas coisas espirituais poucos se interessam!...

A lei de atração é um fato. E é dentro dela que é explicada a afinidade espiritual que existe entre certas criaturas e que os materialistas não podem compreender. Essa atração espontânea, sincera, tôda natural, que há entre criaturas que não são parentes, que não pertencem, portanto, ao mesmo grupo familiar e que, no entanto, se sentem atraídas umas para as outras, atesta afinidade, demonstra que o grau de espiritualidade as aproxima.

Há tanta coisa a desvendar e que seria fácil se procurassem dar mais importância às coisas espirituais, aquilo que não se vê e não se apalpa, mas que existe porque as criaturas sentem, sem saberem explicá-las.

O Racionalismo Cristão, é Doutrina que deseja esclarecer a humanidade. Não tendo a pretensão de criar adeptos, êle quer despertar as criaturas, fazendo-as ver claro na vida, para que trilhem pelo melhor caminho neste mundo, dando valor às coisas do espírito, sabendo se defender espiritualmente.

As criaturas sofrem as consequências de sua ignorância espiritual, chegando ao avassalamento, porque não têm em si aquela defesa, aquela fôrça que as faz afastar do mal.

Todos devem se esclarecer para saberem conhecer e dar importância à vida.

Há muita gente que vive por viver e ao ser colhida de surprêsa por uma má notícia, não possui a resistência precisa para suportar a sua desdita.

E' pois, do preparo espiritual que depende o êxito do espírito neste mundo. Sem êsse preparo podem os espíritos fracassar, e assim tem acontecido com muita gente, considerada experiente, mas que nem a inteligência, nem a experiência impediram que fracassasse, e isso, tão sòmente por faltar o preparo espiritual que dá valor, coragem e desprendimento, que ensina enfim a criatura a sentir a vida como de fato ela deve ser vivida.

Quando as criaturas tiverem recebido esclarecimentos racionalistas, terão valor, desprendimento e coragem para sairem vitoriosas em seus empreendimentos. Saberão passar por tôdas as vicissitudes sem se deixarem abater, suportarão as tempestades que sôbre elas se desencadearem, sem temores e receios.

O Racionalismo Cristão prepara a humanidade para a luta, para resistir ao sofrimento e à dor. Uma criatura esclarecida tem consigo as armas necessárias para se denfer dos inimigos que, porventura, queiram alvejá-la.

Há sêres que têm mêdo de tudo, até da sua própria sombra, e por isso estão sempre à mercê das fôrças inferiores e fàcilmente se deixam avassalar. Não se deve ter mêdo. O receio de tudo é uma doença. A criatura que tem receio da enfermidade "a", "b" ou "c", acabará contraindo essa enfermidade. O pensamento é tudo. E' pelo pensamento que a criatura atrai o mal, assim como também poderá repelir o mal e atrair o bem.

O astral inferior espreita as criaturas e por afinidade de pensamentos é que se aproxima dos incarnados para intuí-los e avassalá-los com os seus fluidos deletérios, começando por engendrar na mente de seu assistido, aquilo que irá aumentar os seus receios, dando os sintomas da enfermidade que êle receia. Isso é um ponto importantíssimo ao qual ninguém dá importância.

O pensamento reflete na aura da criatura aquilo em que ela pensa e por êsse meio as fôrças inferiores, que se quedam na atmosfera da Terra em perturbação, se aproximam daqueles que pensam identicamente, e assim vão avassalando, pouco a pouco, minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, até conseguirem o avassalamento total.

Muitas vêzes, as criaturas enfermam por culpa da sua ignorância, da sua fraqueza espiritual, e é combatendo essa fraqueza, é esclarecendo as criaturas que o Racionalismo Cristão as livra dêsses males, as prepara para a luta pela vida, porque ninguém neste mundo está isento de sofrimentos, dôres, choques morais e de sofrimentos físicos. Para tudo na vida é preciso preparo espiritual. O espírito esclarecido não se deixa avassalar, não se deixa abater, não deixa quebrar a sua energia.

E' preciso preparo espiritual, e êsse preparo, o Racionalismo Cristão o dá àqueles que procuram as suas Casas".

LUIZ DE MATTOS

EU VI A GUERRA

(Cont. da pág. 56)

Os feridos inimigos eram logo tratados a seguir aos feridos aliados. Os prisioneiros olhavam, subservientes... E assisto a um ligeiro interrogatório:

— Donde és?

— De Xangai.

— És comunista. Por quê?

— Não sei.

— Já viste Mao-Tse-Toung?

— Muitas vêzes.

— E Stalin?

— Não.

— Por que te alistaste?

— Sei lá! — e começa a lamuriar, abjetamente, aterrorizado: — Não me fuzilem! Não me fuzilem! Sou um pobre homem! Um pobre chinês!

O intérprete olha-o com desprêzo. A face do prisioneiro não muda de expressão, mesmo inundada de lágrimas de terror. Sòmente suas mãos amarelas gesticulam, gesticulam, falando por êle. Seu pavor não tem razão de ser. Os americanos não matam prisioneiros! Mas, êle é que não sabe disso e, habituado a ver o contrário no seu acampamento, julga que o fim está próximo... Sua surprêsa é de difícil descrição quando, levado para longe do oficial que o interrogou, lhe dão alimento e o tratam os seus ferimentos leves...

Os mortos, de ambos os lados, esperam que os identifiquem. Suas derradeiras atitudes gritam o seu inconformismo. Mas, bem ou mal, a sua luta havia findado.

Mais feridos graves começam a aparecer. E os anônimos heróis da outra batalha principiam uma tarefa de salvação: a corajosa Cruz Vermelha Internacional. Médicos e auxiliares, cortam, cosem, pensam ferimentos terríveis de ver, mitigam dores aos que não podem salvar e encaminham, com a sua eficiência, abnegação e coragem moral, sêres que, sem êles, morreriam à míngua de socorros ou ficariam, para sempre, irremediàvelmente inutilizados e uns mutilados sem esperança.

Êstes são os componentes dum exército branco, onde a cruz, pintada de vermelho, refulge salvadora e benéfica. Cruz rubra, como que feita duma só gôta de sangue, o que milagrosamente não alastra, a definir-nos seu símbolo: não deixar que os corpos de combatentes fiquem exangues.

Como é consolador ver atuar a Cruz Vermelha Internacional! Ela segue os exércitos nas suas marchas, está presente nos seus combates, acompanha as suas retiradas e seus avanços. Incansáveis e heróicos, estão sempre a postos, sempre atentos, serenos e impassíveis. Firmes as suas mãos, mesmo quando as balas zunem, perdidas, os morteiros rasgam a escuridão, as rajadas das metralhadoras varrem o acampamento e os roucos rugidos dos aviões inimigos ameaçam a fragilidade das suas barracas de lona.

E, graças a Deus, são mais as vêzes que derrotam a Morte do que são vencidos por ela.

E os padres que dizem missas nos mais variados lugares, sob as intempéries dos elementos e da fuzilaria? Que caminham pelo chão ensopado em sangue, após uma batalha, a procurar moribundos e feridos para lhes ministrar a extrema-unção ou escutar suas confissões? Que dizer dêles?!

Que todos são os anônimos heróis de outra batalha. A batalha sem história da bondade! O batalhão branco que simboliza, no meio da ferocidade, a suavíssima expressão de piedade cristã. BEM HAJAM!

FERNANDA REIS

Respostas ao teste

1—Quatro
2—Areias
3—Lana Turner
4—Conjunto de bandeiras de sinalização da Marinha
5—Por ter oferecido as plantas de café a Palheta
6—Mil quilos
7—Setembrino de Carvalho
8—Minas Gerais (por motivo da lavra de ouro)
9—Perna cabeluda (apelido dado aos portuguêses)
10—João de Faria Fialho (descobridor de minas de ouro em Minas Gerais)
11—Foram ornamentar a coroa de N.S. da Pena, Lisboa
12—Pero Vaz de Caminha
13—Porque eram de ouro os seus frutos
15—Oito mil (em mais de 10 milhões de dólares)

TERÁ VEZ A...

(Cont. da pág. 33)

romântica da época, mas tudo indica que preferiu ser um boêmio livre a aceitar os estreitos limites da vida de um soberano inglês nos tempos que correm.

Vem depois Jorge VI, que imediatamente antecede a Rainha atual. Era um homem tímido e enfêrmo, que morreu prematuramente. Nessas condições não podia ser amigo de farras, mesmo que o quisesse.

E vem agora Elizabeth.

Se estivesse no trono sua irmã Margaret, muito mais herdeira das liberdades de seus ancestrais do que a atual soberana, os padrões da côrte seri[am] mais fàcilmente quebrados e a Duquesa de Wi[ndsor] nela seria imediatamente recebida. Com Eliza[beth] a pergunta fica por ora sem respesta.

Sua tia americana virá algum dia a figurar [em] cerimônias reais? Só o tempo poderá dizer...

TECELAGEM DE SÊDA E DE ALGODÃO DE PERNAMBUCO S. A.

AVENIDA VISCONDE DE SUASSUNA, 393 - RECIFE

END. TELEGR.: "TECELAGEM"

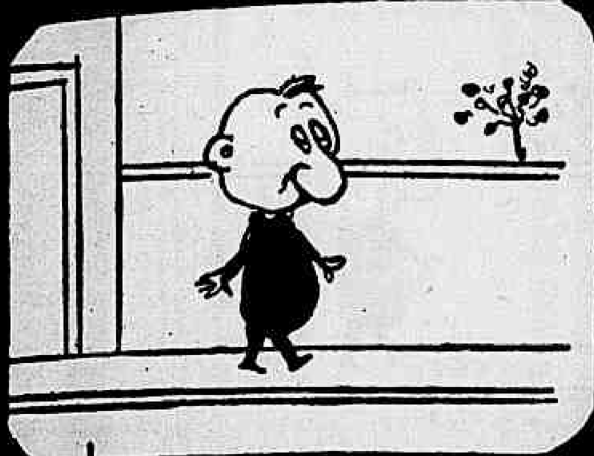
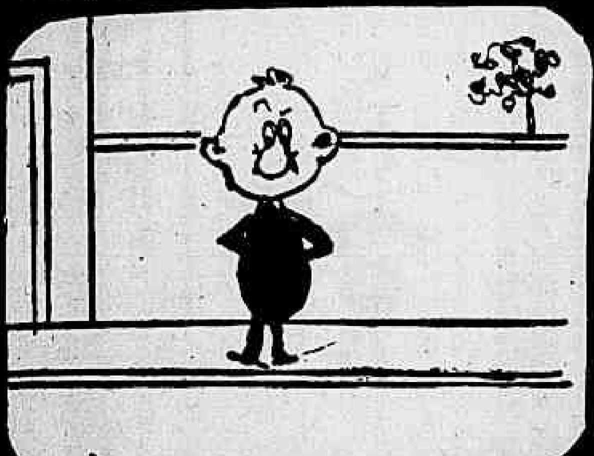
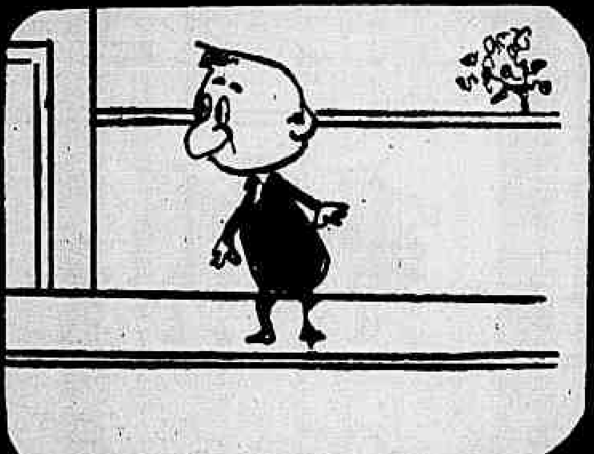
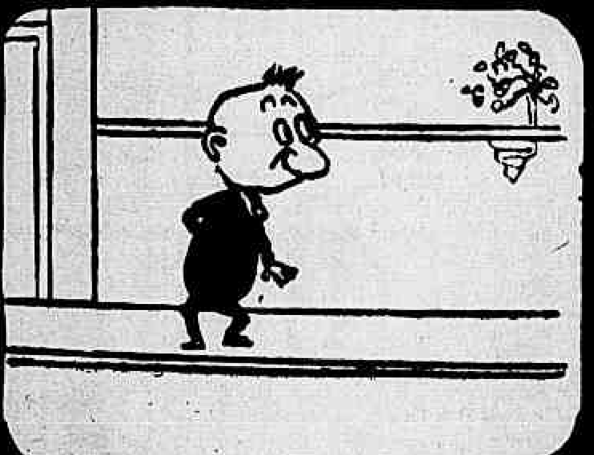
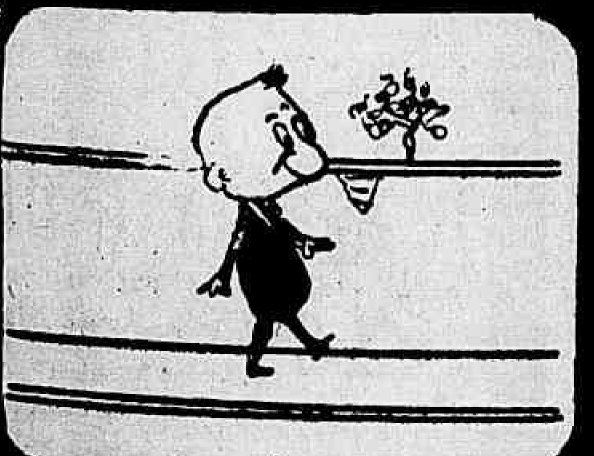
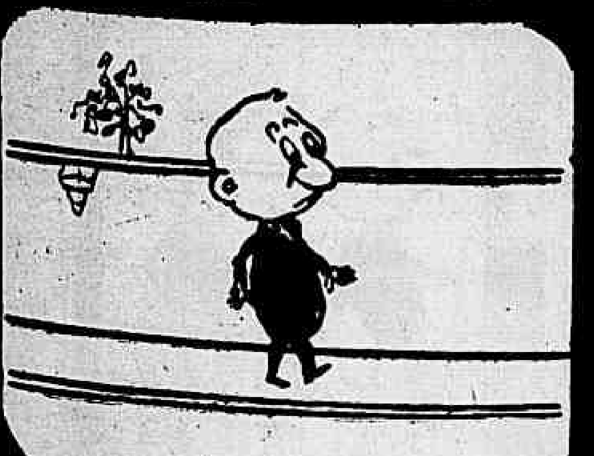
FONES: 2031—2288—3333

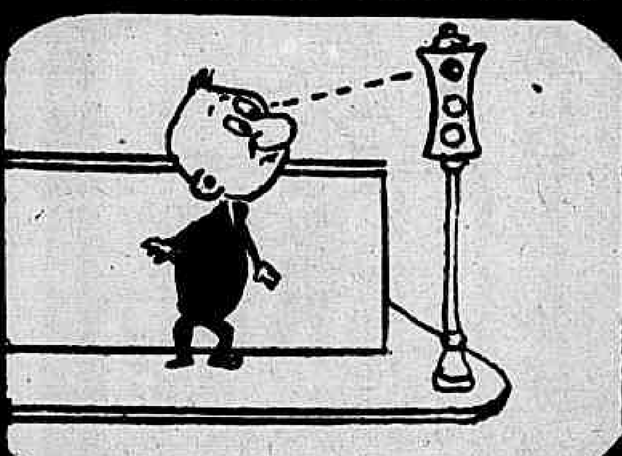
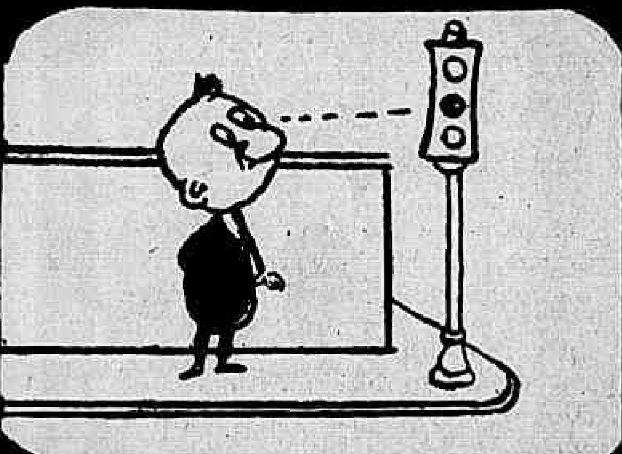
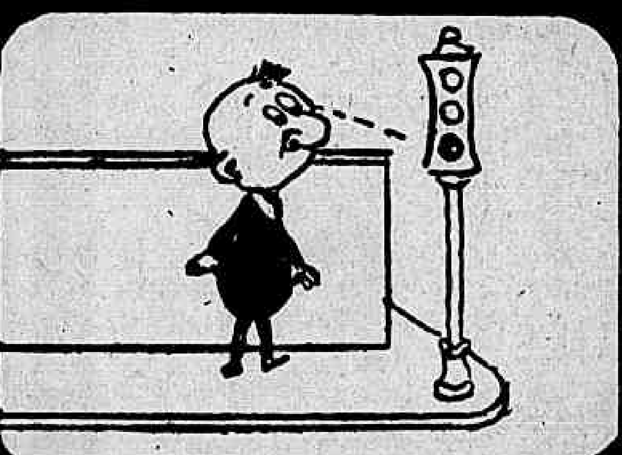
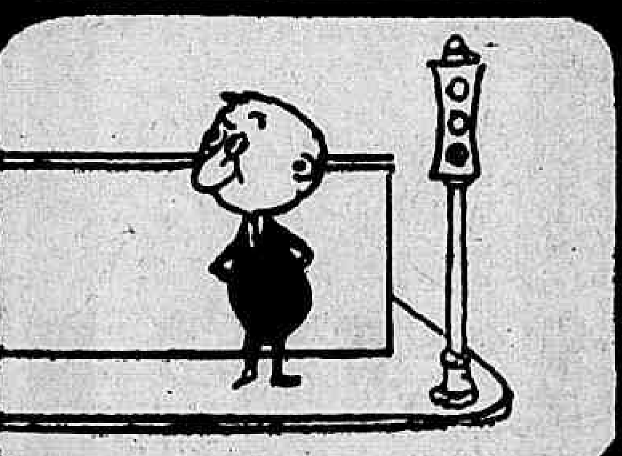
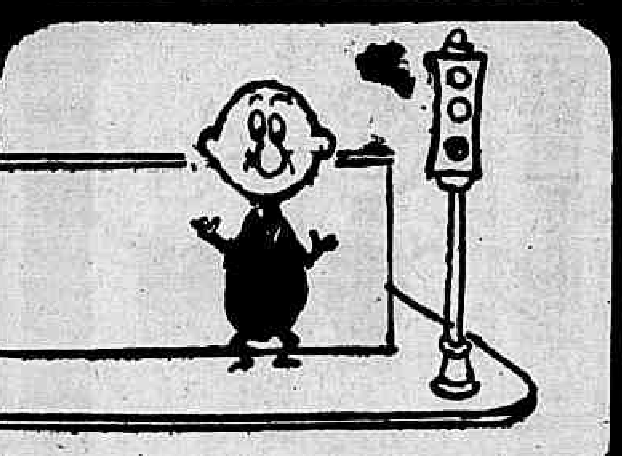
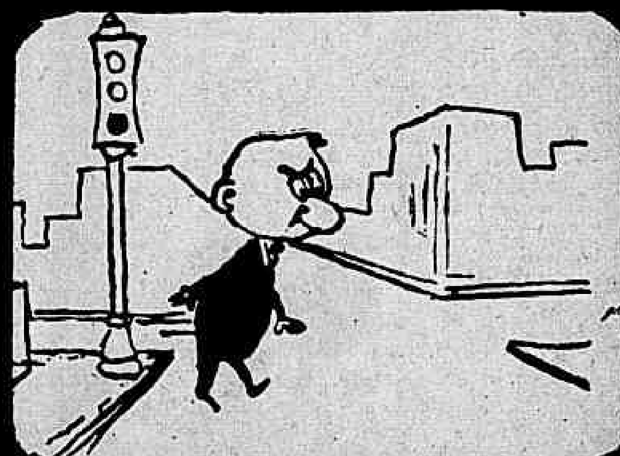
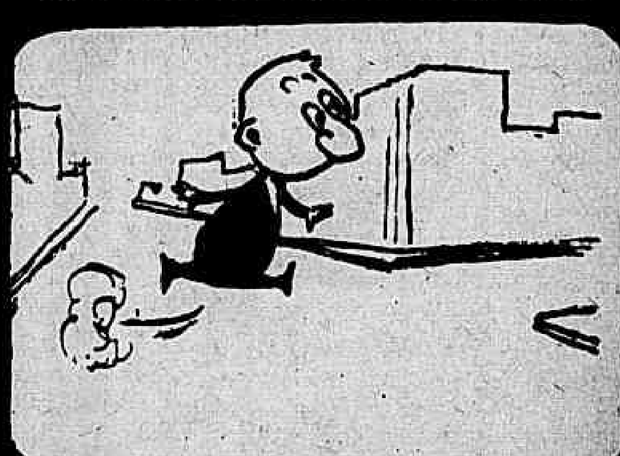
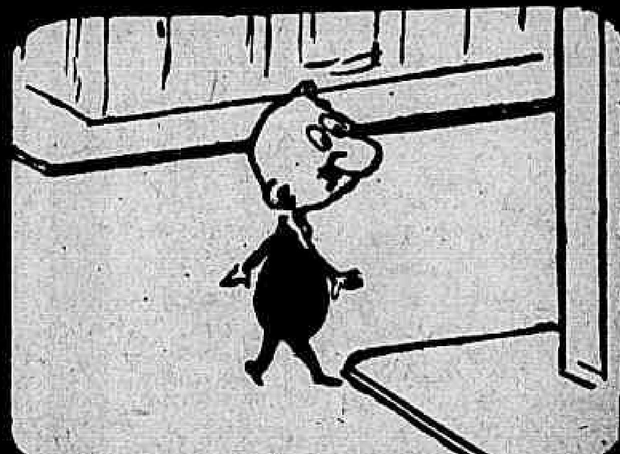
ESTE MUNDO E O OUTRO

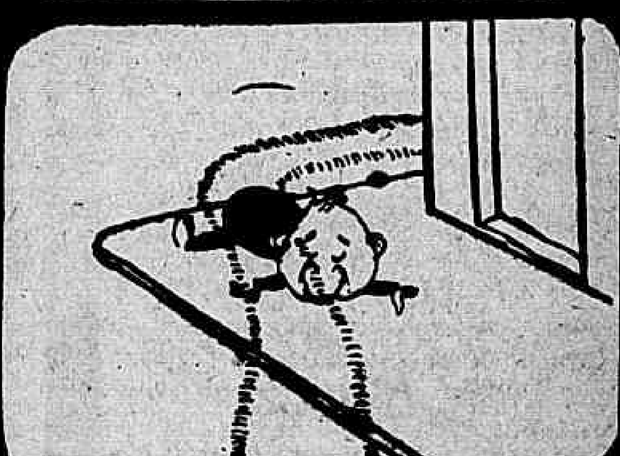
3-CINEMINHA

SEU LUDOVICO É UM RESPEITADOR DAS REGRAS DO TRANSITO

Criação de DARCY



MORAL:

SEU LUDOVICO FOI PARA O HOSPITAL E O MOTORISTA DO LOTAÇÃO... VAI BEM, OBRIGADO...

A REVISTA HÁ 50 ANOS

(1º DE MARÇO DE 1902)

PÁGINA AVULSA

Ouvi uma voz que me disse: «Desventurado, escreve as tuas agonias». Fiquei a pensar no estranho conselho que tão misteriosamente me chegara e, abancando, solitário, no silêncio da minha sala taciturna e fria, sôbre uma fôlha branca de papel deixei a pena correr livre como um ginete selvagem pela vasta e álgida solidão de uma estepe.

Tôda a noite lenta e longa passou, até que as janelas se foram dourando e o sol alegre de Abril resplandeceu magnífico.

Depois de tão penoso e incessante trabalhar noturno, por maravilha achei-me diante da mesma fôlha de papel, branca e virgem, sem o rastro mais sutil do andar da minha pena alígera.

Nem uma palavra escrita...

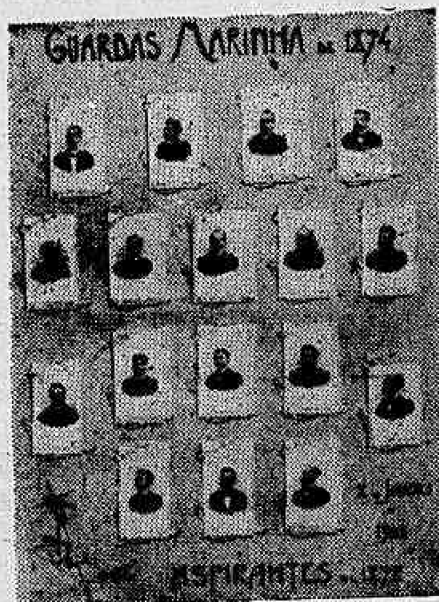
Chega êsse papel aos teus olhos, formosa; chega-o bem perto, tão perto que a luz das tuas pupilas radiantes aqueça a tinta simpática e hás de ver as lágrimas que aí estão encantadas aparecerem vestidas de luto. Pergunta-lhes — que fazem elas, como coéforas, sôbre tão vasta e merencórea nevada? E elas responderão, em unissono dolente, que são os ecos da minha angústia repetindo sempre, soluçadamente, teu nome tão doce, infiel, crudelíssima, inclemente adorada.

Coelho Neto.

★

— Eu acredito na metempsicose e estou muito convencido de que minha alma ainda há de habitar o corpo de um burro.

— Pois fica certo que não precisas morrer para isso.



CONTRACAPA da «Revista da Semana» de 2-3-1902, onde aparece (o segundo ao alto, a partir da esquerda) o Capitão-de-Fragata Batista das Neves, que oito anos mais tarde seria bàrbaramente sacrificado pelos seus comandados, durante a revolta capitaneada por João Cândido, no portaló do «Minas Gerais».

COSTUMES...

QUEM freqüentar uma casa de família brasileira há de forçosamente ouvir, a miúdo, as seguintes conversações:

— Para mim a melhor fruta que existe é a laranja...

— Ora, e onde fica o abacaxi?!

— Falem-me na manga! — diz um mocinho sentado na poltrona — A manga da Bahia é a rainha das frutas presentes, passadas e futuras.

— Da Bahia... protesto!... exclama convictamente o Antonico. De Pernambuco, se me faz favor! Mangas, só de Itamaracá.

— E' porque as de Itaparica nunca chegaram para teu bico! redargue o outro.

Entre os dois empenha-se renhida discussão sôbre o assunto.

Entretanto a companhia continua a discutir frutas.

D. Inês, com sua voz débil de pessoa doente, murmura:

— Eu gosto muito de sapoti...

— Para mim não há como fruta de conde, diz a sra. Teresa com os olhos concupiscentes e a língua molhada.

— Uma frutinha de que ninguém faz caso, mas da qual eu gosto muito é o jambo — segreda d. Carolina ao vizinho.

— Jambo? grita o Antonico, que ouviu de longe, isto é fruta de moça. Só tem perfume.

— E que dizem do abio? pergunta o dono da casa com seu vozeirão grave. Todos respondem ao mesmo tempo, mas opiniões disparatadas. Este diz que o abio é enjoativo, aquêle o acha delicioso, outro come mas não gosta; — o Antonico dá fim à polêmica berrando:

— Então esqueceram-se do grande abacate?

— Ah! o abacate é comigo! muge um doutor magricela, primo da casa.

— Apoiado. Fruta por excelência é o abacate! o mais é tolice.

O Antonico faz troça ao dr. Abacate.

D. Teresa, um tudo nada ruborizada, disfarça, murmurando:

— Muita gente aprecia o melão, porém eu não lhe acho graça.

Dividem-se as opiniões sôbre o melão, o Antonico grita como um possesso, defendendo-o (com o rapé), quando o doutor exclama:

— Vosmecês ainda não se lembraram de uma fruta saborosíssima...

Todos se voltam com gesto interrogativo.

— A excelentíssima sra. d. Jaca!

Balbúrdia. As moças delicadas exclamam: oh! oh! As gordas dão com a cabeça, concordando.

Todos riem da jaca.

O incorrigível Antonico açodadamente, derrubando uma cadeira, e tomando a mão do preopinante:

— Toque, doutor! Ponham-me em frente de uma jaca mole, que eu a comerei até Bernardo voltar. Pouco me importa com indigestões!

Opinam todos que a goiaba e o marmelo só para doce, à excessão do Antonico, que se declara cìnicamente papa-goiabas.

Tendo um irmão motejado por causa de seu amor às goiabas e bananas, o Antonico abespinha-se, e, de pé sôbre uma cadeira, troveja:

— A banana é a melhor fruta do mundo! E' o fruto brasileiro por excelência! Se alguém se atreve a menoscabar da banana cresça e apareça!

Muda bruscamente de tom:

— E esta, padre? Pois não nos íamos esquecendo do grande cajú?

O cajú foi recebido por um côro de aclamações.

Até nhô Cazuza, um genro barbadão e narigudo que havia saído da sala, gritou lá do quarto:

— Ah! fale-me no cajú... isto sim!

— Vejam, replicou o Antonico, se há frase mais brasileira, mais melíflua, mais dengosa do que esta:

— Nhô Cazuza, mecê quê chupá cajú?

E assim dizendo, o demônio do rapaz estorce-se todo e revira os olhos..

URBANO DUARTE.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 9 ★ 1-3-52

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 68 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

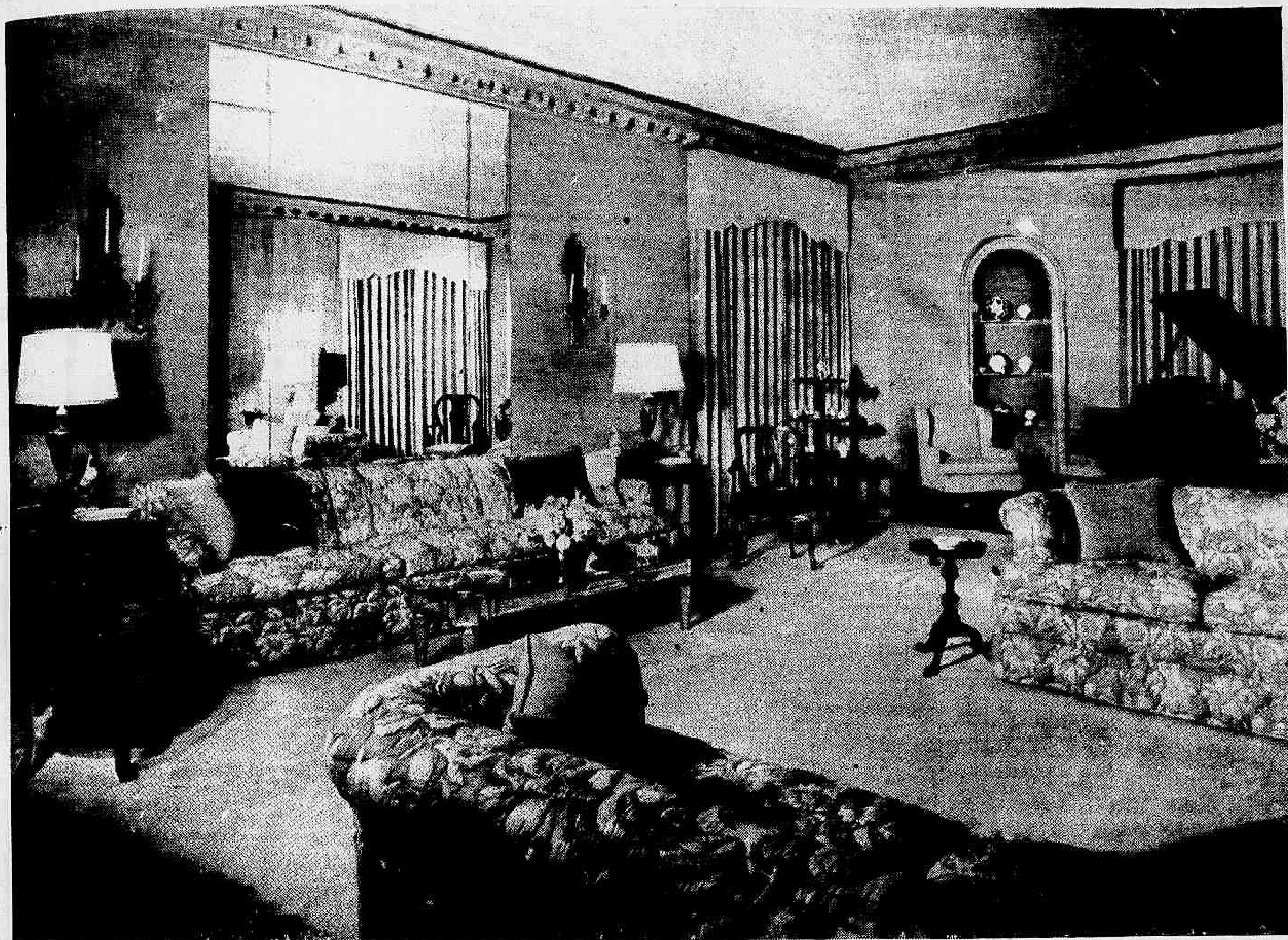
TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

M

T.
T.
de

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



cigarro Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ